

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**GINÁSTICA NA ESCOLA E A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA
AUDIOVISUAL (VÍDEO)**

AMARILIS OLIVEIRA CARVALHO

Orientadora: Prof^a Dr^a SURAYA CRISTINA DARIDO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no PPG - Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Subárea de Tecnologia, Corpo e Cultura)

Rio Claro
Estado de São Paulo
Março de 2012

796.41 Carvalho, Amarilis Oliveira
C331g Ginástica na escola e a utilização da tecnologia
audiovisual (vídeo) / Amarilis Oliveira Carvalho. - Rio Claro :
[s.n.], 2012
148 f. : il., figs., gráfs. + DVD

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Ginástica. 2. Educação física escolar. 3. Vídeo didático.
4. Classificação da ginástica. I. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais valiosas da minha vida: meus pais,
Roldão (in memorian) e Deuci.

AGRADECIMENTOS

À minha família sempre presente em todos os momentos da minha vida, meus pais, meu irmão Helder, meus sobrinhos Matheus e Ana Carolina, minha cunhada Priscilla, meus tios e primos. Por compreenderem a minha ausência e sempre torcer pelo meu sucesso.

Com carinho e admiração especial agradeço a minha orientadora Suraya Darido, que com paciência e sabedoria guiou meus passos durante esses anos. Obrigada por acreditar.

À Banca Examinadora Roberta Gaio e Sara Matthiesen pelas valiosas contribuições no decorrer da pesquisa

À querida D^a Ana Inês, diretora da EMEF. Prof. Carlos Pasquale, uma mulher guerreira e idealista que acredita em uma Educação pública com qualidade.

Ao Rogério que com seu conhecimento técnico colaborou com a produção e edição do vídeo.

À Fernanda, que sempre disposta, realizou a narração do vídeo com extrema competência.

Aos professores que gentilmente se prontificaram a colaborar no Grupo Focal.

Aos participantes do vídeo que permitiram a coleta das imagens.

Ao Osmar, Kika e Nathália, por fazer me sentir em casa, me acolhendo com carinho em todas as idas e vindas de Rio Claro.

Ao Luiz Gustavo e Aline, pelas ajudas na hora do sufoco.

Ao LETPEF, por ajudar a construir um caminho diferente para a Educação Física, em especial, André Minuzzo, Kiki, Anoel e Janaína. Companheiros.

À Luciana Venâncio por me incentivar a galgar novos horizontes.

Ao meu ex-coordenador Washington Nunes, que sempre esteve disposto a ouvir e refletir uma nova prática pedagógica.

Aos meus alunos de ontem, hoje e amanhã, razão por qual cada vez mais procuro o conhecimento, pois será por meio de uma Educação de qualidade que teremos um mundo melhor.

Enfim, a todos meus amigos, que fizeram ou fazem parte do meu caminhar.

RESUMO

A jornada extensiva da maioria dos professores, geralmente, atuando em mais de uma escola, com muitos alunos por turma, espaços e materiais deficientes, torna bastante complexa a tarefa de qualificar as suas aulas. Outro fator que pode dificultar o trabalho pedagógico do professor de Educação Física é a falta de materiais curriculares que o auxiliem no tratamento pedagógico da cultura corporal de movimento. Na Educação Física, os recursos didáticos que ampliam as discussões para além de questões técnicas e sequências motoras são reduzidos e escassos. Essa pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada em duas etapas: 1ª) produção de um vídeo didático sobre o conteúdo da ginástica, a partir da revisão de literatura e análise de propostas curriculares estaduais; 2ª) avaliação junto a seis professores da rede pública, as possibilidades de uso dessa tecnologia audiovisual, com a técnica de Grupo Focal. Assim, o objetivo desse estudo foi de produzir um vídeo didático com conhecimentos pertinentes sobre a ginástica. Além disto, avaliar as possibilidades de uso dessa tecnologia audiovisual, junto a professores atuantes no ensino fundamental público. Os resultados mostraram que as propostas curriculares citam com frequência a ginástica como conteúdo escolar, porém com ênfase na ginástica voltada para a saúde e para o esporte, de maneira reduzida das suas possibilidades. Os resultados também apontam uma ênfase na dimensão procedimental em relação a conceitual e atitudinal. O vídeo didático produzido teve como tema a classificação da ginástica, e ficará disponível aos interessados na internet. Os professores consultados indicaram diferentes possibilidades de usos do vídeo nas aulas de Educação Física, embora tenha ficado evidenciado as suas dificuldades em relação ao domínio dos conteúdos específicos da ginástica.

Palavras-chaves: Educação Física escolar; Ginástica; Vídeo didático.

ABSTRACT

The extensive journey of most teachers usually working in more than one school, with many students per class, disabled spaces and materials, makes quite a complex task to qualify their classes. Another factor that can make the job of teaching physical education teacher is the lack of curriculum materials to help with treatment of the pedagogical culture of body movement. In Physical Education, teaching resources that extend the discussion beyond technical issues and motor sequences are reduced and scarce. This research, qualitative in nature, was conducted in two stages: 1) producing an educational video about the contents of the club, from the literature review and analysis of curriculum proposals state; 2nd) evaluation with six public school teachers, the possibilities of this technology audiovisual, with the focus group technique. The objective of this study was to produce a teaching video with relevant knowledge about gymnastics. Furthermore, to evaluate the possibilities of using this audiovisual technology, with teachers working in public elementary education. The results showed that the curricular proposals frequently cite gymnastics as a school subject, but with an emphasis on health-oriented fitness and the sport, so reduced their possibilities. The results also suggest an emphasis on procedural dimension in relation to conceptual and attitudinal. The educational video produced was based on the classification of the club, and will be available to interested parties on the Internet. Teachers consulted indicated different possible uses of video in Physical Education classes, although it was evident their difficulties in relation to the area of content-specific fitness.

Keywords: Physical Education; Gymnastics; Video courseware

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Arte rupestre. **Pág.** 20
- Figura 2** – Vaso com representações de práticas corporais da Grécia Antiga. **Pág.** 22
- Figura 3** – A ginasta executa um exercício usando duas espadas, acompanhado por dois músicos, um no tubo e outro no tambor. Pintura do início de 1300. **Pág.** 23
- Figura 4** – Basel turnplatz. **Pág.** 27
- Figura 5** – Ginástica sueca. **Pág.** 29
- Figura 6** – Método francês. **Pág.** 30
- Figura 7** – Festival de ginástica, em 1893. **Pág.** 32
- Figura 8** – A diversidade da ginástica. **Pág.** 33
- Figura 9** – Ginástica para meninas: aula de Educação Física em Porto Alegre, na década de 1930. **Pág.** 35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A evolução da ginástica ao longo do tempo.	Pág. 19
Quadro 2 – Síntese dos quadros dos quadros sinópticos da origem das principais contribuições e figuras da evolução da ginástica.	Pág. 25
Quadro 3 – Classificação da ginástica I.	Pág. 39
Quadro 4 – Classificação da ginástica II.	Pág. 40
Quadro 5 – Tentativa de sistematização.	Pág. 60
Quadro 6 – Funções do vídeo no ensino.	Pág. 61
Quadro 7 – Descrição dos sujeitos.	Pág. 71
Quadro 8 – Como o conteúdo da ginástica é apresentado nas propostas curriculares.	Pág. 77
Quadro 9 – Em quais anos escolares a ginástica está presente nas propostas curriculares.	Pág. 79
Quadro 10 – Síntese dos temas referentes à ginástica nas propostas curriculares.	Pág. 80
Quadro 11 – Classificação da ginástica nas propostas curriculares.	Pág. 82
Quadro 12 – As dimensões dos conteúdos da ginástica nas propostas curriculares.	Pág. 89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proposta de classificação da ginástica.

Pág. 41

EPÍGRAFE

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”

(Paulo Freire, 1987, p.78)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVO	18
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 CONTEXTOS HISTÓRICOS DA GINÁSTICA	19
2.1.1 <i>As atividades físicas de sobrevivência da Pré-história</i>	20
2.1.1 <i>Os exercícios físicos da Antiguidade</i>	21
2.1.3 <i>As práticas corporais da Idade Média</i>	22
2.1.4 <i>Os métodos ginásticos europeus</i>	24
2.1.5 <i>A ginástica na Atualidade</i>	33
2.1.6 <i>A história da ginástica na escola brasileira</i>	34
2.2 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DA GINÁSTICA	38
2.2.1 <i>Ginástica para a saúde</i>	41
2.2.2 <i>Ginástica para a competição</i>	46
2.2.3 <i>Ginástica para a demonstração</i>	53
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	55
2.3.1 <i>A tecnologia audiovisual e a sua inserção no ambiente escolar</i>	55
2.3.2 <i>O que é um vídeo didático</i>	59
2.3.3 <i>Os usos do vídeo didático em sala de aula: aspectos positivos e negativos</i>	62
3. METODOLOGIA	66
3.1 ANALISAR NOS DOCUMENTOS OFICIAIS (PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS) CONHECIMENTOS DA GINÁSTICA PERTINENTES À PRODUÇÃO DE UM VÍDEO DIDÁTICO.	66
3.2 PRODUÇÃO DO VÍDEO DIDÁTICO SOBRE O CONTEÚDO DA GINÁSTICA.	67
3.2.1 <i>Pré-produção</i>	68
3.2.2 <i>Produção</i>	68
3.2.3 <i>Edição e finalização</i>	69
3.3 AVALIAR JUNTO A PROFESSORES DA REDE PÚBLICA OS USOS DO VÍDEO: A TÉCNICA DE GRUPO FOCAL.	70
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	75
4.1 ANÁLISE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS (PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS) CONHECIMENTOS DA GINÁSTICA PERTINENTES À PRODUÇÃO DE UM VÍDEO DIDÁTICO.	75
4.1.1 <i>A presença da ginástica nas propostas curriculares</i>	77
4.1.2 <i>A classificação da ginástica nas propostas curriculares estaduais</i>	80
4.1.3 <i>As dimensões dos conteúdos da ginástica nas propostas curriculares</i>	88
4.2 PRODUÇÃO DO VÍDEO DIDÁTICO SOBRE O CONTEÚDO DA GINÁSTICA.	90
4.2.1 <i>Pré-produção</i>	90
4.2.2 <i>Produção</i>	91
4.2.3 <i>Edição e Finalização</i>	91
4.3 AVALIAÇÃO JUNTO A PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DOS USOS DO VÍDEO: A TÉCNICA DO GRUPO FOCAL.....	92
4.3.1 <i>O conteúdo da ginástica no vídeo</i>	92
4.3.2 <i>Os usos do vídeo didático</i>	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
7. ANEXOS	135
7.1 ANEXO 1	136
7.2 ANEXO 2	141

7.3 ANEXO 3	142
7.4 ANEXO 4	145
7.5 ANEXO 5	146
7.6 ANEXO 6	147

1. INTRODUÇÃO

A ginástica entrou na minha vida, ainda na infância, por ocasião da Olimpíada de Montreal/1976, quando assistia aos raros momentos exibidos na televisão, pois as tecnologias da época não permitiam grandes transmissões ao vivo, e assim eu ficava atenta a qualquer notícia e informação nos poucos noticiários sobre o evento.

Foi em um desses raros momentos que assisti a um trecho da competição final de ginástica artística feminina. A plasticidade, a beleza e a harmonia dos movimentos me deixaram encantada, a ginasta que se apresentava era Nádia Comanecchi.

Sempre fui muito dinâmica e gostava das práticas corporais, participava de jogos e brincadeiras na rua, mas as aulas de Educação Física não eram interessantes, as atividades eram repetitivas e não apresentavam uma organização de seus conteúdos.

Com a realização de campeonatos escolares, fui selecionada para as equipes de ginástica e atletismo da escola, eu escolhi a ginástica. Tornei-me atleta na adolescência, situação que me acompanhou até a graduação.

Fiz o curso de licenciatura em Educação Física e sempre tive como objetivo atuar em escolas, principalmente na formação básica, mas a influência do esporte foi muito grande e acabei iniciando a profissão treinando equipes de ginástica para competições oficiais.

Quando me deparei à primeira vez com uma sala de aula na escola, foi mais fácil começar com o que eu sabia fazer: a ginástica, mas sempre havia uma lacuna, e buscava preenchê-la com cursos, leituras e atualizações.

Em minhas buscas questionava sobre quais conteúdos desenvolver com os alunos, se esses eram adequados e os objetivos seriam alcançados. Procurei diversificar os materiais e os recursos didáticos utilizados em aula. Por exemplo, algumas vezes, filmava as práticas dos alunos e após assistirmos as filmagens incentivava a discussão sobre os conceitos e conteúdos da aula.

Proporcionava situações de debates, resoluções de problemas, pesquisas, imagens, e tudo que pudesse ser transformado e apropriado pelos alunos, e com este conhecimento compreenderem a cultura corporal de movimento.

Após o curso de especialização em Pedagogia do Movimento, em 2001, iniciei um processo que se estende até hoje, com a participação no grupo de

estudos LETPEF¹, passei a pesquisar as minhas ações pedagógicas, aperfeiçoar e refletir sobre os conteúdos da Educação Física escolar.

Aproveitei toda a experiência com a ginástica para direcionar os meus estudos, projetos e pesquisas, com ênfase na escola.

Assim, o que me motivou a realização desse estudo foi a perspectiva, de melhorar a qualidade das aulas, na minha atuação profissional e a presença constante da ginástica na minha vida.

A ginástica no Brasil não apresenta uma tradição cultural muito forte, como a ginástica artística e rítmica nos países europeus ou a ioga nos países orientais, todavia nas últimas décadas muitos momentos marcantes têm colaborado para a mudança desse cenário no nosso país.

Atualmente é possível assistir transmissões ao vivo de competições de ginástica na televisão e internet, isso se deve aos resultados de atletas brasileiros, como Daiane dos Santos, Diego Hipólito e Jade Barbosa que são reconhecidos pela população em geral.

Mas a presença da ginástica no cotidiano das pessoas não se resume somente ao alto rendimento, conforme pesquisa divulgada, na Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios (SEBRAE, 2009) que estimam-se, em 15.551 empresas registradas no ramo de academias no Brasil e um giro de capital de US\$ 1, 11 bilhão, em 2009.

Nos mostra que a ginástica está cada vez mais popular. Praticada em muitos lugares, e não somente em ginásios especializados. É possível encontrar a ginástica em escolas, clubes, academias, parques, centros sociais e outros tantos espaços espalhados pelas cidades.

Todas essas práticas são parte da cultura corporal de movimento e deve estar presentes na Educação Física escolar, e proporcionar uma reflexão sobre suas transformações no decorrer da história, assim como, também, a evolução de suas características e peculiaridades.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN/BRASIL, 1998) a Educação Física escolar, propõe o desenvolvimento de ações pedagógicas relacionadas com a cultura corporal de movimento, que abrange as manifestações

¹ Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física/UNESP/Rio Claro.

corporais, construídas ao longo da história que são: os jogos e brincadeiras, as lutas, as danças, os esportes e as ginásticas.

O professor deve fazer com que o aluno se aproprie dos fatos, acontecimentos, origens, vivências, objetivos, conceitos e valores sobre o conteúdo da ginástica, o que não é algo fácil.

As aulas de Educação Física nas escolas costumam ser estimuladas pela competição, seguindo regras determinadas pelo esporte de alto nível, e muitas vezes, com conteúdos reduzidos e fragmentados.

Conforme Schiavon; Nista-Piccolo (2007) apontam, é possível perceber a dificuldade encontrada pelos professores, no desenvolvimento do conteúdo da ginástica nas aulas de Educação Física, os primeiros obstáculos são os espaços físicos das escolas e a falta de materiais adequados.

Nunomura; Tsukamoto (2009) indicam que a ausência do conteúdo da ginástica nas aulas de Educação Física escolar, ocorre devido a diversos fatores, sendo eles: a formação inicial do profissional, a carência de literatura e a pouca importância dada ao conteúdo pelos diferentes atores escolares.

No entanto, as autoras corroboram, ao afirmarem, o que irá interferir significativamente no desenvolvimento da ginástica como conteúdo é a capacidade do professor de incluir esse conhecimento efetivamente no Projeto Político Pedagógico da escola.

O professor, além de ser responsável pelas ações pedagógicas cotidianas, entre as suas atribuições tem a árdua tarefa de selecionar, organizar, tematizar, experimentar e aplicar os conteúdos da cultura corporal.

Sabe-se que isto não é pouco, e somado a jornada extensiva da maioria dos professores, geralmente, atuando em mais de uma escola, torna-se bastante complexa a tarefa de qualificar as suas aulas.

Isso sem contar o trabalho burocrático necessário nas escolas como: avaliações, relatórios, diários, boletins e reuniões. O tempo do professor para a organização do trabalho pedagógico do conteúdo acaba sendo muito restrito.

Outro fator é a falta de materiais curriculares que auxiliem o professor no tratamento pedagógico, não há uma produção de materiais significativos que ampliem as discussões para além de questões técnicas e sequências motoras (DARIDO et al., 2010).

Percebemos assim, uma dificuldade de localizar materiais curriculares pelos professores de Educação Física, causado pela escassez dessa produção, além da tradição da área de vincular aos seus objetivos somente materiais relacionados aos procedimentos, como bolas, cordas, arcos, cones e outros.

Como ressalta Rodrigues (2009) a produção de livros didáticos em Educação Física é praticamente nula, os registros apontam apenas para poucos manuais técnicos.

O mesmo pode observar em outros formatos de materiais curriculares. No portal de domínio público² do Ministério da Educação (MEC) há um acervo de vídeos, aulas, textos e experimentos online, de apoio para o professor, porém não há registros de produções direcionadas ao desenvolvimento do conteúdo da ginástica na escola.

Enquanto as outras disciplinas escolares têm a sua frente uma variedade de livros didáticos, vídeos, softwares e aplicativos para desencadear discussões e debates sobre a importância e relevância dos conteúdos, a baixa produção de materiais curriculares na Educação Física, pode dificultar o trabalho do professor durante a aula.

Hoje em dia, a velocidade e a globalização das informações estão transformando o tempo e espaço de aprendizagem, o aluno tem acesso a muito mais tecnologias e geralmente as domina plenamente. Será que a Educação Física não deveria levar em conta esse interesse dos jovens pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)?

As TIC estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar. Os usos dessas tecnologias permitem a criação e produção de materiais que proporcionam novas possibilidades de aprendizagem.

O uso do vídeo didático nas aulas pode ser uma ferramenta relevante na aplicação dos temas relacionados ao conteúdo da ginástica. Sua veiculação pode ser realizada por mídias, CDs ou DVDs, ou pela internet e com isso dar uma acessibilidade maior aos professores e alunos, tanto no decorrer da aula, como fora do ambiente escolar.

² www.mec.gov.br. Bancos de dados de domínio público. Acesso em 21/10/2011.

Assim, o que me motivou a realização desse estudo, foi à perspectiva de melhorar a qualidade das aulas, na minha atuação profissional e a presença constante da ginástica na minha vida.

Hoje percebo que se tivesse tido a oportunidade de vivenciar, discutir, pesquisar, questionar e refletir a ginástica nas aulas de Educação Física, compreenderia melhor o contexto histórico e a complexidade daquelas imagens, que assisti no ano de 1976, no momento da primeira ginasta do mundo a receber nota dez em uma Olimpíada.

Acreditamos que a produção de um vídeo didático sobre a ginástica favorecerá uma aprendizagem mais significativa do aluno, na medida em que este material poderá ser utilizado durante as aulas pelos professores. Esse recurso didático poderá levar o aluno a conhecer e compreender a contextualização histórica, a classificação e os fundamentos das ginásticas, temas defendidos por diferentes autores (GAIO, 2010; AYOUB, 2003; RINALDI; SOUZA, 2003; DARIDO, 2003 e etc.) para ser tratada na Educação Física escolar.

Mas como o professor faria uso dessa tecnologia audiovisual? Seu trabalho pedagógico seria facilitado com este material? De que maneira?

Como justificativa para a realização dessa pesquisa pode-se destacar a escassez de materiais curriculares que envolvam o tratamento pedagógico dos conteúdos da ginástica, o que proporciona lacunas sobre o tema e inviabiliza ou dificulta que muitas questões sejam aprofundadas. Nesse contexto, é importante considerar a evolução das TIC, o que sugere a produção de um material curricular relacionado com essas novas tecnologias. No caso desta pesquisa, optou-se pelo vídeo didático, tendo em vista a sua concepção e produção, na tentativa de contribuir com avanços à reflexão e compreensão da ginástica na escola.

Conhecer a opinião dos professores sobre os usos do vídeo em aulas de Educação Física na escola pode oferecer indicativos importantes para a formação de futuros docentes, que efetivamente passem a empregar as novas tecnologias da informação de modo geral, e em particular, materiais que abordem a ginástica.

1.1 Objetivo

O objetivo desse estudo foi a produção de um vídeo didático sobre a ginástica, construído a partir da revisão de literatura e análise de documentos oficiais (propostas curriculares estaduais). Além disso, avaliou-se as possibilidades dos usos dessa tecnologia audiovisual, junto a professores atuantes no Ensino Fundamental público.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Contextos históricos da ginástica

Para alcançar o objetivo deste estudo sobre o conteúdo da ginástica se faz necessário realizar uma contextualização histórica da sua origem e evolução.

No Quadro 1, podemos observar uma síntese da linha temporal, situando as circunstâncias e os objetivos da ginástica em cada época:

Quadro 1 - A evolução da ginástica ao longo do tempo³

A EVOLUÇÃO DA GINÁSTICA AO LONGO DO TEMPO		
Circunstâncias	Objetivos	
Pré-história (até 4.000 a.C.)	Atividades físicas de sobrevivência. Luta pela vida	
Antiguidade (4.000 a. C. a 476 d. C.)	Exercícios físicos	Oriente Religiosos, terapêuticos e guerreiros.
		Grécia Atenas – a formação do cidadão integral. Esparta – o guerreiro.
		Roma As conquistas, o guerreiro e o circo.
Idade Média (476 d. C. a 1.453 d. C.)	Feudalismo	O cavaleiro e a luta pelos ideais religiosos.
Idade Moderna (1.453 d. C. a 1.789 d. C.)	Métodos ginásticos europeus	Manter a saúde.
Idade Contemporânea (1.789 d. C. até os dias de hoje)	Ginástica	O ser humano como unidade psicobiológica, atendido em seus aspectos físicos, psíquicos e intelectuais, a Educação Física como realidade educacional.

A compreensão desse processo histórico das atividades físicas de sobrevivência, dos exercícios físicos da Antiguidade, os métodos ginásticos europeus até a imensa diversidade dos vários tipos de ginástica que observamos na contemporaneidade, permitirá uma reflexão sobre os seus objetivos, características e peculiaridades, além das suas transformações ao longo do tempo.

³ Fonte: Adaptação de Langlade; Langlade (1970, p.19).

2.1.1 As atividades físicas de sobrevivência da Pré-história

As atividades físicas acompanham o ser humano desde os mais remotos tempos, os movimentos de correr, saltar, arremessar, escalar, lançar entre tantos outros, eram atividades do cotidiano que exigiam grande esforço físico, utilizados de forma utilitária para a sobrevivência.

De acordo com Ramos (1983), as práticas utilitárias, transmitidas de geração em geração, serviam para a manutenção da vida. E as práticas corporais constituíam de atos respeitosos em festividades e culto aos mortos.

Segundo Souza (1997) essas práticas corporais eram apresentadas em forma de dança com caráter lúdico ou relacionada aos rituais religiosos e alguns jogos.

Tais situações foram observadas e analisadas em pinturas rupestres, como podemos observar na Figura 1, a qual apresenta um momento de caça.

Figura 1 - Arte rupestre⁴



No decorrer da história, essas práticas corporais foram se transformando, influenciadas pelas características e necessidades culturais de cada região. Advindas de atividades físicas para a sobrevivência como: se deslocar na água, na

⁴ Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/be/Henarup.jpg?uselang=pt>, acesso em 04/11/2011

neve, nas montanhas, nos rituais de dança, na caça, na pesca, na utilização de animais entre outros.

2.1.1 Os exercícios físicos da Antiguidade

A partir da Antiguidade, muitos registros comprovam uma prática milenar de exercícios físicos metódicos, que faziam parte das práticas corporais comuns de países como a China e a Índia.

Azevedo (1960) aponta que os chineses são os precursores no estudo fisiológico e sanitário dos exercícios físicos, e suas habilidades estão registradas em escritos antigos como o “The Cong-fou of the Tao-Tse”. Na Índia, a leitura dos “Vedas” (antigos registros do hinduísmo), permite visualizar preceitos médicos sobre o movimento e outras práticas corporais.

Conforme Cabral (2004) não é exagero afirmar que a civilização ocidental, no seu passado, mais recebeu da oriental do que a ela deu. Apesar dos registros apresentarem indícios de que antigas práticas corporais eram sistematizadas e praticadas no Oriente, nada se compara com as disputas atléticas das culturas ocidentais, nas quais se originam a maioria das ginásticas que conhecemos atualmente.

Segundo Ramos (1983), a ginástica na Grécia era dividida em dois grupos: a orquéstica e a paléstrica, na primeira tinha um enfoque voltado para a formação cultural e moral dos jovens, atitudes, música, dignidade do cidadão, danças rítmicas e na outra, diversas modalidades de exercícios físicos realizados nos ginásios para o preparo de atletas e apresentações ao público.

Cabral (2004) descreve que um dos mais antigos exercícios praticados nas apresentações públicas, era o salto acrobático (kybístema). Essa exibição consistia na execução de um salto sobre um touro, considerado perigoso, o saltador apoiava as mãos nos chifres do animal que lançava seu corpo ao ar e este realizava um mortal, aterrissando em pé no dorso do touro, em seguida o apoio dos pés no solo.

Ramos (1983) considera que na Grécia, a prática de exercícios sistematizados era considerada de extrema importância para a educação geral do indivíduo. Abrangiam corridas a pé, corridas de carros, saltos, danças e lutas, os gregos foram os idealizadores de escolas para o treinamento de atletas com objetivo de exibições em público e nos “ginásios”, como nos mostra a Figura 2.

Figura 2 - Vaso com representações de práticas corporais da Grécia Antiga ⁵



Na cidade de Atenas, os exercícios físicos eram valorizados e a educação corporal tinha um lugar de destaque, em contrapartida, em Esparta o treinamento servia para a preparação de homens para a guerra.

Brikina (1991) aponta que ao longo da história, os exercícios físicos foram assumindo diferentes sentidos e significados, esses interligados com os interesses hegemônicos de cada época.

Durante o domínio do Império Romano na Europa, apesar das influências gregas, os exercícios físicos eram realizados com finalidades voltadas para os objetivos militares. Com a decadência do domínio romano surgiu os espetáculos cruéis com o combate de gladiadores e animais.

Muitos foram os objetivos responsáveis pelas transformações das práticas corporais, sempre vinculados às necessidades das civilizações, que podiam ser voltadas para a guerra, saúde, lazer ou pedagógico (ALMEIDA, 2005).

2.1.3 As práticas corporais da Idade Média

A Idade Média não foi um período totalmente improdutivo, no início houve uma negação dos aspectos culturais herdados das antigas civilizações, mas depois

⁵ Fonte: <http://Ancient Greek Terracotta Vessel with Battle Scenes and Ships>, acesso em 04/11/2011.

as retomadas dos ideais clássicos da Antiguidade trouxeram novas idéias e concepções (RAMOS, 1983).

Durante este período as questões relacionadas ao corpo foram rejeitadas pelas concepções sociais e políticas da época, porém algumas práticas corporais mantiveram-se populares.

Souza (1997) destaca que nessa época, a Igreja investiu muito nas Cruzadas, e as práticas corporais que remetessem a Antiguidade foram abolidas, os exercícios físicos eram voltados para a preparação dos cavaleiros, com o forte desenvolvimento da esgrima e equitação.

Tanto Ramos (1983) como Souza (1997) indicou a existência de alguns jogos simples com pelotas, jogos com raquetas, a caça e a pesca, que foram mantidos na cultura popular. Brikina (1991) descreve que a prática da acrobacia sobreviveu a este período, por meio dos artistas/acrobatas e funâmbulos, a Figura 3 ilustra as apresentações acrobáticas nos palácios e ruas, e tinha como finalidade a diversão dos reis, senhores feudais e cidadãos.

Figura 3 - A ginasta executa um exercício usando duas espadas, acompanhado por dois músicos, um no tubo e outro no tambor. Pintura do início de 1300 ⁶.



⁶ Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gymnaststaborpipes.gif>

Entre o século XV e XVIII, o Renascimento contestou as ideias medievais europeias e criaram processos educativos com bases científicas e estéticas. A arte, a música, a pintura revelaram novos conceitos, os inúmeros estudos anatômicos e fisiológicos inspiraram os artistas e cientistas.

O Renascimento readaptou os ideais clássicos da vida natural, surgiu assim um novo sentir e uma nova filosofia a respeito do corpo e seus cuidados.

Conforme Soares (1994) rompeu-se com um conjunto de exercitações que valorizavam o divertimento e lazer, transformaram os objetivos das práticas corporais populares em exercícios sistematizados por homens da ciência.

Langlade; Langlade (1970, p.21) ressaltam:

[...] as magníficas escolas do Renascimento fizeram da Educação Física, uma parte importante da educação e incluíram nos programas de atividades os exercícios de equitação, as corridas, os saltos, a esgrima, e os diversos jogos com pelotas e etc., que eram praticados todos os dias por alunos, ao ar livre e sem limitação de tempo. (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

Para Cesário; Pereira (2007) é o início da padronização dos exercícios físicos, e as práticas corporais assumem novos códigos, exigidos pela organização científica da época, neste contexto nascem os diferentes métodos e técnicas de ginástica.

As práticas corporais que não fossem pautadas nos preceitos científicos, passam a ser ignoradas e desprezadas, e as sistematizações e métodos de treinamento valorizados (BORTOLETO, 2010).

2.1.4 Os métodos ginásticos europeus

Por volta do século de 1800, surgiram em diferentes regiões da Europa, formas distintas de encarar os exercícios físicos, os chamados métodos ginásticos europeus.

Segundo Langlade; Langlade (1970) até 1800 os exercícios físicos eram formas comuns de jogos populares, danças e modalidades do atletismo, a ginástica como vemos, atualmente, só começou a ser moldada a partir dos movimentos ginásticos europeus.

Esses “métodos” voltados para a sistematização da ginástica tiveram suas principais origens em três países: Alemanha, Suécia e França.

De acordo com Betti (1991), uma quarta escola seria na Inglaterra, mas sua concepção voltou-se para os jogos atléticos e esportes.

Soares (1994, p.21) descreve:

[...] que os movimentos ginásticos europeus são responsáveis, pelas elaborações das primeiras teorias da Educação Física, pois refletiam um pensamento moderno e organizado em torno das práticas corporais com idéias de vigor, saúde, energia e moral voltadas para a sua aplicação. (SOARES, 1994).

As bases científicas valorizavam e justificavam os métodos como uma forma eficaz de manter a saúde e desenvolver a educação moral e cívica.

Brochado; Brochado (2005) afirmam que foi o grande marco histórico para a ginástica, que passa a ser incluída nas escolas com a criação de programas específicos para a sua prática.

Langlade; Langlade (1970) dividem este momento em três períodos distintos, como podemos observar no Quadro 2:

Quadro 2 - Síntese dos quadros sinópticos da origem das principais contribuições e figuras da evolução da ginástica.⁷

Períodos	OS MÉTODOS GINÁSTICOS EUROPEUS		
1700 a 1900 “escolas”	Escola alemã Evolução e difusão da ginástica, a partir da obra de Basedow (1723-1790). Precusores: Guts Muths (1759-1839), Jahn (1778-1852) e Spiess (1810-1858).	Escola sueca Nachtegall (1777-1847) foi quem propagou as idéias de Guts Muths na Escandinávia. Precusores: Pedro Enrique Ling (1776-1839) e Hjalmar Ling (1820-1886)	Escola francesa Francisco Amóros y Ondeano (1770-1848) elaborou uma ginástica com base na escola alemã. Precusores: Clias (1782-1854), Demeny (1850-1917) e Hébert (1875-1956)
1900 a 1939 “movimentos”	Movimento do Centro (Alemanha, Suíça e Áustria)	Movimento do Norte (países nórdicos)	Movimento do Oeste (países do oeste europeu)
1939 em diante “universalização”	Primeira Lingíada – momento de ampliação do conhecimento e difusão das escolas, sistemas, linhas e métodos de trabalho. Iniciam-se as “influências recíprocas” e “universalização” das concepções ginásticas. Segunda Lingíada – demonstração dos resultados das “influências recíprocas” das escolas, sistemas, linhas e métodos da ginástica.		

“As escolas” foram pautadas nos princípios da ciência da época, construídas com particularidades de cada cultura e país assim como, também, com a ideologia

⁷ Langlade; Langlade (1970, p.20 e 36).

de seus precursores, tinham objetivos finais comuns: manter a saúde de seu povo livre de doenças e pragas, preparar soldados para um eventual ataque e elevar a moral (SOARES, 1994).

A Escola alemã

O método alemão teve sua origem em 1774, no “Filantropinum”, com a escola do pedagogo Johann Bernhard Basedow, admirador e estudioso da cultura helênica. Basedow fez dos exercícios físicos uma parte distinta em seus programas educativos na escola primária. Sua escola iniciou o primeiro programa moderno de Educação Física, e compreendia exercícios de corridas, saltos, arremessos e lutas voltados para a saúde (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

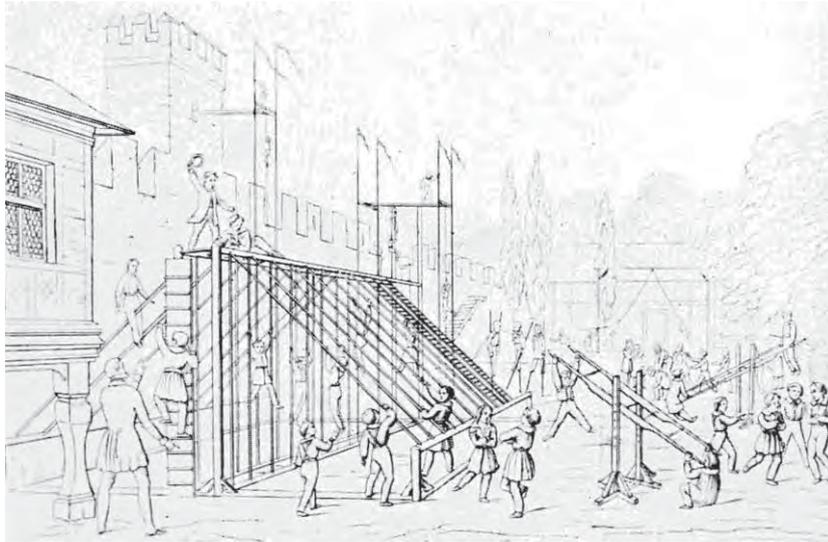
Em 1784, um instituto semelhante ao Filantropinum, foi fundado por Johann Cristoph Friedrich Guts Muths, que experimentou novas atividades e aparelhos, elaborou um sistema diferente de trabalho, que ficou conhecido como “ginástica natural”. Para Guts Muths, a ginástica era um meio educativo fundamental para a formação dos indivíduos e, conseqüentemente, da nação alemã, escreveu a obra “Ginástica para jovens”, em 1793 (SOARES, 1994).

Em 1811, Jahn inaugurou em Berlim, o primeiro “Turnplatz”⁸, Figura 4, e substituiu a palavra “*gimnasia*” por “turnkunst”⁹, “seu objetivo era desenvolver a autoconfiança, autodisciplina, independência, lealdade e obediência” (PÚBLIO, 2005, p.17).

⁸ “Local de ginástica”.

⁹ Por considerar a palavra de origem alemã mais fidedigna aos seus ideais. “Arte ginástica”.

Figura 4 - Basel Turnplatz,¹⁰.



Betti (1991) discute que a relação entre a Educação Física e o nacionalismo europeu atingiu seu auge na Alemanha, no século XIX, com Friedrich Ludwig Jahn, responsável pela criação do movimento denominado “Turnen”¹¹.

Tanto Betti (2001) como Públio (2005) corroboram ao afirmar que o propósito de Jahn, era proporcionar o desenvolvimento de uma vida ativa, saudável, em comunhão com o ar livre e despertar nos jovens o espírito público, que um dia poderia servir à nação, principalmente, no combate aos avanços das tropas napoleônicas.

Sua metodologia consistia em jogos e exercícios de correr, saltar, arremessar e lutar, além do uso de aparatos utilizados como barras para suspender e varas para arremessar em alvos.

No período de 1820 a 1842, aconteceu o “Bloqueio Ginástico” na Alemanha, a ginástica, antes com objetivos militares, higienistas e disciplinadores, passou a ser considerada como um perigo para as mentes jovens. Jahn foi preso e seus seguidores que não tiveram o mesmo fim, buscaram o exílio em outros países e continuaram difundindo a ginástica (PÚBLIO, 1998).

Ao ser libertado Jahn foi proibido de atuar com os jovens, mesmo assim seus ideais continuaram sendo disseminados pelas mãos de seus seguidores.

¹⁰ Desenho retirado de uma placa do livro de Adolph Spiess “*Turnbuch für Schulen*”, 1847. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Basel_Turnplatz.jpg, acesso em 04/11/2011.

¹¹ Seu objetivo imediato era o fortalecimento físico e moral da juventude alemã para a libertação do país do domínio dos franceses.

Nas escolas alemãs, a ginástica foi introduzida por Adolph Spiess, que criou um sistema adaptado dos ideais de Guts Muths, com objetivos pedagógicos, integrados ao currículo escolar, com bastante ênfase à disciplina, desenvolvimento eficiente e completo de todas as partes do corpo.

De acordo com Soares (1994), Guts Muths e Jahn, preocuparam-se com os exercícios destinados às massas, Spiess com a ginástica na escola.

A Escola sueca

Segundo Langlade; Langlade (1970), o método sueco teve a influência do dinamarquês Franz Natchtegall, quando no ano de 1799, fundou em Copenhague, o primeiro instituto privado de ginástica da Europa. Nesse mesmo ano, recebeu o sueco Pedro Enrique Ling, que o auxiliou nas atividades do instituto, durante alguns anos, e quando voltou ao seu país, começou a trabalhar com a ginástica na universidade.

Naquele momento a Suécia precisava de bons operários, para suprir o desenvolvimento da indústria, e de soldados sempre em forma, para as ameaças de guerra, que eram constantes no cenário europeu da época.

Seus exercícios pautavam-se no desenvolvimento tanto da estética como na fisiologia do corpo, de execução lenta e metódica, apresentava regras de higiene, utilizava menos aparelhos e suas práticas exigiam extensão e flexão tanto dos membros superiores como inferiores (AZEVEDO, 1960).

Gaio (2007) indica que Ling fundamentou o sistema sueco, na anatomia e fisiologia do corpo humano, apoiou a sua execução em princípios estéticos e pedagógicos. Seus exercícios eram mecânicos, construídos e combinados e seus objetivos era desenvolver as forças vitais do indivíduo e melhorar a saúde.

Hjalmar Ling, filho de Pedro Enrique Ling, sistematizou, ordenou e completou a obra de seu pai, dando-lhe maior visibilidade e reconhecimento. Enquanto seu pai dedicou-se a criar métodos voltados aos jovens e adolescentes, Hjalmar Ling preocupou-se com as crianças no ambiente escolar. Construiu as chamadas “tabelas ginásticas”¹², e desenvolveu um método com o princípio da totalidade, como podemos observar na Figura 5. (LANGLADE; LANGLADE, 1970)

¹² Sequências de exercícios ginásticos

Figura 5 - Ginástica sueca¹³.



Seus seguidores continuaram a oferecer muitas contribuições ao método, algumas notáveis, mas sempre próximas das ideias medulares dos Ling.

A Escola francesa

Em 1817, D. Francisco Amorós y Ondeano, militar espanhol, refugiado na França, por razões políticas, abriu um ginásio particular em Paris, o “Gimnasio Normal Militar”, sua ginástica tinha como base, os exercícios da escola alemã, modificados, especialmente, ao que se refere, aos aparatos (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

Estudos de Amorós acentuaram o interesse de pesquisadores da biologia e fisiologia, assim como das áreas da saúde e medicina, o que fez elevar o status da ginástica nos ideais da sociedade da época.

Soares (1994) aponta que foi com bastante êxito, que a ginástica francesa, em 1850, passa a ser obrigatória nas escolas, orientada por profissionais do exército.

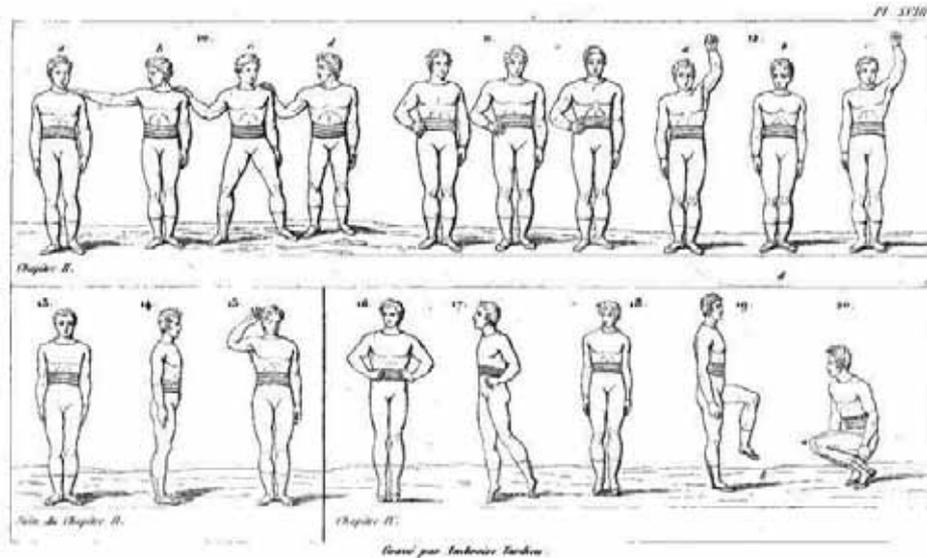
O exército francês que se encontrava em dificuldades com a preparação de soldados, usou a ginástica como uma “receita” para desenvolver homens fortes e viris prontos para os combates da guerra.

Amorós indicava os exercícios físicos como uma maneira de fortalecer o homem e assim poder vencer os obstáculos e dificuldades do cotidiano, mantendo-se saudável, além da prestação de serviços ao Estado, exercícios como os

¹³ Fonte: http://ginasticasueca.zip.net/imagens/pag23_3.jpg, acesso em 04/11/2011

apresentados na Figura 6, eram realizados sistematicamente. (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

Figura 6 - Método francês¹⁴.



Para Soares (1994) o método francês tem a sua concepção baseada no direito que todo cidadão têm “direito à educação”, e assim a formação de um indivíduo deve ser “universal e completa”.

Após mais de 100 anos de afirmação e prática da ginástica, com base nas concepções e finalidades de cada escola, despertaram-se novas ideias e mudanças significativas que serão denominadas de “Os grandes movimentos”.

“Os grandes movimentos” (1900-1939)

A valorização da ginástica em seus aspectos educacionais e médicos fez com que, inúmeros estudos fossem publicados e a prática se estendeu para diversos países, causando uma proliferação desta atividade por toda a Europa (FIORIN, 2002)

Vemos que desse modo, tanto na Alemanha, na Suécia e na França, a ginástica teve uma grande aceitação alcançando toda a população de maneira geral, assim como outras regiões da Europa, indo de encontro com os valores e anseios presentes na época. A ginástica podia atender a diversas finalidades, suas correntes

¹⁴ <http://aimable-faubourien.blogspot.com/2010/05/causiere-sur-la-gymanstique-e-paz-1869.html>

foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas e ganhando cada vez mais independência, com características e peculiaridades distintas entre si.

Os países que corroboravam as mesmas concepções começaram a desenvolver os métodos de forma conjunta e complementar, surgiram então: “os grandes movimentos”.

Esses “grandes movimentos” ocorreram em três regiões da Europa: o Movimento do centro (Alemanha, Suíça e Áustria), o Movimento do norte (países nórdicos) e o Movimento do oeste (países do oeste europeu).

Acreditamos que os “grandes movimentos” são os responsáveis pelo aparecimento da (s) ginástica (s) que temos atualmente. Em 1939, iniciou-se o período chamado de “Influências recíprocas e universalização dos conceitos”, momento em que o conhecimento desenvolvido em cada escola foi confrontado e seus conceitos passam a ser universalizados, ou seja, há uma interação e integração entre os métodos.

“As influências recíprocas e universalização dos conceitos” (1939 em diante)

Com a realização da 1ª e 2ª Lingíada¹⁵, os estudiosos especializados em ginástica, tiveram a oportunidade de observar, comparar e discutir as técnicas, formas de execução dos exercícios físicos realizados nas escolas, sistemas, métodos e linhas.

As Lingíadas foram grandes exposições de ginásticas organizadas com o intuito de celebrar a prática desta em seus diversos aspectos, interpretações e vertentes pedagógicas (FIORIN, 2002)

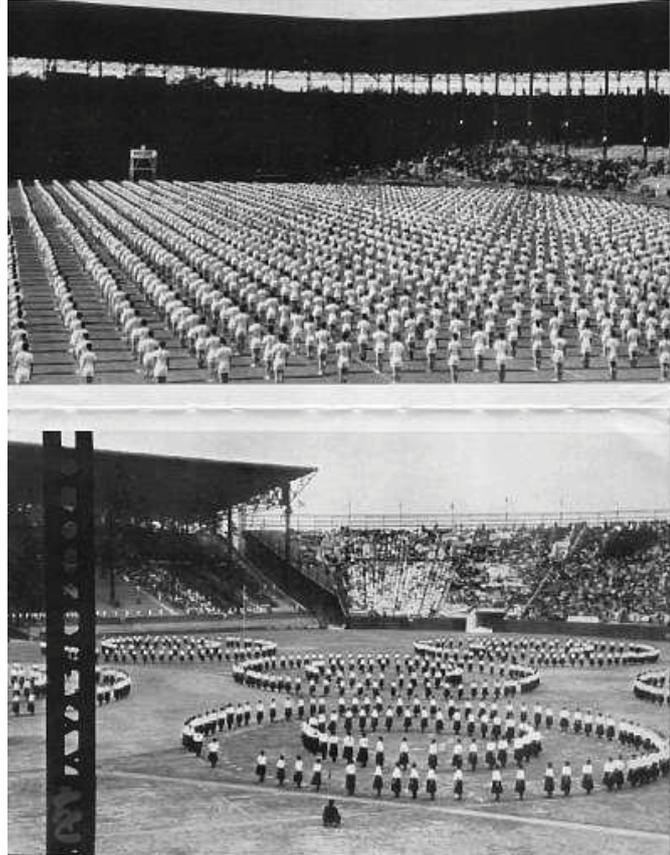
Segundo Ramos (1983, p.197)

[...] a todos que assistiram as duas Lingíadas foi dada a rara oportunidade de ver reunidos, nas apresentações, diferentes modalidades de exercícios físicos e os maiores padrões de eficiência ginástica. Disse alguém que elas se converteram no ‘empório’ dos valores espirituais das atividades corporais (RAMOS, 1983).

¹⁵ Evento que reuniu praticantes de ginástica das várias regiões da Europa, em homenagem a Ling.

As demonstrações de ginástica, era o auge do evento, não havia medalhas, nem ganhadores. A ginástica como espetáculo, como no exemplo da Figura 7 (FIORIN, 2002)

Figura 7 - Festival de Ginástica, em 1893¹⁶.



Com estes encontros foi possível disseminar os ideais de cada método e assim possibilitar as “Influências recíprocas”, com o enriquecimento e adaptações por meio da aquisição de novas técnicas e vice-versa.

A partir da 2ª Lingíada, em 1949, a ginástica começou a “Universalizar seus conceitos”, com a busca de uma padronização dos sistemas. Nesse momento, a ginástica, portanto, também sofre influências das concepções esportivas, sendo que algumas de suas práticas passam a existir em programas de competições internacionais (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

¹⁶ Fonte: http://e.jmas.com.jcsmiscjcs/02_gymnastics_1937.jpg

A “ginástica”, já foi sinônimo de vários tipos de prática corporal, com o passar do tempo e com sua evolução, especialmente a partir dos movimentos europeus, surgiram diversas correntes e interpretações.

2.1.5 A ginástica na Atualidade

As ginásticas que vemos hoje são derivadas de ideais comuns, que entendia como sendo sinônimo de um conjunto de atividades físicas. Na sua origem, a ginástica significava exercitar-se. Posteriormente é que foram acrescentadas finalidades diferentes para o exercício e é neste ponto que começamos a identificar os adjetivos que complementam a palavra ginástica, e que, atualmente passível de diversos olhares e interpretações (FIORIN, 2002)

Como podemos observar na Figura 8, a diversidade da ginástica é muito ampla e dinâmica está em constante transformação, assim como a cultura corporal de movimento.

Figura 8 - A diversidade da ginástica¹⁷.



¹⁷ Acervo pessoal da autora desse trabalho, julho e agosto de 2011.

No trecho do artigo de Cesário; Pereira (2007, p. 1), pode-se observar como a ginástica é apresentada na atualidade, como também quais os fatores que mais as influenciam:

Na contemporaneidade, constatamos diferentes manifestações, tipos e classificações de Ginástica (...). Enfim, apesar das diversas nomenclaturas utilizadas, das diferentes manifestações construídas historicamente, o que podemos caracterizar enquanto Ginástica? O entendimento acerca dessa manifestação corporal nos remete, numa primeira instância, a pensá-la enquanto atividade que, ao longo da História da Humanidade, foi assumindo diferentes sentidos e significados, de acordo com os interesses hegemônicos em cada época (CESÁRIO; PEREIRA, 2007).

É uma tarefa extremamente árdua definir a ginástica. É um conteúdo com muitas interfaces desde os seus primórdios e talvez nunca haja uma única definição que dê conta de explicar a sua totalidade.

2.1.6 A história da ginástica na escola brasileira

No final do século XIX e início do século XX, a Educação Física entrou na escola brasileira com a importação dos sistemas e métodos ginásticos europeus (alemão, sueco e francês), que predominaram até por volta da década de 1960.

Públio (1998) destaca que o método alemão teve a sua introdução no Brasil, com a chegada dos imigrantes alemães no sul do país. Castellani Filho (1988) indica que a oficialização do método alemão se dá em 1860, por conta da nomeação do alferes do Estado Maior, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, e contramestre de ginástica da Escola Militar. Permaneceu oficial até 1912.

Com a Reforma Couto Ferraz, em 1882, Rui Barbosa defendeu a ginástica sueca para as escolas, por acreditar ter um caráter mais pedagógico (VENÂNCIO; CARREIRO, 2005).

Soares (1998) aponta que a chegada do método francês se deu em 1907, com a fundação da Missão Militar francesa, embrião da Escola de Educação Física da Força Militar do Estado de São Paulo. Porém sua oficialização só aconteceu, em 12 de abril de 1921, com o Decreto nº 14.784.

A influência dos métodos ginásticos europeus é facilmente observada em registros fotográficos da época como podemos observar na Figura 9.

Figura 9 - Ginástica para meninas: aula de Educação Física escolar em Porto Alegre, na década de 1930¹⁸.



De acordo com Rinaldi (2005, p.56):

Os métodos ginásticos tiveram hegemonia na Educação Física escolar brasileira até por volta de 1940, quando chega ao Brasil, o Método Desportivo Generalizado, influência do esporte. A partir de 1950, o esporte tem uma grande expansão com o modelo tecnicista (RINALDI, 2005).

A ginástica, portanto, também sofre as influências do esporte, sendo que suas práticas passam a ser padronizadas e regulamentadas.

As competições regionais, nacionais e internacionais foram incentivadas e priorizadas como finalidade da Educação Física. O modelo esportivo e o desenvolvimento da aptidão física foram predominantes nas práticas pedagógicas (FIGUEIREDO; HUNGER, 2010).

Almeida (2005) afirma que a ginástica esportiva tem como objetivo, o exercício correto e perfeito, o treinamento e seus procedimentos científicos.

Na década de 1980, emergiram proposições críticas às concepções esportivizadas e pautadas pelo paradigma da aptidão física, por excluir grande parte do contingente escolar de suas vivências, até então individualista e extremamente exigentes.

¹⁸ Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000200015&script=sci_arttext, acesso em 02/11/2011. (Acervo Ceme).

Muitas tendências pedagógicas surgiram com base nas discussões da época, assim como a busca de uma identidade e consolidação da área de conhecimento da Educação Física.

Atualmente a mais comum e presente nos documentos oficiais, como os PCN, é a perspectiva da cultura corporal de movimento, que engloba as produções culturais incorporadas pela Educação Física, são elas: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta, que tem em comum a representação corporal, com características de diferentes culturas humanas.

De acordo com Soares et al (1992) a ginástica é um conteúdo gerado a partir de diferentes práticas corporais e que, devem ser vivenciadas, compreendidas e transformadas, de maneira subjetiva e coletiva pelos autores/atores sociais da escola.

Como parte da cultura corporal de movimento a ginástica deve estar presente na Educação Física escolar como um conteúdo que irá promover uma reflexão sobre suas manifestações no decorrer da história, assim como a evolução de suas características e peculiaridades.

A importância da cultura corporal de movimento é visível nas ideias de Castellani Filho (1997, p.14):

Integrante da cultura do homem, a cultura corporal constituiu-se como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais, tais como a dança, o jogo, a ginástica, o esporte que, por sua vez, materializa-se, ganham forma, através das práticas corporais. Enquanto práticas sociais refletem a atividade produtiva humana de buscar respostas às suas necessidades. Compete, assim, à Educação Física dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significados e sentido, portanto construídos historicamente (CASTELLANI FILHO, 1997).

A cultura corporal apresenta uma diversidade muito grande de práticas corporais, e a adesão dos seus praticantes são, muitas vezes, facilitadas por essas diversas possibilidades.

A ginástica sofreu modificações, adquiriu novos padrões, novos sentidos e significados. E mesmo com a atual disseminação das suas práticas, a escola pouco tem discutido esse conteúdo.

Ayoub (2003) aponta que o conteúdo da ginástica tem sido desprestigiado no ensino fundamental, apesar das transformações ocorridas na área a partir da década de 1980. O esporte ainda exerce grande influência nas aulas, e a aula de Educação Física tornou-se sinônimo de “jogar bola”.

Darido (2003) coloca que os professores ainda são influenciados, pela concepção esportivista, e reduzem os conteúdos somente aos esportes mais tradicionais, como basquete, voleibol e futebol. E na maioria, dos casos, esses conteúdos são desenvolvidos de forma fragmentada e sem uma organização curricular.

O professor tem como função possibilitar que os alunos tenham vivências práticas e desenvolvam o conhecimento teórico para criar possibilidades de independência, de modo que o aluno possa realizar suas escolhas de maneira autônoma.

A legitimidade do conteúdo da ginástica na Educação Física é defendida no livro clássico intitulado Metodologia da Educação Física, Soares et al., (1992, p.77) em que:

Sua prática é necessária na medida em que a tradição histórica do mundo ginástico é uma oferta de ações com significado cultural para os praticantes, onde novas formas de exercitação em confronto com as tradicionais possibilitam uma prática corporal que permite aos alunos darem sentido próprio às suas exercitações ginásticas (SOARES et al., 1992).

Darido (2005) afirma que para aprimorar o conhecimento é preciso tratá-lo nas três dimensões dos conteúdos, ou seja, quando for desenvolver o conteúdo da ginástica deve ir além do fazer (técnicas e táticas), e abordar a sua presença na cultura e as suas transformações ao longo da história.

Essa preocupação também é visível em Faro; Campos (2009). Para os autores a compreensão da ginástica na escola não pode ser reduzida apenas às ações motoras explicadas em si mesmas, o fazer por fazer, mas como um processo cultural construído com base em contextos sociais, políticos e históricos.

Figueiredo; Hunger (2010) acentuam que é relevante o conhecimento histórico da ginástica para a atuação do professor de Educação Física, pois, assim este conseguirá contextualizar o referido conhecimento com as vivências atualizadas

e contribuir de forma eficaz para a formação de um aluno crítico e capaz de gerenciar a sua própria prática.

Como podemos perceber muitos autores levantam e discutem a fragilidade da ginástica dentro das aulas de Educação Física escolar e apresentam várias justificativas para este cenário.

Almeida (2005, p. 54) indica que, "... o conteúdo da ginástica não está mais presente na escola enquanto conteúdo alicerçado em uma consistente base teórica, mas como uma modalidade esportiva para poucos ou em atividades fragmentadas utilizadas na preparação física".

Segundo Schiavon; Nista-Piccolo (2007) o que realmente determina se o conteúdo vai ser ou não tratado durante as aulas, é a formação de professores que consigam criar alternativas pedagógicas.

Faro; Campos (2009) corroboram com as autoras ao afirmar que é preciso instrumentalizar o docente para uma atuação mais eficiente, capaz de articular os conteúdos com a realidade e desmitificar o seu estereotipo de competitividade.

Nesse contexto percebeu-se uma necessidade na produção de materiais curriculares que possam auxiliar o professor de Educação Física na condução das aulas de ginástica.

2.2 Proposta de classificação da ginástica

Os diversos tipos de ginástica na atualidade podem ter a sua compreensão facilitada com a utilização de uma classificação. Isto porque, possibilita uma visão mais abrangente das várias formas e tipos de ginástica, e amplia o conhecimento das práticas corporais das sociedades, conseqüentemente da cultura corporal de movimento.

A identificação das categorias da classificação pode facilitar o seu entendimento e assim auxiliar no tratamento didático-pedagógico adequado para a formação básica do aluno.

De acordo com Garanhani (2010) uma classificação favorece a caracterização das atividades ginásticas no contexto sociocultural, como também promove uma orientação sistematizada dos vários conteúdos relacionados à ginástica.

Para a formatação de uma classificação buscamos alguns referenciais em autores da área. Uma classificação proposta por Souza (1997) utiliza-se de critérios

para sua categorização, os campos de atuação das suas práticas e está dividida em cinco categorias, são elas: 1) Ginástica de condicionamento físico; 2) Ginástica de competição; 3) Ginástica fisioterápica; 4) Ginástica de conscientização corporal e 5) Ginástica de demonstração.

Outra classificação apresentada por Venâncio; Carreiro (2005) com base em Souza (1997) acrescenta uma categoria a mais: 6) Ginástica laboral, e mudam a Ginástica fisioterápica para Ginástica terapêutica.

Com base nesses autores apresentamos o Quadro 3, com uma síntese de cada categoria e exemplos de suas práticas:

Quadro 3 - Classificação da ginástica I ¹⁹.

Classificação	Definição	Exemplos
1) Ginástica de Condicionamento Físico	Aquisição melhora ou aprimoramento das condições físicas, estéticas, para atletas e não-atletas.	Aeróbica, Localizada e Musculação
2) Ginástica Competitiva	Reúne as modalidades competitivas	Artística, Rítmica, Acrobática, Aeróbica e Trampolins
3) Ginástica Alternativa	Visa à percepção corporal, através de práticas corporais provenientes ou não de outras culturas.	Yoga, Bioenergética, Massagens, etc.
4) Ginástica Laboral	Praticada no ambiente de trabalho, em um curto espaço de tempo, com intenção profilática.	Alongamento, Relaxamento, Exercícios posturais, etc.
5) Ginástica Terapêutica	Prevenção ou tratamento de doenças congênitas ou adquiridas.	R.P.G., Pilates, etc.
6) Ginástica Demonstrativa	Tem como objetivo principal a interação social e reúne elementos de todas as modalidades da ginástica	Geral

¹⁹ Fonte: Souza (1997) e Venâncio; Carreiro (2005).

Por outro lado, Gallardo (2008), apresenta uma classificação dividida em três categorias: 1) Ginástica Formativa, 2) Ginástica Competitiva e 3) Ginástica Geral. Sintetizada no Quadro 4:

Quadro 4 - Classificação da ginástica II²⁰

Classificação	Definição		Exemplos
1) Ginástica Formativa	Melhorar a eficiência do organismo. Nas perspectivas da: reabilitação, saúde, laboral, esportiva e fisiculturista.	<i>Construída</i> – modelos de execução e habilidades. Os movimentos são descritos de acordo com os eixos, planos e objetivos.	Calistênica Aeróbica Hidroginástica Localizada Exercícios de reabilitação
		<i>Natural</i> – habilidades do acervo motor do ser humano em interação com o meio ambiente, o corpo se adapta à situação.	Habilidades do cotidiano, andar, correr, saltar entre outros
2) Ginástica competitiva	Apresentam regulamentos específicos que determinam e avaliam cada uma das suas formas de expressão.	Agrupadas pela FIG ²¹ , que rege suas ações no âmbito mundial.	Artística Rítmica Aeróbica Esportiva Trampolim
3) Ginástica Geral	Seu principal objetivo é a demonstração de trabalhos produzidos por seus participantes.	Demonstrações em pequenas áreas, como em: quadras, teatros e ginásios.	Demonstração
		Demonstrações em grandes áreas, como: campos de futebol e parques.	

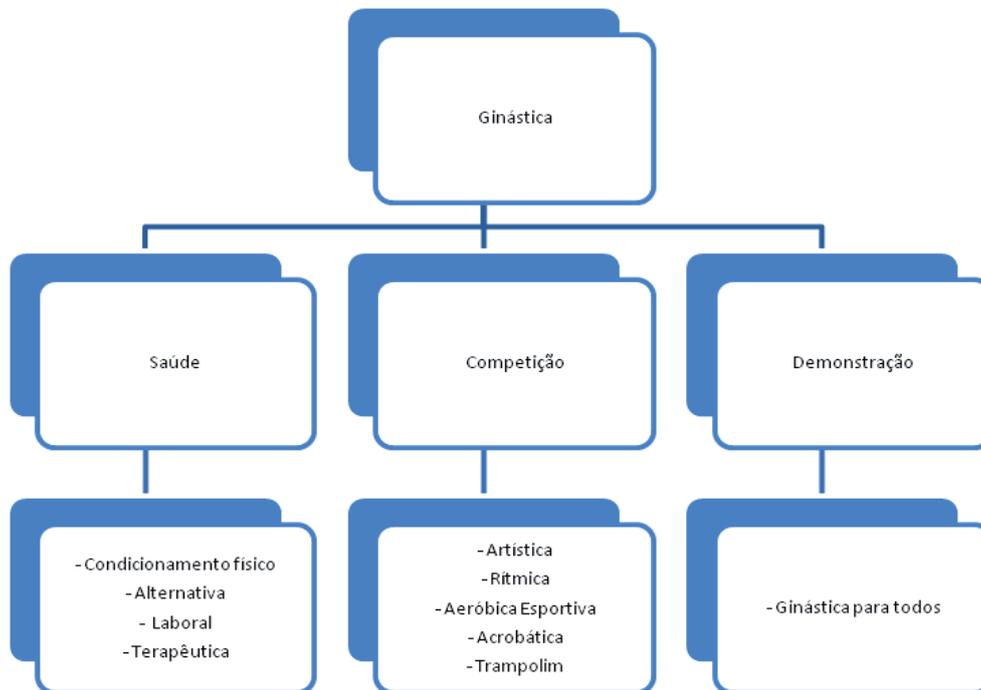
Com esta revisão percebeu-se que os objetivos das ginásticas são divididos em três princípios orientadores: voltados para a saúde, para a competição e para a demonstração.

Com base, sobretudo na contribuição de Gallardo (2008) optamos pela seguinte classificação da ginástica, apresentada no Gráfico 1.

²⁰ Fonte: Gallardo (2008, p. 67-69).

²¹ Federação Internacional de Ginástica

Gráfico 1 - Proposta de classificação da ginástica.



Acreditamos que esta classificação facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois ao conhecer, vivenciar e contemplar os principais elementos característicos das ginásticas, durante as aulas de Educação Física escolar, amplia-se a possibilidade de diferenciar tanto as ginásticas entre si, como das outras manifestações da cultura corporal.

Para isso realizamos uma revisão de literatura da origem e evolução de cada categoria.

2.2.1 Ginástica para a saúde

Nesta categoria estão reunidas as práticas que tem como objetivo promover a saúde, nas perspectivas da aquisição, manutenção, reabilitação e prevenção.

Segundo Palma (1997) os problemas relacionados à saúde vão além das questões individuais biológicas, diversos aspectos da sociedade influenciam essa condição. A escolaridade, a ocupação profissional, as desigualdades sociais podem facilitar ou dificultar o acesso a serviços essenciais da saúde.

A Organização Mundial da Saúde define que saúde é “o bem-estar físico, mental e social da pessoa”, o que podemos perceber é que tanto o indivíduo como a

sociedade tem que interagir na busca de uma melhoria na qualidade de vida em geral.

Nesse sentido, o estímulo à prática de exercícios e atividades físicas deve ser feito por profissionais devidamente preparados, sua prática regular promove estímulos à remodelação vascular, e conseqüentemente, na melhora das condições de saúde (DANIEL, 2010)

Todos podem e devem praticar atividades físicas. A intensidade, o tipo e a frequência desses exercícios vão depender da condição física e mental de cada indivíduo, e só quem poderá indicar uma atividade adequada, no caso de alguma restrição, são os profissionais devidamente preparados para este atendimento.

Para um melhor detalhamento de suas práticas, dividimos suas práticas em quatro grupos:

Primeiro grupo – Ginástica de condicionamento físico

Segundo grupo – Ginástica alternativa

Terceiro grupo – Ginástica laboral

Quarto grupo – Ginástica terapêutica

Primeiro grupo - Ginástica de condicionamento físico

Seu objetivo é a aquisição, melhora ou aprimoramento das condições físicas e/ou estéticas. Geralmente realizadas em academias, também podem ser praticadas em parques, praças e clubes.

De acordo com Pavlovic (1987), o organismo humano sofre as conseqüências de uma série de adaptações e de condições desfavoráveis resultantes da vida moderna. A facilidade gerada pelo progresso substitui as práticas corporais, outrora intensas e vigorosas, atualmente facilitadas por máquinas, meios de locomoção e melhor conservação dos alimentos.

Malta (1994) descreve que em 1860, o Dr. Dio Lewis introduziu a “nova ginástica” nas escolas americanas, a “Calistenia”. Originária de adaptações do método ginástico sueco, do século XVIII, era uma prática apropriada para as salas

de ginástica da época, disseminada mundialmente pela Associação Cristã de Moços (ACM).

Costa (2000) afirma que com a preocupação de manter uma postura adequada, correta e saudável, a prática da “Calistenia” entre as décadas de 1930 a 1970, foi muito intensa. Em seus exercícios predominou a utilização do ritmo dos movimentos à música, seus exercícios eram divididos em oito grupos. Utilizaram-se também pequenos aparelhos como os halteres e bastões de madeira.

Na década de 1970, a ginástica passa a ter como base os estudos do médico Kenneth H. Cooper, seu método consistia na execução de exercícios aeróbicos com baixa intensidade e longa duração. Seus resultados buscavam a melhora da resistência cardiovascular e redução da gordura corporal (PRESTES; ASSUMPÇÃO, 2010).

Pavlovic (1987) destaca que no início dos anos 1980 surgiu a ginástica aeróbica. Ainda com o objetivo de melhorar a capacidade do sistema cardiovascular, mas o alto impacto dos exercícios e a falta de uma preparação adequada dos professores resultou em uma prática perigosa com riscos de lesões nas articulações.

Foi na segunda metade da década de 1980, que estudos sistemáticos e fundamentações científicas permitiram uma preparação melhor dos professores, iniciou-se o “low impact”, aeróbica de baixo impacto, embora o resultado cardiovascular não fosse tão grande, sua prática cresceu e surgiram novas formas de atividades com o mesmo objetivo.

Nesta categoria também encontramos a ginástica localizada composta por exercícios que pretendem melhorar a força e a resistência dos principais grupos musculares, sem que haja um grande aumento na massa muscular.

Segundo grupo - Ginástica alternativa

São práticas corporais que tem como objetivo aumentar o autoconhecimento e a consciência corporal.

Denominada alternativa em decorrência do movimento hippie e da contracultura das décadas de 1960 e 1970, expressa uma forma alternativa de viver, que se distanciou dos objetivos disciplinadores e repressivos das práticas corporais tradicionais da época.

Como observamos em Matthiesen (1999, p. 131):

[...] um discurso dito *alternativo* que propõe a “tomada da consciência corporal”, o trato com o corpo “como um todo” pela execução de movimentos lentos, prazerosos, capazes de levar o indivíduo à interiorização, contra uma prática comumente desenvolvida neste meio cuja base assenta-se na realização de exercícios por elas considerados repetitivos, estereotipados e mecânicos, embora não seja objeto de investigação neste texto [...] (MATTHIESEN, 1999).

De acordo com Lorenzetto; Matthiesen, (2008) são práticas que se contrapõem ao conteúdo das práticas tradicionais, que valorizavam, exaltavam a competição e comparação, deixando de lado aspectos voltados à cooperação, convergência e união.

São práticas que conforme Souza (1992) visa por meio dos movimentos o aumento da consciência corporal e o desenvolvimento do autoconhecimento, sem deixar de considerar o corpo como um todo.

Lorenzetto; Matthiesen (2008) discutem ainda que são práticas corporais que estimulam o contato do indivíduo consigo mesmo, com o seu corpo e com a natureza, trabalham em sintonia com o universo, mesmo que não haja plena compreensão de suas transformações ou estagnações.

Segundo Souza (1992, p.24):

[...] a publicação dos livros “Consciência pelo Movimento” de Moshe Feldenkrais (1972), “Viver o Seu Corpo” de Ivone Berge (1975) e o “Corpo Tem suas Razões” de Carol Bernstein (1977), marcam um momento de busca de novas formas de se praticar exercícios físicos. O termo “Antiginástica” surge como uma maneira de combater o exercício físico tradicional utilizado como base para o condicionamento físico e esporte (SOUZA, 1992).

Geralmente, a prática corporal alternativa utiliza-se de princípios e conceitos provenientes de diversos estudos nas mais diversas culturas, são exemplos de suas práticas: a Bioenergética, a Biomecânica Existencial, a Ginástica Harmônica, a Eutonia, a Antiginástica, o Tai Chi Chuan, a Ginástica Holística entre tantas outras.

Para uma melhor compreensão iremos conceituar dois tipos de ginástica alternativa, a Eutonia e a Antiginástica.

Segundo Lorenzetto; Matthiesen (2008) a Eutonia teve a sua origem na Alemanha, no início do século XX, traduzindo a palavra do grego significa “a busca

por um tónus equilibrado”, seus fundamentos baseiam-se na sensação tátil e muscular conscientes.

Tem como objetivo vivenciar em repouso ou em movimento, individualmente ou em grupo, práticas que permitam ampliar a concentração superficial e profunda, com isso influenciar a respiração, assim como as funções do organismo. Não pretende corrigir o movimento, mas sim estimular o indivíduo a tomar consciência da sua posição e perceber o que passa no seu corpo (SOUZA, 1992).

A antiginástica foi criada por Mézières na França e adaptada por Thérèse Bertherat, contrapondo-se às ideias sobre saúde e doença da época.

Sua finalidade é libertar o corpo do domínio do outro, o indivíduo com a sua prática torna-se autônomo e domina seus próprios movimentos, por meio do autoconhecimento e conscientização corporal, principalmente em relação às deformidades posturais causadas pelo excesso de força e pouco alongamento da musculatura posterior (LORENZETTO; MATTHIESEN, 2008).

Terceiro grupo - A Ginástica Laboral

A ginástica laboral é praticada no ambiente de trabalho, em curtos espaços de tempo (10 a 15 minutos em média), com a intenção profilática em primeiro plano (VENÂNCIO; CARREIRO, 2005).

Segundo Figueiredo; Mont’alvão (2005) sua origem se dá em 1925, com o lançamento do livro, “Ginástica de pausa”, lançado na Polônia, com base nas atividades realizadas pelos operários durante seus intervalos.

Mas Militão (2001) lembra que somente na década de 1960 surgiram movimentos pró-ginástica laboral na Europa. Os países industrializados perceberam os desgastes causados por uma extensa rotina de trabalho, quando os movimentos repetitivos exigidos pelas máquinas deixavam sequelas e as lesões se transformavam em prejuízos.

Figueiredo; Mont’Alvão (2005) conceituam a ginástica laboral como um conjunto de práticas físicas elaboradas a partir da atividade profissional, exercida durante o expediente, que visa compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho e ativar as que não são requeridas, relaxando-as e/ou tonificando-as.

Os seus exercícios são basicamente compostos por alongamentos e relaxamento em momentos de pausa.

No Brasil, as primeiras atividades físicas vinculadas ao ambiente de trabalho datam de 1973, com a publicação sobre a implantação da ginástica laboral em Nova Hamburgo, no Rio Grande do Sul, um projeto da Escola de Educação Física da Federação de Estabelecimento de Ensino Superior - FEEVALE (MILITÃO, 2001).

Quarto grupo - A Ginástica Terapêutica

A utilização da ginástica com objetivo de melhorar a saúde sempre foi uma preocupação desde as civilizações antigas, tanto nas orientais como nas ocidentais.

A evolução científica do século XVIII e início do século XIX colaboraram para sua solidificação, pois médicos e cientistas descobriram métodos de estudos que comprovaram os benefícios da ginástica.

De acordo com Soares (1998, p. 21) “... o corpo podia ser moldado com aparelhos especiais que se destinavam a corrigir posturas consideradas inadequadas do ponto de vista médico, ortopédico e estético.”

Para Ehrenfried (1991) uma postura considerada normal significava a inexistência de forças contrárias e a presença de relações harmoniosas entre os diferentes componentes esqueléticos e conseqüentemente a ausência de dor.

A postura é o estado de equilíbrio entre as estruturas (músculos e ossos) com a finalidade de proteger as demais estruturas do corpo humano, com um mínimo esforço e sobrecarga e a máxima eficiência, seja na posição estática, sentada ou deitada (EHRENFRIED, 1991).

O principal objetivo da ginástica terapêutica é o de estabelecer uma postura adequada, proporcionar a prática de exercícios compensatórios e fisioterápicos, que não sobrecarregue estruturas do corpo e causem deformidades em outras.

2.2.2 Ginástica para a competição

Esta categoria reúne as modalidades relacionadas ao esporte competitivo, com base na Federação Internacional de Ginástica (FIG), órgão responsável por cinco categorias de ginásticas competitivas no mundo. São elas: Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Aeróbica Esportiva, Ginástica Acrobática e Ginástica de Trampolins.

Ginástica Artística

A ginástica artística é considerada a herdeira direta de Jahn, precursor do método alemão, os aparelhos e equipamentos oficiais da atualidade são resultados das evoluções técnicas dos aparelhos utilizado no “Turnplatz” (PUBLIO, 1998).

Segundo Brochado; Brochado (2005, p.6) “os primeiros treinadores eram os professores de ginástica nas escolas, como o próprio Jahn, fator de extrema importância na difusão da modalidade aliando a tradição da atividade física com os fundamentos da nova modalidade”.

É um esporte que pertence ao programa olímpico desde Berlim/1936, praticado por homens e mulheres em diferentes aparelhos oficiais.

As mulheres competem em quatro aparelhos com características diferentes tanto na forma como nos movimentos realizados em cada um deles²²:

1 - Trave de equilíbrio: este aparelho consiste em uma barra de madeira revestida com tecido maleável, com 10 cm de largura, 5m de comprimento e 1,25m de altura do chão. A flexibilidade, equilíbrio e plasticidade são algumas das principais características dos movimentos realizados durante esta prova.

2 - Paralelas assimétricas: são duas barras de fibra de vidro revestidas com madeira, uma mais alta com a altura entre 2,20 e 2,50m e a outra mais baixa entre 1,40 e 1,70m. Os movimentos são sempre realizados em suspensão entre as duas barras, consistem em giros, câmbios, largadas e retomadas.

3 - Mesa: é o mais novo aparelho da ginástica, substituindo o antigo cavalo, essa mudança foi necessária devido a grande evolução dos saltos que exigiram em suas performances mais segurança. Utiliza-se de um aparelho acessório: o trampolim de madeira. Tem 1,20m de comprimento, 95 cm de largura e 1,25m de altura para as mulheres. Os movimentos realizados nesse aparelho consistem em cinco etapas: corrida, voo inicial, apoio na mesa, voo final e aterrissagem.

4 – Solo: com acompanhamento musical, a ginasta deve apresentar uma coreografia com duração de 70s a 90s, em um quadrado constituído de madeira, molas e carpete medindo 12x12m. São realizadas sequências de movimentos acrobáticos e saltos, a expressão artística também é avaliada nesta prova.

Já os aparelhos masculinos são seis:

²² Descrição realizada com base na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e Federação Internacional de Ginástica (FIG)

1 - Cavalos com alças: consiste em uma estrutura de aço revestida com tecido maleável com 1,60m de comprimento, 35 cm de largura e 1,15 de altura em relação ao chão, com duas alças (12 cm de altura cada), fixadas ao centro do cavalo ajustáveis a uma distância entre 40 a 45 cm entre si. São realizados movimentos de tesouras, rotações, giros e parada de mãos, com o apoio das mãos nas alças e no corpo do cavalo.

2 - Paralelas simétricas: construída com o mesmo material das paralelas assimétricas feminina, são duas barras na mesma altura 1,95m, com 3,50m de comprimento e distantes entre si de 42 a 52 cm, dependendo do tamanho do ombro do ginasta. Os movimentos de giros, equilíbrios e rotações são realizados em suspensões e apoios das mãos e pernas nas barras simultaneamente.

3 – Salto: aparelho igual ao feminino, o que muda é a altura que no masculino passa a ser de 1,35m.

4 - Barra fixa: consiste em uma barra de fibra vidro revestida com madeira com 2,40m de comprimento e 2,80m de altura. Os movimentos são sempre realizados em suspensão, consistem em giros, câmbios, largadas e retomadas.

5 - Argolas: composto por uma estrutura de ferro que suspendem a 2,75m do chão, dois cabos com argolas de madeira na ponta, distantes 50 cm entre si. Os movimentos realizados nesse aparelho exigem muita força principalmente dos membros superiores, além dos giros, rotações e equilíbrios estáticos.

6 - Solo: com medida igual ao feminino, diferente apenas por ser sem acompanhamento musical.

Essas são as descrições dos aparelhos oficiais de competição, na escola é possível adaptar os espaços físicos e até mesmo as estruturas físicas disponíveis para a prática da ginástica artística. Uma pequena mureta possibilita o equilíbrio semelhante ao da trave, em uma barra de playground os movimentos da barra fixa, das paralelas assimétricas e simétricas, o plinto (caixas de madeira em formato piramidal) substitui a mesa, entre tantas outras possibilidades.

Ginástica Rítmica

De acordo com Gaio (1996) a estrutura da ginástica rítmica recebeu influências de quatro correntes distintas: da ginástica, da arte cênica, da dança e da música. Essas misturas finalizaram com uma ginástica mais suave, harmoniosa e expressiva.

Conforme Gaio (2007) a primeira corrente que vem da ginástica utilizava-se dos movimentos do sistema sueco de Ling; A segunda corrente da arte cênica recebeu influências de Delsarte e Clias que realizaram análises dos gestos como uma forma de linguagem e expressão estética; A terceira corrente da dança tem como representante fiel, a bailarina americana Isadora Duncan, com uma postura inovadora, dançava descalça e rompeu com o tradicionalismo ao buscar formas de expressão do belo e a quarta e última influência da música, com Émile Jacques Dalcroze, suíço, professor e compositor, este criou um método de coordenação musical com movimentos corporais conhecidos como a Eurytmia que originou a Rítmica.

Saur (1971) aponta que é com Rudolf Bode, pedagogo e ginasta, que todas essas influências começam a consolidar os fundamentos da ginástica rítmica. Bode criou um sistema de exercícios corporais com princípios de totalidade e fluência rítmica

Seu discípulo Henrich Medau, introduziu os aparelhos manuais e aperfeiçoou a técnica ao explorar novos movimentos, com mais criatividade e expressividade (SAUR, 1971).

Em 1946 o esporte é oficializado com as primeiras competições na Rússia. Faz parte do programa dos Jogos Olímpicos desde 1984. A Ginástica Rítmica competitiva é praticada somente por mulheres, embora existam grupos masculinos em diversos países, inclusive com competições regionais como no Japão, ainda não há uma aderência que a fortaleça para uma perspectiva mundial.

As provas são realizadas de duas formas: Individual - a ginasta apresenta uma coreografia diferente com cada aparelho, com duração entre 1m15s a 1m30s; Conjunto – cinco ginastas apresentam duas coreografias, com duração entre 3m e 3m30s, uma com um aparelho igual para todas e outra com dois aparelhos diferentes, por exemplo: três bolas e duas fitas ou três arcos e duas maçãs.

São utilizados cinco tipos de aparelhos manuais²³:

1 - Maças: semelhante às claves dos malabaristas de circo, é composto por um par construído de madeira ou borracha, dividido em três partes: cabeça, pescoço e corpo.

²³ Descrição baseada no site da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e Federação Internacional de Ginástica (FIG)

2 – Corda: confeccionada de sisal ou nylon, deve ter o dobro do tamanho da ginasta, e ter um nó em cada ponta.

3 – Arco: com 40 cm de diâmetro pode ser construído com diversos materiais: fibra de vidro, plástico, borracha e etc.

4 – Fita: composta por uma vareta flexível com aproximadamente 35 cm, chamado de estilete, com um mecanismo giratório na ponta a qual se prende uma fita de cetim com 7 cm de largura e mais ou menos 6m de comprimento,

5 – Bola: feita de borracha pesando entre 300 e 400 gramas.

As possibilidades de manejo com os aparelhos são inúmeras, basicamente envolvem: balancear, bater, circundar, prensar, quicar, lançar, movimento em oito e etc.

A ginástica rítmica chegou ao Brasil na década de 1950, por meio das professoras Margareth Froehlich, Erica Saur, Ilona Peuker e Stella Mansur Guérios, que desenvolveram suas práticas sob as influências européias (GAIO, 2010).

Ginástica Acrobática

As acrobacias são praticadas desde a Antiguidade e sua origem está intimamente relacionada aos espetáculos circenses (BORTOLETO, 2010)

Os antigos acrobatas realizavam pirâmides humanas, equilíbrios em traves de madeira, cordas bambas e etc. Como esporte a ginástica acrobática é jovem e não faz parte do programa dos Jogos Olímpicos (BORTOLETO, 2008).

De acordo com Gallardo; Azevedo (2007, p. 4), "... a ginástica acrobática surgiu com as apresentações circenses, no final do século XIX e início do século XX, quando começou a ser praticada como um esporte nos países do bloco oriental e, em 1957 ocorreu o primeiro campeonato mundial".

Sua regulamentação esportiva aconteceu em 1973, quando foi fundada a Federação Internacional de Esportes Acrobáticos (IFSA), mas a FIG absorveu essa modalidade em 1996, com o propósito de estimular o seu progresso pelo mundo, por se constituir de uma federação mais estruturada e forte, em outras práticas da ginástica.

A ginástica acrobática é praticada por homens e mulheres, em um tablado com 12x12m. Suas apresentações devem ser compostas da seguinte forma: Dupla mista (feminino e masculino); Dupla feminina; Dupla masculina; Trio feminino e Quarteto masculino.

É um dos poucos esportes, no qual homens e mulheres podem competir juntos, no caso da dupla mista.

Cada composição tem que apresentar uma coreografia de movimentos com acompanhamento musical, sequências de equilíbrios individuais e elementos figuras acrobáticas e ginásticas, em sincronismo (BROCHADO; BROCHADO, 2005).

No Brasil, sua incidência ocorreu por meio das apresentações circenses, somente nas décadas de 1940 e 1960, no Rio de Janeiro, o professor Charles Astor começou a introduzir sua prática nas aulas de ginástica artística (GALLARDO; AZEVEDO, 2007).

Ginástica Aeróbica

A Ginástica Aeróbica Esportiva é o resultado competitivo da influência das ginásticas de condicionamento físico, realizadas principalmente em academias.

Conforme Mattos (2009), em 1971, nos Estados Unidos, o lançamento do livro “A Dança Aeróbica” de J. Sorensen propôs a combinação inédita de música e movimentos, com esforço físico. As aulas eram divididas em quatro sessões: aquecimento, flexibilidade, rotinas e esfriamento.

Praticado por homens e mulheres, suas apresentações devem ser compostas da seguinte forma: Trio feminino; Trio masculino; Individual feminino; Individual masculino e Dupla mista.

Sua prova consta na apresentação de uma coreografia realizada em um palco quadrado com 7m², em 1 minuto e 45 segundos, na qual os ginastas devem apresentar ritmo, saltos, equilíbrios, força estática, dinamismo, postura e técnica dos exercícios (MATTOS, 2009).

Segundo Mattos (2009), a ginástica aeróbica chegou ao Brasil entre os anos de 1981 e 1982, com o envolvimento de profissionais de Educação Física que exerciam sua profissão nas academias. Atingiu seu auge com os resultados positivos de atletas brasileiros em campeonatos internacionais.

Ginástica de Trampolins

O principal aparelho oficial utilizado nessa categoria da ginástica é o Trampolim Acrobático, popularmente chamado de cama elástica.

Na Antiguidade, artistas do circo usavam a “cama de pular”, uma combinação de tábuas de madeira e molas. Um artista conhecido como Du Trampolim,

desenvolveu um aparelho que utilizava as redes de segurança do trapézio como forma de propulsão para saltos mortais (CUNHA et al., 2006).

Segundo Brochado; Brochado (2005) os modelos modernos, com molas de aço, estrutura metálica e lonas mais resistentes, foram criados pelo americano George Niessen, em 1936, e eram utilizados no treinamento militar de soldados, astronautas e navegadores.

O trampolim foi amplamente usado como aparelho acessório na aprendizagem das acrobacias da ginástica artística, assim como o mini-trampolim, o duplo mini-trampolim e a pista de tumbling.

O esporte pretendia ser independente com a FIT (Federação Internacional de Trampolim), mas não conseguiu manter-se e acabou migrando para a FIG, uma entidade mais estruturada e de grandes influências nas confederações e federações do mundo todo (BROCHADO; BROCHADO, 2005).

A ginástica de trampolins é um esporte masculino e feminino. São dois tipos de competição: o trampolim (esporte olímpico) e o tumbling. Porém no programa dos Jogos Olímpicos, somente há somente a competição de Trampolim Acrobático.

O Trampolim Acrobático é praticado em um aparelho retangular, com molas de aço e lona elástica. O ginasta deve apresentar uma sequência de 10 saltos diferentes e ininterruptos e terminar em cima do trampolim. No sincronizado os atletas saltam cada um em um aparelho dispostos um ao lado do outro e a sequência deve ser realizada ao mesmo tempo e ritmo, chamado de sincronismo. Sua competição acontece da seguinte forma: Individual feminino; Individual masculino; Dupla feminina (sincronizado) e Dupla masculina (sincronizado).

Já o Tumbling é uma pista de corrida confeccionada de maneira igual ao tablado da ginástica artística, com madeira, molas, espuma condensada e carpete. O ginasta realiza uma sequência de saltos acrobáticos. Sua competição acontece no Individual feminino e Individual masculino.

De acordo com Brochado; Brochado (2005) é preciso uma atenção especial ao aspecto da segurança, pois os ginastas podem chegar a 8 metros de altura em um salto do trampolim, por isso são exigências obrigatórias colocações de colchões nas laterais, cobertura nas molas e uso de meias para não enroscar os dedos na lona elástica.

Brochado; Brochado (2005) afirmam que ginástica de trampolim chegou ao Brasil com o professor José Martins Oliveira, na década de 1970. Em 1990 foi

realizado o primeiro campeonato brasileiro, a partir daí o Brasil acompanhou todo o desenvolvimento da modalidade no mundo, inclusive participando de todos os campeonatos internacionais.

2.2.3 *Ginástica para a demonstração*

Esta categoria compreende a única modalidade não competitiva de responsabilidade da FIG, a Ginástica Para Todos, conhecida até 2006 como ginástica geral.

Em 1953, em Rotterdam (Holanda) a FIG organizou o primeiro festival internacional de ginástica sem finalidade competitiva, a 1ª *Gymnaestrada*, palavra formada por “*Gymna*” relativo à ginástica e “*strada*” que significa: caminho, rua, palco. Inspirado nas Língiadas foi um evento com características de uma ginástica voltada para o espetáculo (AYOUB, 2003).

Devido ao sucesso do evento e aos questionamentos dos países filiados à FIG, sobre a necessidade de ampliar a prática da ginástica além das expressões competitivas, a *Gymanestrada* passou a integrar o programa oficial da entidade, sendo realizada a cada 4 anos.

Sua realização se dá em uma cidade sede, escolhida previamente em sessões junto à FIG, e são divididas em: grupos (+ de 10 ginastas); grandes grupos (+ de 300 ginastas): apresentações nacionais (sob a responsabilidade de um ou mais países); FIG gala (com representantes de cada país participante); Fórum com temas relevantes sobre a ginástica (SOUZA, 1997).

Souza (1997) aponta que os grupos participantes manifestam suas culturas por meio dessas apresentações, que não tem caráter competitivo, o prazer na realização da atividade é o mais importante. É possível observar grupos de todas as idades nesse evento que chega a reunir mais de 30 mil participantes.

A iniciativa deste evento, fora do ambiente competitivo, promovendo festivais, colaborou para a quebra de paradigmas, por meio de conceitos que muitas vezes a sociedade/mídia impõe no que diz respeito ao esporte de alto rendimento (competição), sendo praticado por poucos.

Segundo a FIG (1983, apud SOUZA, 1997) a Ginástica Geral (GG) tem como seus objetivos: promover a saúde, a integração social, contribuir para o bem estar

físico e emocional, e oferecer experiências estéticas de movimentos aos seus praticantes.

De acordo com Ayoub (2003) sua chegada ao Brasil, aconteceu na década de 1980, com a inauguração do Departamento de Ginástica Geral na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e alguns fatos contribuíram para a sua difusão: Festivais de Ginástica (FEGIN) realizados em Minas Gerais entre 1982 e 1992; Oficialização do comitê Técnico Internacional de Ginástica Geral; Cursos de Ginástica Geral e Festivais de Dança e Ginástica organizados pela CBG, na UNESP/Rio Claro nos anos de 1988 e 1989; Esforço do Departamento da CBG em desenvolver a modalidade no país.

2.3 A Educação Física e as Tecnologias da Informação e Comunicação

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm sido muito utilizadas na veiculação das informações na atualidade, e a tecnologia audiovisual tem papel acentuado nesse quadro.

2.3.1 A tecnologia audiovisual e a sua inserção no ambiente escolar

O termo audiovisual é compreendido como um recurso que utiliza os sentidos da visão e audição, separadamente ou simultaneamente.

Segundo Pretto (1996) podemos considerar como a origem dos recursos audiovisuais os primeiros registros de imagens da humanidade que são as pinturas de mais de 17 mil anos atrás, descobertas na Europa em 1940, de lá pra cá surgiram inúmeras invenções voltadas para a informação e comunicação.

As sucessivas invenções foram aprimorando os meios de comunicação e informação no mundo, as tecnologias avançaram e se transformaram conforme as necessidades das sociedades: o telégrafo, telefone, correios, rádio, televisão e o computador. Todas essas tecnologias foram criadas no intuito de dinamizar a comunicação entre as pessoas (SARTORI; RAMOS; BENETTI, 2010).

A humanidade sempre teve necessidade de desenvolver mecanismos que aumentassem as suas possibilidades de locomoção e comunicação. Momentos como a I e II Guerra Mundial fortaleceram a produção de novas tecnologias, como: a criação do telégrafo (que necessitou da criação de uma linguagem própria, o código Morse) e a utilização dos recursos audiovisuais (imagens veiculadas em projeções, filmes e slides no treinamento militar) (SUBTIL, 2002; SARTORI; RAMOS; BENETTI, 2010).

Subtil (2002) aponta que a utilização do termo “audiovisual” na Educação se dá com o movimento chamado *realismo pedagógico*, no século XVII. Ele refere-se aos métodos que se opunham ao tradicionalismo verbal realizado nas escolas. Seu precursor Comenius preocupou-se com uma Educação mais concreta, ilustrar o conteúdo, aproximando-o da realidade do aluno.

No Brasil desde o final da década de 1920, com a criação do Ministério da Saúde, Educação e Cultura houve uma preocupação com a utilização do audiovisual na Educação, porém o que se observou foi que seus objetivos e ações

centralizaram-se na aquisição de equipamentos e no ensino à distância (PRETTO, 1996).

Subtil (2002) indica que entre as décadas 1970 e 1980 surgiram denominações variadas como: materiais audiovisuais, recursos audiovisuais, auxiliares de ensino, recursos de ensino, meios de comunicação, técnicas pedagógicas, recursos plurissensoriais, recursos intuitivos e mass media.

A partir da década de 1980 essas denominações se transformaram: tecnologias educacionais, meios de comunicação educacionais, mídia, multimídia, novas tecnologias educacionais e tecnologias da informação e comunicação (TIC) (SUBTIL, 2002).

Segundo Ferrés (1996) a inserção na escola das tecnologias audiovisuais privilegia a utilização de materiais concretos que aproximam a realidade e assim, motivam a aprendizagem.

Arroio; Giordan (2006) consideram a linguagem audiovisual como uma produção cultural, no sentido que é uma codificação da realidade, na qual são utilizados símbolos culturais que são compartilhados com um coletivo produtor.

Chamada de audiovisual por utilizar como porta de entrada os sentidos da visão e audição, segundo Ferrés (1996, p.128):

O termo audiovisual costuma ser aplicado às técnicas e aos métodos informativos, documentários ou didáticos nos quais são utilizados elementos visuais (imagens fixas ou em movimento) e elementos auditivos (palavra, música e/ou efeitos sonoros). Mas aplica-se também aos trabalhos que concretizam estes métodos: slides, filmes, bem como materiais que lhe servem como apoio: o disco, a fita magnética, o filme [...] (FERRÉS, 1996).

O audiovisual vai muito além de simples recurso tecnológico, é uma forma de expressão diferenciada pela sua própria especificidade, mais dinâmica e concreta com possibilidades de aproximar-se mais da realidade e acentuar a emoção e sensibilidade (FERRÉS, 1998).

Esses recursos costumam estarem associados ao uso de meios tecnológicos avançados como o computador, televisão e imagens digitais, para sua produção, mas também são considerados recursos audiovisuais, o quadro-negro, quadro-branco, mapas, desenhos, cartazes, flipchart, flanelógrafo, rádios, slides, entre outros.

Conforme Gomes (2008) atualmente os recursos audiovisuais são encarados como uma comunicação inerente à produção dos sujeitos, e assim deixam de serem simples ferramentas auxiliares da Educação.

Em Pires (2010, p.2) também observamos essa visão:

A evolução das novas tecnologias da comunicação tem causado mudanças nos valores e comportamento das pessoas. Atualmente “as telas audiovisuais são as interfaces que transmitem importantes acontecimentos que estruturam o imaginário contemporâneo de uma sociedade complexa, polifônica, constituída de diferentes olhares” (PIRES, 2010).

Libâneo (2006) corrobora essa consideração quando afirma que a visão da escola tem se modificado em decorrência das informações que circulam fora dela, os jovens ainda são seus frequentadores, mas carregam consigo uma bagagem cultural diferente de tempos atrás; saberes, linguagens e comportamentos da sociedade na qual estão inseridos.

Uma escola pautada na utilização de recursos tecnológicos pode ser decisiva no processo de formação do indivíduo, é nela que se busca o desenvolvimento de competências básicas exigidas para uma vida em sociedade (SOFFNER; CHAVES, 2005).

Pires (2010) aponta que a relação do jovem com as novas tecnologias é uma relação de cumplicidade cognitiva e expressiva, pois nos sons, na velocidade, nas imagens e fragmentações é que os jovens encontram o seu ritmo e o seu idioma.

O vídeo é hoje a base da divulgação da linguagem audiovisual como um todo, tornou-se acessível e proporcionou uma melhora significativa nos registros da produção científica e cultural da humanidade.

A interação entre imagem e som, enquanto unidade expressiva da comunicação faz dela um fenômeno que se instalou na contemporaneidade. O conhecimento para ser apreendido não depende mais da abstração e percepção analítica, mas mais por sensações que enaltecem uma percepção global (SOUSA; BESSA, 2008).

Parra; Parra (1985) discute que os recursos audiovisuais bem planejados, produzidos e utilizados vão despertar mais a atenção dos alunos do que uma

exposição oral. A forma audiovisual de transmissão tem o poder de ultrapassar os obstáculos físicos e “reconstruir” situações distantes no tempo e espaço.

As novas tecnologias da informação e comunicação estão transformando os meios convencionais de ensino, podem promover a virtualidade, tornar visível um pensamento abstrato, produzir situações reais como imaginárias (LIBÂNEO, 2006).

Moran (1995) afirma que os meios de comunicação, principalmente a televisão, que utiliza unicamente a linguagem audiovisual, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens, que facilitam a intervenção, com o público a TV fala primeiramente do “sentimento”.

A bagagem de informações que os alunos atualmente carregam é muito grande, característica de uma cultura midiática e a televisão interfere nas relações e comportamentos sociais (LIBÂNEO, 2006).

O professor deve evitar que haja acomodação e passividade dos alunos, que se tornem meros espectadores da informação, é preciso complementar com outros materiais que exploram outras linguagens como: revistas, jornais, imagens, blogs, sites entre outros.

Moran (1995) enfatiza pontos importantes na utilização de vídeos e de TV na Educação: auxilia o despertar da curiosidade, permite compor cenários desconhecidos pelos alunos, permite simulações da realidade, reproduzir entrevistas, depoimentos, documentários, auxilia no desenvolvimento da construção do conhecimento coletivo pela análise em grupo e o desenvolvimento do senso crítico.

Conforme Batista; Betti (2005) a Educação Física escolar conceitua as práticas corporais na sociedade seus aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos. As gravações de programas de televisão e vídeos possibilitam várias vantagens, entre elas: a) motivar o debate e a reflexão, b) linguagem sintética, c) destaca o tema, d) sintetiza os conteúdos, substitui textos e exposições, e) atua na emoção.

As tecnologias têm avançado rapidamente e transformado o tempo e o espaço das relações e comunicações entre as pessoas, hoje é possível estar informado dos acontecimentos mundiais em segundos, mas como manter-se “ligado” o tempo todo? Essas informações transmitidas por meio dos veículos de

comunicação em massa não podem ser absorvidas por um receptor passivo e sim ativo, sob uma perspectiva crítica e autônoma nas suas decisões e opiniões.

2.3.2 O que é um vídeo didático

Abordaremos o vídeo por se tratar de um meio que quando bem planejado e articulado com o conteúdo pode ser um recurso audiovisual que auxilie a aprendizagem. Sua utilização permite que o conteúdo seja tratado de forma mais concreta, além de aproximar a realidade e permitir uma maior compreensão dos conceitos.

O vídeo em sala de aula deve ser utilizado de forma adequada, geralmente os recursos audiovisuais são amplamente aproveitados pelos veículos de comunicação em massa, o que muitas vezes faz com que a sua função seja voltada para o entretenimento e lazer.

No intuito de esclarecer o objeto de estudo dessa pesquisa, buscamos compreender as várias definições atribuídas por diversos autores sobre o vídeo didático.

Para Moran (1995), o vídeo é uma forma de se aproximar, por meio de múltiplas linguagens, utilizando-se de códigos e símbolos, predominantemente audiovisuais, da sensibilidade humana.

Gomes (2008) aponta que o adjetivo didático e educativo como sinônimo refere-se a um produto elaborado especificamente para o apoio em atividades didáticas, e como contexto de recepção a escola, portanto diferente de documentários, filmes, entrevistas e reportagens.

As características específicas de um vídeo estão muitas vezes associada ao adjetivo que o acompanha, e assim pressupõe seus objetivos como: vídeo empresarial, vídeo documentário, vídeo institucional. O termo “didático” está associado a sua especificidade e finalidade e compreende-se que foi elaborado com base em conceitos e princípios teóricos de uma área do conhecimento e conseqüentemente alguma ação pedagógica será realizada “com” ele ou “a partir” dele.

Utilizaremos o termo “vídeo didático”, como significado de um produto que pretende tornar o ensino-aprendizagem mais eficiente, elaborado e produzido, por

meio da utilização de imagens, palavras e sons, recursos audiovisuais, com a intenção de intervir, interagir e agir no processo educativo.

Um vídeo didático deve estar atrelado tanto com as estruturas necessárias para a sua construção e produção, como também aos pressupostos teóricos que serviram de aporte ao seu conteúdo.

Embora suas definições sejam claras, o termo vídeo didático, termina por abranger uma série de materiais audiovisuais encontrados no ambiente escolar, e assume funções diferentes daquelas para o qual foi elaborada, característica que pode prejudicar a sua articulação em sala de aula (MORAN, 1995; BETTI, 2001).

Para um melhor entendimento do vídeo didático, buscamos compreender seus significados e as possibilidades de sua utilização em sala de aula, por meio das classificações utilizadas por diversos autores. Entre eles: Ferrés, 1996; Moran, 1995; Pereira, 2008.

Ferrés (1996) apresenta uma sistematização do vídeo didático, no qual seus critérios são baseados na estruturação das possibilidades de sua utilização na sala de aula.

O autor apresenta seis categorias: videolição, videoapoio, videoprocesso, programa motivador, programa monoconceitual e vídeo interativo. O Quadro 5 apresenta seus objetivos:

Quadro 5: Tentativa de sistematização²⁴

Definição	Objetivos
Vídeolição	Aula expositiva gravada e filmada com o objetivo de apresentar um conteúdo.
Videoapoio	Apresentação de imagens e o discurso verbal do professor.
Videoprocesso	Utilização de imagens realizadas durante o desenvolvimento de um conteúdo e que serão analisadas, posteriormente, com um enfoque específico
Programa motivador	Construídos para estimular a aprendizagem, com a dinâmica de imagens e sons impactantes.
Programa monoconceitual	Programas curtos com o objetivo de desenvolver um tema muito específico São curtos e simples com informações extremamente objetivas.
Vídeo interativo	É a relação entre o vídeo e o computador, quem o usa pode manipular suas escolhas.

²⁴ Fonte: Ferrés (1996, p. 20-26).

Outra possibilidade observada por Ferrés (1996) e discutida por Moran (1995) propõe uma classificação do vídeo didático conforme suas funções no ensino como vêm descritas no Quadro 6:

Quadro 6: Funções do vídeo no ensino²⁵.

Função	Objetivo
Vídeo sensibilização	Utilizado para introduzir um novo assunto, instigar a curiosidade e motivar o aprofundamento de um assunto.
Vídeo ilustração	Situar o aluno em um tempo predeterminado.
Vídeo simulação	Simular situações perigosas ou raras.
Vídeo conteúdo de ensino	Expor um tema específico direta ou indiretamente.
Vídeo produção	a) Como documentação: registrar momentos importantes, por meio das experiências, vivências, relatos, entrevistas e depoimentos.
	b) Como intervenção: acrescentar, editar, transformar e adaptar novos olhares a um material previamente produzido
	c) Como expressão: produção de vídeos pelos próprios alunos com temáticas e conceitos estabelecidos pelo professor.
Vídeo avaliação	Instrumento no processo de avaliação, tanto para o aluno como para o professor.
Vídeo espelho	Expor uma análise pessoal ou de um grupo.
Vídeo integração/suporte	Interação de mídias como o computador, internet, videogames e CD-ROM.

Segundo Sousa; Bessa (2008) é preciso um novo olhar para os meios audiovisuais, não mais somente como ferramentas auxiliares, e sim como uma nova linguagem presente em todo o processo educativo.

²⁵ Fonte: (PEREIRA, 2008)

O vídeo didático como um recurso que apresenta grandes potencialidades pedagógicas, associadas aos pressupostos teóricos, critérios e objetivos específicos das áreas do conhecimento pode proporcionar uma aprendizagem significativa, que aproxima a escola da realidade do aluno.

É visível a grande atração que a linguagem audiovisual exerce no indivíduo, segundo Ferrés (1996) permite que haja uma percepção acima da reflexão, promove uma sensação sobre o conceito, e naturalmente provoca respostas mais ligadas à emoção e a afetividade.

A escola deve dialogar com este novo ambiente e proporcionar práticas pedagógicas que estimulem o aluno a perceber a realidade, intervir e interagir com as questões relacionadas aos diversos conteúdos da cultura corporal.

O vídeo didático deve ser usado conforme a especificidade e a necessidade de cada conteúdo e deve ser um facilitador e/ou orientador das ações pedagógicas, com uma linguagem concreta (GOMES, 2008).

2.3.3 Os usos do vídeo didático em sala de aula: aspectos positivos e negativos

O vídeo reúne várias linguagens, que interagem entre si, são ligadas e interpostas para despertar os sentidos de todas as maneiras.

De acordo com Subtil (2002) a introdução da linguagem audiovisual na escola provocou mudanças nas ações pedagógicas e acarretou diversos efeitos nos níveis de aprendizagem, tais recursos, promovem o aumento da receptividade dos alunos e propiciam novas situações de percepção, o que irá exigir do professor um novo olhar para sua mediação pedagógica.

Em uma pesquisa realizada na aplicação de conceitos da disciplina de Física, os resultados mostraram que o vídeo didático possibilitou um aprendizado significativo por parte dos alunos, além de aumentar os aspectos motivacionais da aula (COZENDEY; PESSANHA; SOUZA, 2007).

Moran (1995) afirma que o vídeo na sala de aula não deve apenas reproduzir conteúdos, mas sim produzir novas formas de interação entre aluno/professor, e suprir as exigências de uma educação transformadora com base em uma proposta pedagógica consciente.

Tal afirmação também é visível em Kenski (1996, p.136):

A riqueza da apropriação das linguagens da TV e do vídeo no ensino envolve cuidados que fazem parte da própria prática pedagógica tradicional dos professores. Com o mesmo cuidado com que o professor planeja sua aula, seleciona os textos e autores mais adequados para serem lidos pelos alunos, também devem selecionar os programas e os vídeos apropriados, para explorá-lo didaticamente em sala de aula (KENSKI, 1996,).

Conforme afirmação de Betti (2003) o vídeo pode influenciar o comportamento dos alunos de forma positiva e beneficia os professores como um recurso preparatório do trabalho.

Moran (1995) aponta que o vídeo pode ser visto de várias formas: entretenimento, educação e passatempo, sendo que esse último não pode acontecer na sala de aula.

Segundo Parra; Parra (1985) a capacidade de concretização do vídeo, permite a criação de uma ponte suave entre a realidade e a palavra, segundo um antigo provérbio “uma imagem vale por mil palavras”, tal situação coloca o aluno em contato direto com a realidade e despertar a percepção.

Um vídeo bem preparado pode ser explorado por várias pessoas, principalmente se sua veiculação for realizada por meio de redes e sites da internet, possibilitando ações como: visualizar, compartilhar, avaliar e comentar sob perspectivas diferentes (PEREIRA, 2008).

Um bom vídeo didático deve ser interessante e desafiador, provocar reflexões e induzir a vivência, surpreender, criar expectativas, promover a discussão e estender o trabalho para além da exibição (GOMES, 2008; MORAN 1995).

O vídeo é o principal instrumento de trabalho com a linguagem audiovisual, mostram os fatos que falam por si mesmos, sua utilização depende de uma análise prévia do material (MANDARINO, 2002).

Pires (2010) aponta que o vídeo propicia situações nas quais os alunos podem visualizar os próprios conflitos e o dos outros, permite uma participação mais ativa e leva os jovens a uma melhor compreensão do universo.

A sua presença na sala de aula oferece grandes possibilidades de realizar atividades didáticas que superem as fronteiras do espaço e tempo, e possibilita experiências que não poderiam ser realizadas na própria realidade (FERRÉS, 1996).

Quanto aos aspectos negativos da utilização do vídeo em sala de aula, Gomes (2008) coloca que há uma carência de pesquisas que indiquem critérios para

análise e avaliação da qualidade dos produtos audiovisuais e suas propostas pedagógicas.

Um dos problemas encontrado é a própria informação contida nas capas dos vídeos que apenas contém pequenas resenhas do roteiro, sem informações quanto ao formato e conceitos. Nos livros, por exemplo, geralmente há informações relevantes na capa e contracapa, índices e referências.

Apesar de a imagem ser uma importante forma de difundir a informação, outro aspecto negativo é a ocorrência de uma invasão constante dos recursos audiovisuais no cotidiano das pessoas com seus objetivos voltados ao consumo e menosprezando a escrita. (PIRES, 2010)

Vicentini; Domingues (2008) apontam que são encontradas muitas situações de difícil acesso ao vídeo didático, poucas atualizações do material disponível e a baixa qualidade dos produtos.

Gomes (2008) lembra que a maioria dos vídeos didáticos tem uma qualidade ruim, porque geralmente são produzidos por profissionais da comunicação sem consultar professores e/ou especialistas em Educação, quase sempre influenciado por razões econômicas.

O uso inadequado em sala de aula pode destituir um bom vídeo de sua capacidade, Moran (1995) indica que é preciso um planejamento das ações e deve-se evitar utilizá-lo como: vídeo tapa-buraco: frente a um problema inesperado, como ausência de professor, caso tal situação seja frequente pode desvalorizar o uso desse recurso; vídeo enrolação: quando não há clareza dos objetivos que ser alcançar e não aprofunda o conhecimento; vídeo deslumbramento: o uso exagerado utilizá-lo como único recurso; vídeo perfeição: o excesso de questionamentos do vídeo também pode ser prejudicial, sempre haverá situações contraditórias e até polêmicas, já que toda produção é fruto de um olhar; só vídeo: assistir por assistir sem que haja uma discussão e reflexão do assunto, desvinculado do conteúdo.

As expressões das linguagens do cinema, teatro, rádio, computação gráfica podem ser explorados por vídeos didáticos, sem deixar de lado a qualidade pedagógica. Muitos vídeos didáticos ainda utilizam uma linguagem próxima da escrita dos livros, se parecem com palestras, aulas expositivas e entrevistas, o que não desperta o interesse dos alunos (GOMES, 2008).

A incorporação do vídeo à escola pode potencializar o afastamento da realidade, porém o inverso também, para isso é preciso que o professor esteja preparado para realizar uma mediação favorável e positiva (FERRÉS, 1996).

A aprendizagem por meio do vídeo, conforme Subtil (2002) indica está na dificuldade em produzir Tecnologias de Informação e Comunicação a serviço das grandes finalidades da Educação. A visão dos audiovisuais como “muletas” só prejudica sua relação entre a eficiência no uso e eficácia de resultados.

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa de natureza qualitativa foi realizada em duas etapas: 1ª) Produzir um vídeo didático sobre ginástica a partir da revisão de literatura e análise das propostas curriculares estaduais e 2ª) Avaliação junto a seis professores da rede pública, sobre as possibilidades de uso dessa tecnologia audiovisual, com a técnica de Grupo Focal.

Conforme Chizzotti (2010, p.99):

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações [...] (CHIZZOTTI, 2010).

3.1 Analisar nos documentos oficiais (propostas curriculares estaduais) conhecimentos da ginástica pertinentes à produção de um vídeo didático.

Essa fase da pesquisa constituiu-se na análise documental das propostas curriculares, de dezesseis Estados brasileiros. A análise documental possibilita a visão de um conteúdo sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, a sua consulta (BARDIN, 2009).

A definição dos Estados brasileiros (AC, AL, DF, ES, GO, MA, MG, MT, MS, PE, PR, RJ, RO, RS, SE e SP), se deu pela acessibilidade aos documentos envolvidos na pesquisa, sendo que quinze Estados apresentam suas propostas em sites oficiais e um Estado foi obtido por meio de exemplares impressos, produzidos pelas Secretarias de Educação.

De acordo com Chizzotti (2010) análise documental é uma etapa importante porque procura reunir os conhecimentos produzidos e eleger os instrumentos necessários ao estudo de um problema relevante e atual.

Conforme observado em Bardin (2009, p.129):

- a organização e codificação compreendem três escolhas:
- o recorte: escolha das unidades;
 - a enumeração: escolha das regras de contagem;
 - a classificação e agregação: escolha das categorias (BARDIN, 2009).

Dessa maneira, na perspectiva da análise de conteúdos realizamos as seguintes etapas:

- o recorte: escolhemos as unidades nas propostas curriculares, que apontassem para os conteúdos da ginástica, e as isolamos;
- a enumeração: identificamos quais os tipos de ginástica e as dimensões dos conteúdos presentes: conceitual, procedimental e atitudinal;
- a classificação: reunimos os resultados em categorias e apresentamos uma proposta de classificação.

Salientamos que antes da delimitação da análise do conteúdo das propostas curriculares e o nível de ensino ao qual seria destinado, a concepção de Educação Física na escola e a função de seus conteúdos estavam bem alicerçadas, o que permitiu um olhar mais cuidadoso e seletivo.

3.2 Produção do vídeo didático sobre o conteúdo da ginástica.

Na elaboração do vídeo didático focamos o interesse no Ensino Fundamental, tentando atender as necessidades de alunos entre 10 e 14 anos, do 6º ao 9º ano.

A produção de um vídeo didático prevê um considerável estudo de documentos, textos, artigos, livros e pesquisas relacionados com o seu objetivo, como também com as questões tecnológicas envolvidas, sua edição, efeitos sonoros e visuais (GIACOMANTONIO, 1981).

Para a elaboração do vídeo didático foram utilizados equipamentos como filmadoras, máquinas digitais, gravadores e microfones, além de ferramentas computacionais disponíveis no mercado, como por exemplo: Windows Movie Maker (2006), Adobe Premium, Word e Audacity.

Com o avanço das novas tecnologias, o mercado cada vez mais tem disponibilizado ferramentas que facilitam sua construção e divulgação, embora seja necessário certo conhecimento específico para a produção e edição de um vídeo.

Segundo Vargas; Rocha; Freire (2007) a produção de um vídeo didático deve seguir uma sequência de ações, sua produção deve ser desenvolvida conforme a construção de várias etapas.

A elaboração do vídeo sobre ginástica dividiu-se em três momentos distintos: pré-produção, produção e edição, descritas a seguir:

3.2.1 Pré-produção

A pré-produção é o momento destinado a criação do corpo do projeto, o pesquisador deve estabelecer os conceitos e concepções do conteúdo, no caso a ginástica, quais temas são relevantes, a construção do texto, como será realizado os procedimentos de coleta de imagens, enfim, um planejamento das ações.

Este planejamento é dividido em duas fases: o argumento e o roteiro.

- Argumento é a descrição de como será desenvolvido o vídeo, a intermediação entre o aporte teórico e o roteiro, a justificativa da construção desse vídeo, suas implicações e possíveis aplicações em situações reais de ensino.

- Roteiro é a construção de cada passo, cada segmento, o detalhamento das cenas que serão filmadas, quais falas e narrações serão gravadas e como serão as imagens e dinâmicas.

3.2.2 Produção

A produção engloba a gravação das imagens e sons, nesse momento é importante ficar atento a qualidade do material coletado, para que não haja interrupções ou imprevistos que prejudiquem a sua finalidade (CARVALHO; MORAES, 2009).

Segundo Vargas; Rocha; Freire (2007, p.3):

A Produção é a etapa em que são feitas as filmagens das cenas que compõem o vídeo. As filmagens são realizadas em tomadas, isto é, intervalos de tempo entre o início e o término de cada gravação. Uma cena, portanto, é composta por um conjunto de tomadas, e um vídeo é composto por um conjunto de cenas (VARGAS; ROCHA; FREIRE, 2007).

A gravação foi realizada por um profissional especializado em produções de vídeos²⁶, que junto à pesquisadora, observou e discutiu acerca dos possíveis lugares para a captação de imagens, houve um estudo sobre a luminosidade e equipamentos a serem utilizados.

²⁶ Rogério Soares da Cunha da Lumiar Vídeo

Os locais escolhidos foram: UNESP, em Rio Claro; a EMEF Carlos Pasquale, em São Paulo; o Parque Municipal Renato Maia, localizado em Guarulhos/SP; a Academia Vitória, em Guarulho/SPs e a FisioPilates, em São Paulo/SP.

Como não foi possível gravar *in loco*, todas as ginásticas determinadas pelo argumento optaram-se em utilizar imagens extraídas de sites de domínio público²⁷ e licenças comuns, disponibilizadas pela internet.

Como a ginástica é um conteúdo bastante amplo e com uma imensa diversidade de tipos e formas, tivemos certa dificuldade para encontrar alguns praticantes de tipos específicos de ginástica.

Além disso, não foi possível realizar as gravações com filmadoras domésticas, o que exigiu a utilização de um equipamento profissional, este cuidado deveu-se a necessidades de preservar a qualidade das imagens.

Segundo Moran (1995) o vídeo explora o ver, visualizar, o ter a sua frente situações, pessoas, cores, entre tantas outras possibilidades que irão levar o receptor a olhares diferenciados da realidade situados no presente, mas que o inter-relaciona com o passado e futuro.

A mesma importância é dada pelo autor com relação à fala apresentada no vídeo, ela aproxima-se da comunicação comum entre as pessoas, orienta os códigos e significados.

A narração do vídeo foi realizada por uma professora da área de Educação Física²⁸, que já tinha experiências anteriores com produções didáticas de recursos audiovisuais, e que também é pós-graduanda do Programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

A gravação do som foi realizada em um estúdio próprio para este fim, o que exigiu o trabalho de um profissional especializado. Isto se fez necessário para que o áudio não sofresse interferências, ou apresentasse ruídos.

3.2.3 Edição e finalização

Após a captação de imagens e gravação da narração, a pesquisadora junto ao profissional realizou uma seleção do material coletado, para a sobreposição de imagens e sons.

²⁷ Creative Commons – ginástica artística, acrobática e de condicionamento físico.

²⁸ Prof^a Dr^a Fernanda Moreto Impolcetto

Tão importante quanto às outras fases esse é o momento de sincronizar as imagens com os sons e as falas, escolher as melhores cenas, realizar os cortes e efeitos especiais (CARVALHO; MORAES, 2009).

Para isso é necessário certo conhecimento técnico na produção e edição de vídeos. Para a edição do vídeo dessa pesquisa utilizou-se um software mais complexo, que permitiu a utilização de inúmeras ferramentas como: dinâmica nas ligações das imagens e recorte do som e sincronia das imagens com o texto.

Um bom recurso audiovisual deve transmitir as informações de forma sintética e objetiva. Com a intenção de não transformar o vídeo em um material cansativo para o aluno, e sintetizasse sua mensagem em um tempo confortável, sua duração foi de 10 minutos e 53 segundos. Um bom vídeo não deve saturar o tempo disponível para a mensagem, sua forma deve conter o máximo de informações com o mínimo de codificações, o texto descritivo tem que ser claro e objetivo (GIACOMANTONIO, 1981).

Toda a edição foi salva no formato de projeto, para que pudessem ser realizadas modificações, conforme as necessidades de adequação dos conteúdos. Somente quando se percebeu que não haveria mais razões de mudanças é que o vídeo foi finalizado.

3.3 Avaliar junto a professores da rede pública os usos do vídeo: a técnica de Grupo Focal.

Após a conclusão do vídeo, o material foi apresentado a seis professores atuantes no ensino fundamental da rede pública.

O instrumento de coleta de dados foi o Grupo Focal, no qual os professores voluntariamente discutiram o conteúdo do vídeo, e o pesquisador tentou chegar mais próximo às compreensões dos participantes sobre o assunto abordado.

O grupo de professores não teve informações detalhadas sobre o objeto da pesquisa, para não chegarem com opiniões formadas ou pré-estabelecidas com influências de outras discussões.

Debus (1997) enfatiza os cuidados na utilização deste método: os professores devem ter algo em comum, a duração da seção deve ser em torno de uma hora e trinta minutos, quantidade pequena de participantes e o local aconchegante e sem ruídos. Ao cumprir esses requisitos a pesquisadora promoveu uma situação de bem estar o que favoreceu à discussão.

O encontro foi gravado em áudio e/ou vídeo para observações e análise posteriores. No que diz respeito à escolha dos professores-participantes desta pesquisa (Quadro7), foram convidados seis professores por meio de contato pessoal da pesquisadora.

Quadro 7: Descrição dos sujeitos

<i>Sujeitos</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Local de trabalho</i>	<i>Ano e local de formação</i>	<i>Tempo de docência na rede pública</i>
1	30	F	Rede Municipal da Cidade de São Paulo Rede Estadual do Estado de São Paulo	2002 FIG/Guarulhos	6 anos
2	24	M	Rede Municipal da Cidade de São Paulo Rede Estadual do Estado de São Paulo	2008 UNICSUL/SP	2 anos
3	29	M	Rede Municipal da Cidade de São Paulo	2010 UNINOVE/SP	1 ano
4	24	M	Rede Estadual do Estado de São Paulo	2009 UNG/Guarulhos	2 anos
5	32	F	Rede Municipal da Cidade de São Paulo	2007 FEFISA/Santo André	1 ano
6	51	F	Rede Municipal da Cidade de São Paulo Rede Estadual do Estado de São Paulo	1981 Clube Náutico Mogiano/Mogi das Cruzes	29 anos

Os professores deveriam estar ministrando aulas do componente curricular da Educação Física da rede pública, efetivos em seus cargos e demonstrar interesse em participar da pesquisa.

Conforme indica Gatti (2005), a escolha de professores da rede pública foi determinada por possuírem uma aproximação com o tema a ser discutido, assim como suas implicações práticas em situações reais de ensino. Essa vivência propiciou uma participação mais ativa, e o objeto da pesquisa discutido foi levantado a partir das experiências pessoais.

O foco das discussões com os professores foi voltado às relações que os mesmos possuem com a ginástica, a utilização do vídeo nas aulas e as suas ações pedagógicas.

O Grupo Focal possibilitou a aproximação das compreensões dos participantes, e assim foram analisadas as atitudes e valores expressos nos discursos dos professores. Importante ressaltar o conhecimento das experiências

pessoais dos envolvidos e também as suas perspectivas para delimitar “por que” pensam naquela forma e não somente “o quê” pensa (ASCHIDAMINI, 2005).

Damico (2006) aponta essa técnica como uma coleta de informações vantajosa por expressar uma opinião coletiva sobre uma temática. Os participantes podem ampliar a discussão para assuntos aleatórios e o pesquisador deverá conduzir o grupo ao foco sem comprometer o entendimento das falas.

Gatti (2005) enfatiza que nessa técnica, a sua aplicação deve ser criteriosa e coerente para se tornar um bom instrumento, o facilitador ou moderador, deve desenvolver um ambiente positivo para o desenvolvimento da comunicação sem interferências de opiniões pessoais, conclusões ou relevâncias negativas e positivas do tema.

Aschidamini; Saupe (2004) apontam que não existe um número de sessões padrão. Com base nesta informação, nesta pesquisa foi realizado apenas um encontro com os seis professores.

O tempo de duração de cada reunião e o número de sessões depende da complexidade do tema é o que indica Gatti (2005), a técnica de grupo focal não determina o número de sessões, ficando a cargo de o pesquisador estabelecer este número.

No encontro foi primeiramente realizada a exibição do vídeo, com a duração de 10 minutos e 53 segundos, e em seguida a discussão no grupo focal, com a duração em torno de 1 hora e 40 minutos.

De acordo com Gatti (2005), o pesquisador deve elaborar um roteiro para orientar as discussões, inicialmente, intervir o mínimo possível para que possa se situar, porém não pode adotar uma postura extremamente passiva, precisa estimular as relações entre os participantes, facilitando o debate nos pontos principais do estudo.

O pesquisador foi o moderador do grupo e não apresentou nenhuma opinião pessoal, apenas direcionou a discussão ao seu foco, buscando estimular os participantes a se expressarem.

Os autores, Aschidamini; Saupe (2004) colocam que a temática é extremamente importante na coleta de dados por meio do grupo focal, o roteiro deve conter os questionamentos necessários para conduzir qualitativamente as discussões e facilitar o trabalho do moderador.

O encontro foi organizado da seguinte forma:

- 1º) Apresentação do pesquisado/moderador, informações sobre o estudo e qual será os encaminhamentos gerais para a discussão;
- 2º) Apresentação do vídeo didático sobre a ginástica;
- 3º) apresentação dos participantes;
- 4º) Discussão centrada no roteiro e nos temas da pesquisa;
- 5º) Agradecimentos pela colaboração;
- 6º) Lanche coletivo entre os participantes oferecido pelo pesquisador;
- 7º) Encerramento com a colocação das impressões gerais sobre o vídeo e a participação no Grupo focal.

Foram elaborados os seguintes questionamentos/temas para orientar o roteiro do grupo focal:

- 1) Eu gostaria que vocês ficassem à vontade e comentassem o vídeo. Qual a impressão geral do vídeo? O que vocês acharam do vídeo?
- 2) É possível detalhar a temática deste vídeo?
- 3) O tema abordado neste vídeo faz parte do planejamento de vocês?
- 4) Por que vocês colocam a ginástica no planejamento?
- 5) Essa próxima pergunta está relacionada à pergunta anterior, vocês poderiam falar sobre exemplos de práticas com este tema.
- 6) Vocês usariam este vídeo nas aulas?
- 7) Por que vocês usariam o vídeo nas aulas?
- 8) De que modo vocês usariam este vídeo nas aulas?
- 9) Em qual momento vocês usariam este vídeo?
- 10) Este vídeo é suficiente para desenvolver o tema, ginástica, na escola?
- 11) Gostaria que vocês apontassem os pontos positivos e negativos do vídeo, tanto no seu formato como na sua utilização.

Foi utilizado um gravador para o registro das falas dos professores do grupo. Como indicado por Queiroz (1995) a própria pesquisadora transcreveu os dados, uma vez que, segundo a autora, o exercício de ouvir e transcrever constitui um estímulo à memória. A transcrição realizada pela pesquisadora valoriza o trabalho assim como as suas informações. Do mesmo modo, Ladeira (2007) aponta que o registro das falas dos participantes permite alcançar maior riqueza dos dados explícitos nos discursos gravados.

A discussão gravada foi transcrita na íntegra logo após o encontro e analisada pela pesquisadora para que fosse possível a conceituação dos assuntos abordados posteriormente.

São necessárias as transcrições na íntegra das falas, em seguida realizada uma análise sistemática, a criação de rotas para não perder o foco do estudo (GATTI, 2005).

Após a transcrição das falas dos professores, o conteúdo recebeu um tratamento no intuito de codificá-lo, ou seja, transformá-lo – seguindo regras precisas – dos dados brutos do texto (BARDIN, 2009).

Conforme Chizzotti (2010, p. 98) “... essa transformação é necessária para que se possa compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Foi realizada uma análise de conteúdo segundo as orientações encontradas em Bardin (2009). Assim, buscou-se “os núcleos de sentido” com a realização de recortes, enumerados e classificados em categorias conforme a presença ou frequência de aparição nas falas dos participantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise nos documentos oficiais (propostas curriculares estaduais) conhecimentos da ginástica pertinentes à produção de um vídeo didático.

Nesse tópico serão discutidos os dados levantados junto às propostas curriculares e os conhecimentos abordados sobre a ginástica. Para tal foi empregado técnicas de análise de conteúdo para decifrar em cada proposta o núcleo emergente, que servisse ao propósito da pesquisa, num processo contínuo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações contidas nos documentos.

A acessibilidade da maioria desses documentos foi realizada por meio da internet, pois as Secretarias de Educação disponibilizam as propostas curriculares em sites para consulta pública.

Das dezesseis propostas identificadas, (quinze Estados, mais o Distrito Federal, foram encontrados, *on line*, AC, AL DF, ES, GO, MA, MG, MT, PE, PR, RJ, RO, RS, SP e SE), e, apenas um Estado (MS) por meio de material impresso. Sampaio (2010), em estudo apoiado pelo Ministério da Educação, buscou identificar tendências, regularidades e singularidades nas diferentes propostas curriculares e também não obteve as propostas de todos os Estados brasileiros. Dos 26 Estados da união o estudo contou com 21 propostas, sendo que elas foram enviadas diretamente à pesquisadora.

Não conseguimos localizar as propostas curriculares dos outros onze Estados brasileiros (SC, BA, PB, RN, CE, PI, AM, RR, PA, TO e AP). Alguns sites das respectivas Secretarias de Educação apresentaram informações do andamento das construções das propostas, e que em breve, estariam colocando-as à disposição para consultas.

Desse modo, o conjunto de documentos, foi composto pelas seguintes fontes:

- Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental. Caderno 1 – Educação Física. (ACRE, 2010);
- Referencial Curricular da Educação Básica: Ensino Fundamental para as Escolas Públicas de Alagoas. (ALAGOAS, 2010);
- Currículo: Educação Básica: Ensino Fundamental – Séries Anos Finais. (DISTRITO FEDERAL, 2010);

- Currículo: Educação Básica. Ensino Fundamental – Série Anos Finais. (ESPÍRITO SANTO, 2010);
- Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano: Currículo em Debate. Matrizes Curriculares. (GOIÁS, 2009);
- Referencial Curricular: Educação Física – 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. (MARANHÃO, 2009);
- Proposta Curricular CBC de Educação Física. (MINAS GERAIS, 2009);
- Orientações Curriculares para Educação Básica do Estado de Mato Grosso. (MATO GROSSO, 2009);
- Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino - Ensino Fundamental. (MATO GROSSO DO SUL, 2007);
- Orientações Teórico-Methodológicas: Ensino Fundamental. Educação Física. (PERNAMBUCO, 2008);
- Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Educação Física. (PARANÁ, 2008);
- Proposta Curricular: um novo formato. Educação Física. (RIO DE JANEIRO, 2010);
- Referencial Curricular do Estado de Rondônia Educação Física. (RONDÔNIA, 1998);
- Lições do Rio Grande: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Artes e Educação Física. Referencial Curricular, v. 2. (RIO GRANDE DO SUL, 2009);
- Proposta Curricular de Educação Física. (SÃO PAULO, 2008);
- Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, (SERGIPE, 2011).

O primeiro passo da análise documental foi organizar os documentos e selecionar os conhecimentos da ginástica contidos nas propostas curriculares, realizando um recorte das unidades, com o foco principal na obtenção das informações gerais sobre a ginástica, o que resultou no quadro do ANEXO 1.

Este quadro foi norteado com os seguintes questionamentos: O conteúdo da ginástica está contemplado nas propostas? Como o conteúdo é apresentado? Em qual ano do ciclo escolar aparece? O que é tratado desse conteúdo nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal?

4.1.1 A presença da ginástica nas propostas curriculares

O primeiro resultado obtido foi de que todas as propostas analisadas apontam a ginástica como parte dos conteúdos da Educação Física na escola. Assim, como observa Sampaio (2010), nesse item específico verificou-se mais semelhanças entre as propostas estaduais do que diferenças.

Segundo Soares et al. (1992) a presença da ginástica na Educação Física se faz legítima na medida em que permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, por meio de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais.

Em documentos oficiais como os PCN (BRASIL, 1998), observa-se que a ginástica foi incorporada pela Educação Física como parte da cultura corporal de movimento e objeto de ação e reflexão nas aulas.

Porém, a análise pormenorizada das propostas indicou que não houve homogeneidade nos usos dos termos empregados na designação da ginástica, pois em algumas propostas foram apontados como objetivos outros como, blocos, eixos temáticos, entre outras denominações. Os resultados mostram como em Sampaio (2010) uma ambigüidade no uso dos termos.

No quadro 8 apresentamos como a ginástica foi apresentada nas propostas curriculares:

Quadro 8: Como o conteúdo da ginástica é apresentado nas propostas curriculares.

Estados	Como o conteúdo é apresentado
ES, GO, MA, MG, PE, PR, RJ*, RS, SE, MT, SP*	Ginástica
AC	Capacidades
AL	Educação Física
DF	Linguagens – Letramento e Diversidade
ES	Corpo-linguagem/Corpo-expressão
MS	Conhecimento sobre o corpo
RJ*	Atividade de percepção corporal
RO	Movimento e saúde/Práticas sociais. Atividades rítmicas expressivas/Estética das linguagens. O movimento nas manifestações lúdicas e esportivas/Estética das linguagens.
SP*	Esporte

* Estes Estados apresentam duas denominações para o conteúdo.

Em algumas propostas os temas da ginástica estão atrelados a outros conteúdos da cultura corporal de movimento, como no Estado do Mato Grosso do Sul quando apresenta: “A ginástica artística, natural, rítmica, localizada e outras”, como objetivo do conteúdo “Conhecimento sobre o corpo”. Outras vezes, divididos em várias partes, como no Estado de Rondônia apresenta-se nos eixos: “Movimento e saúde”; “Atividades Rítmicas Expressivas” e “O Movimento nas Manifestações Lúdicas e Esportivas”

Os PCN (BRASIL, 1998) organizam os conteúdos em três blocos: Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas; Conhecimentos sobre o corpo. De acordo com o documento esse blocos conversam entre si, mas tem garantidas as suas características e especificidades. Os resultados obtidos nesse estudo apontam que a classificação utilizada nos PCN não foi adotada pelas diferentes propostas.

Quando analisou-se as concepções gerais de todas as propostas Sampaio (2010) teve posição diferente, entendeu que a fundamentação da maioria das propostas curriculares está em concordância com as indicações legais e com as perspectivas teóricas presentes nas orientações oficiais, principalmente na Lei de Diretrizes e Bases (LDB/BRASIL, 1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

A diferença observada entre esse estudo e o de Sampaio (2010) pode ser decorrência das inúmeras críticas que os PCN receberam internamente na Educação Física (DARIDO et al., 2010), que fez com que várias propostas não adotassem a classificação de conteúdos propostos pelos PCN. Essa diversidade terminológica aponta a necessidade de uma maior reflexão e estudos sobre aquilo que realmente se ensina na Educação Física escolar, que são os seus conteúdos.

A ginástica na escola tem sofrido um reducionismo dos seus conteúdos como aponta Almeida (2005). Nas propostas curriculares dos Estados analisados poucas informações são detalhadas, além de não apresentar uma organização dos conhecimentos similar sobre a ginástica para os diferentes anos ou ciclos escolares.

No Quadro 9, apresentamos em quais anos escolares os temas da ginástica são contemplados em cada proposta curricular.

Quadro 9: Em quais anos escolares a ginástica está presente nas propostas curriculares

Estado	Em qual ano
AL, MG, MT, MS	6º ao 9º ano
AC	6º/7º (ciclo)
DF, ES	6º
GO, RJ, RS	6º/7º e 8º/9º (ciclos)
PE, PR, SE	6º/7º/8º/9º
SP	6º/7º/8º
MA	6º e 7º/8º/9º
MT	Não apresenta

Entre os Estados que propuseram uma organização por ano escolar, 4 Estados (Alagoas, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) apresentaram os mesmos conteúdos da ginástica para todo o ciclo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano; os Estados de Pernambuco, Paraná e Sergipe apresentaram conteúdos diferentes para cada ano 6º/7º/8º/9º.

Os Estados de Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul tratam do mesmo conteúdo da ginástica para cada ciclo de dois anos 6º/7º e 8º/9º; o Estado do Acre também, porém, só trata da ginástica no ciclo de 6º/7º.

O Estado do Espírito Santo e o Distrito Federal apresentam conteúdos da ginástica somente no 6º ano; o Estado do Maranhão um conteúdo diferenciado para o 6º ano enquanto para 7º/8º/9º ano são iguais e por último o Estado de São Paulo que não apresenta conteúdos da ginástica no 9º ano.

Na verdade, de acordo com González (2006) e Darido et al. (2010) pouco se tem discutido na área sobre princípios e propostas de uma sistematização para a Educação Física escolar. Por exemplo, em estudo realizado por Impolcetto et al. (2007) foi identificado que grande parte dos professores do Ensino Superior não conseguem apontar uma possível sistematização dos conteúdos, inclusive da ginástica, para a escola e quando o fazem se reportam exclusivamente na perspectiva procedimental, ou seja no aumento da complexidade do saber fazer.

4.1.2 A classificação da ginástica nas propostas curriculares estaduais

A organização das informações em um quadro permitiu processar a leitura segundo os critérios de análise de conteúdo, realizando assim um levantamento qualitativo e quantitativo dos temas referentes à ginástica.

Obtivemos assim, o seguinte resultado, elencados no Quadro 10:

Quadro 10: Síntese dos temas referentes à ginástica nas propostas curriculares.

	AC	AL	DF	ES	GO	MA	MG	MT	MS	PE	PR	RJ	RO	RS	SE	SP	Total
Ginástica rítmica	-	X	-	X	X	X	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	9
Ginástica artística	-	X	-	X	X	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X	X	7
Aspectos históricos	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X	-	-	-	-	X	6
Qualidade de vida	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	6
Ginástica aeróbica	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-	X	X	5
Habilidades motoras /Capacidades físicas	-	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	-	5
Ginástica acrobática	-	-	-	X	X	X	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	5
Ginástica localizada	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	X	X	4
Modismos	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	4
Ginástica circense	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	3
Ginástica alternativa	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	3
Ginástica geral/ demonstração	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	3
Alimentação	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	2

Este quadro apresentou uma síntese interpretativa dos temas identificados nas propostas curriculares referentes à ginástica. Para estabelecer relações dos temas obtidos nas propostas curriculares, com o propósito deste estudo, foi preciso definir a que categoria de análise os conteúdos estavam associados.

Do ponto de vista quantitativo foi averiguado a frequência com que os temas eram apontados nas propostas. Foram levados em consideração, os temas que incidissem em mais de uma proposta.

A análise partiu da identificação de todos os temas que tivessem relação com a ginástica e a partir da tabulação desses dados a seleção desse tema em categorias, no caso a proposta de classificação apresentada na revisão de literatura.

Desenvolvida no referencial teórico dessa pesquisa, com base em Gallardo (2008) e outros autores como Souza (1997) e Venâncio; Carreiro (2005). Utilizamos uma classificação que se dividiu em três categorias.

O Quadro 11 apresenta os resultados da aplicação de uma classificação da ginástica nos temas encontrados nas propostas curriculares:

Quadro 11 - Classificação da ginástica nas propostas curriculares

Estado	Ginástica para competição	Ginástica para saúde	Ginástica geral/ demonstração
AC	----	----	----
AL	X	----	----
DF	----	----	----
ES	X	X	----
GO	X	X	----
MA	X	X	X
MG	----	X	----
MT	----	----	----
MS	X	X	----
PE	X	X	----
PR	X	X	X
RJ	----	X	----
RO	----	X	----
RS	X	X	----
SE	X	X	----
SP	X	X	X
TOTAL	10 estados	12 estados	3 estados

Os resultados referentes aos aspectos históricos (seis estados), as habilidades motoras e capacidades físicas (cinco estados), alimentação (dois estados) e modismos (quatro estados) não foram classificados, primeiro por acreditarmos que são assuntos que transpassam todas as práticas corporais, e segundo por não haver um tratamento pedagógico mais detalhado nas propostas que permita compreender detalhes desses conteúdos.

São alguns exemplos: no estado do Espírito Santo “Conhecer a história das ginásticas estudadas”; no estado de Alagoas “Vivenciar situações que favoreçam o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras presentes nos

diversos tipos de modalidades esportivas”; no estado do Paraná “Análise sobre o modismo relacionado à ginástica” e no estado de Minas Gerais “Relacionar a atividade física e alimentação.”

Não consideramos também na classificação a ginástica circense, citada em três Estados (GO, PE e PR) por considerarmos uma manifestação da cultura com especificidades e características diferenciadas do conteúdo da ginástica, apesar de existir algumas convergências no processo histórico de ambas as práticas.

Bortoleto (2010) aponta que desde a Antiguidade muitos fatores (sociais, políticos e econômicos), exerceram influências na dinâmica de aproximação e distanciamento entre o circo e a ginástica. Porém, a ginástica incorporou mais os valores científicos e o circo à expressividade artística.

Com a classificação dos diversos temas sobre a ginástica identificados e tabulados, foi possível realizar uma análise mais detalhada de cada categoria:

A ginástica para a saúde

A ginástica para saúde foi a mais freqüente, apareceu em doze estados, nela foram reunidas as prática que tem com o objetivo promover a saúde.

Com base no referencial teórico dessa pesquisa, dividimos esta categoria em quatro grupos:

Primeiro grupo – Ginástica de condicionamento físico

Seu objetivo é a aquisição, melhora ou aprimoramento das condições físicas e estéticas. Geralmente realizadas em academias, também podem ser praticadas em parques, praças e clubes.

São exemplos: a ginástica aeróbica caracterizada por movimentos rítmicos e intensos com elevado gasto calórico, que geram perda de gordura corporal. E a ginástica localizada composta por exercícios que pretendem melhorar a força e a resistência dos principais grupos musculares, sem que haja um grande aumento na massa muscular.

A ginástica aeróbica foi indicada em cinco Estados (MA, PE, RO, SE e SP) e a ginástica localizada em quatro Estados (MS, RO, SE e SP), a musculação apresentada apenas em um estado, (RS) e o step em um Estado (Rondônia).

O número de indicações de práticas com a finalidade do condicionamento físico nas propostas curriculares foi muito restrito, quase todas indicaram somente e de forma geral a ginástica aeróbica e a localizada.

Na verdade, como citam Prestes; Assumpção (2008) existem vários outros tipos de ginásticas voltadas para a saúde. Por exemplo, dentro da ginástica aeróbica podem ser considerados: body pump, body combat, jump fit, step training, só considerando as ginásticas que funcionam sob a forma de franquia em academias, sem levar em conta os outros lugares da sua prática.

De acordo como Betti; Zuluani (2002) as propostas curriculares precisam apresentar uma organização da ginástica de condicionamento físico que auxilie o professor a orientar o aluno a identificar e analisar os programas que são oferecidos em lugares como clubes e academias, como também na possibilidade dessa ginástica em parques e praças, o que democratizaria o seu acesso. (BETTI; ZULIANI, 2002)

Segundo grupo - Ginástica alternativa

São práticas que pretendem aumentar o autoconhecimento e a consciência corporal. Geralmente utiliza princípios e práticas provenientes de outras culturas, como: a Yoga que tem origem na Índia Antiga e incluem práticas de meditação, respiração, equilíbrio e alongamento e a Eutonia que teve origem na Alemanha no início do século XX, consiste em vivenciar em repouso ou em movimento práticas que permitam ampliar a concentração e a percepção das sensações do corpo.

Coldebella (2002) indica que a realização dos conteúdos das “práticas corporais alternativas” possibilita o autoconhecimento, a criatividade, a expressividade, a espontaneidade e o bom funcionamento do corpo.

De acordo com Lorenzetto; Matthiesen (2008, p.11) “Inúmeros estudos e métodos legitimam as práticas corporais alternativas como uma possibilidade de educação corporal”, e assim podemos afirmar que ampliam o conhecimento da cultura corporal de movimento.

Porém, nas análises das propostas curriculares suas práticas foram citadas somente em três Estados (MA, PR e RJ), sem que houvesse uma conceituação de seus métodos e princípios pedagógicos.

As práticas corporais alternativas, como por exemplo, bioenergética, ginástica harmônica, eutonia, holística, médica, entre outras citadas no livro “Práticas

Corporais Alternativas” de Luiz Alberto Lorenzetto e Sara Quenzer Matthiesen (2008), mostram a amplitude dos conhecimentos possíveis de se alcançar com essa diversidade, práticas pouco citadas nas propostas.

E mesmo nas propostas, em que aparece essa categoria os objetivos são bastante gerais e restritos, como no Estado do Rio de Janeiro que propõe: “Desenvolver a consciência corporal através da participação em exercícios de alongamento”.

Terceiro grupo - Ginástica laboral

A ginástica laboral compreende um conjunto de práticas coletivas elaboradas a partir da atividade profissional exercida durante o expediente, que visa compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho e ativar as que não são requeridas, relaxando-as e/ou tonificando-as (LIMA, 2004).

Os exercícios são basicamente compostos por alongamento e relaxamento, em momentos de pausa. Os movimentos são planejados de acordo com as funções praticadas por cada profissional.

A ginástica laboral apareceu em apenas um Estado (RO) em que se aponta para o, “Reconhecimento da ginástica laboral para a saúde do trabalhador com vivências e ações motoras.”

A ginástica laboral deveria ser um tema das aulas de Educação Física escolar? Parece que os autores das propostas curriculares não percebem essa prática como relevante. É importante ressaltar que conforme Sampaio (2010) a maioria das propostas curriculares estaduais foi elaborada com o auxílio de professores da rede pública de ensino e contou com a consultoria de professores de diferentes universidades brasileiras.

Parece-nos preocupante a ausência da ginástica laboral da escola, primeiro, porque muitos alunos irão trabalhar em empresas e poderão ter ou não a disposição práticas da ginástica laboral. Nesse sentido, seria importante ter tido a possibilidade de discutir na escola, a questão do aumento da produtividade no trabalho e o interesse dos empregadores, por outro lado, a possibilidade de melhorias no próprio bem estar pessoal, a partir de pausas no trabalho. Ou seja, entende-se que a escola é local apropriado para uma tematização no conteúdo da ginástica laboral.

Outro fato recente reforça a necessidade de repensar a presença ou não da ginástica laboral das aulas de Educação Física na escola. No primeiro Exame

Nacional do Ensino Médio (ENEM, 2009) realizado com questões de Educação Física, os alunos foram instados a responder uma questão específica sobre a ginástica laboral. É importante lembrar que sem o conhecimento específico sobre o que ginástica laboral os alunos não responderiam a questão. Não se trata de se submeter ao que os vestibulares e ENEM solicitam dos alunos, mas sim refletir sobre quais conhecimentos são necessários para a vida cidadã. A questão foi a seguinte:

1. (ENEM, 2009) *Luciana trabalha em uma loja de venda de carros. Ela tem um papel muito importante de fazer a conexão entre os vendedores, os compradores e o serviço de acessórios. Durante o dia, ela se desloca inúmeras vezes da sua mesa para resolver os problemas dos vendedores e dos compradores. No final do dia, Luciana só pensa em deitar e descansar as pernas. Na função de chefe preocupado com a produtividade (número de carros vendidos) e com a saúde e a satisfação dos seus funcionários, a atitude correta frente ao problema seria*
- (A) *propor uma criação de ginástica laboral no início da jornada de trabalho.*
 - (B) *sugerir a modificação do piso da loja para diminuir o atrito do solo e reduzir as dores nas pernas.*
 - (C) *afirmar que os problemas de dores nas pernas são causados por problemas genéticos.*
 - (D) *ressaltar que a utilização de roupas bonitas e de salto alto são condições necessárias para compor o bom aspecto da loja.*
 - (E) *escolher um de seus funcionários para conduzir as atividades de ginástica laboral em intervalos de duas em duas horas.*

Quarto grupo - Ginástica terapêutica

A ginástica terapêutica é utilizada quando se pretende recuperar o corpo de doenças congênitas ou causadas por acidentes, seu objetivo é a melhora da condição física, mas é empregada, sobretudo no sentido da reabilitação. Um dos exemplos de ginástica terapêutica é o método Pilates, sua prática engloba exercícios que buscam o equilíbrio do sistema muscular e melhora da postura.

Não foi possível identificar nas propostas, práticas relacionadas a este grupo. É curioso que estas questões ainda não se façam presentes na escola, já que uma demanda em crescimento de pessoas buscando, por exemplo, o Pilates, que está cada vez mais presente na mídia.

A ginástica para a competição

A ginástica de competição inclui as práticas destinadas ao desenvolvimento das ginásticas esportivas. Utilizamos como referencial as ginásticas regidas pela FIG, para a composição dessa categoria, são elas: artística, rítmica, acrobática, aeróbica esportiva e trampolins.

Foram citadas três ginásticas de competição nas propostas curriculares: a ginástica rítmica em nove Estados (AL, GO, MA, MS, PR, SE e SP), a ginástica artística em sete Estados (AL, ES, GO, MA, MS, PE, PR, SE e SP), a ginástica acrobática em cinco Estados (ES, GO, MA, PE e RS) em cinco Estados (AC, DF, MG, MT, RJ e RO) não citaram qualquer tipo de ginástica competitiva.

A ginástica rítmica é a modalidade que utiliza a manipulação dos aparelhos: corda, arco, bola, fita e maçãs. Pouco divulgada na mídia, foi a mais freqüente, talvez pela proximidade com os materiais tradicionais disponíveis na escola.

No Estado de São Paulo sua aparição está no bloco de conteúdo relacionado ao esporte como modalidade individual, no qual devem ser desenvolvidos os gestos técnicos, regras e história.

Gaio (2007, p.117) indica que a ginástica rítmica pode ir além do esporte quando propõe:

[...] A liberdade de ação e expressão corporal, através da ginástica rítmica “popular”, partindo dos movimentos naturais aos construídos; dos simples aos mais complexos; do criar ao recriar, de acordo com a potencialidade motora de cada praticante. Visualizamos “praticantes” como qualquer aluna ou aluno numa aula de Educação Física na escola ou em qualquer instituição de ensino esportiva ou de lazer, em qualquer faixa etária (GAIO, 2007).

A ginástica artística, modalidade que utiliza de grandes aparelhos: solo, mesa para salto, paralelas simétricas, trave, paralelas assimétricas, cavalo com alças, argolas e barra fixa, apareceu como a segunda ginástica de competição mais frequente nas propostas curriculares

O que observamos das análises foi uma proximidade de seus conteúdos com o desenvolvimento dos aspectos procedimentais. Por exemplo, a proposta do Estado do Paraná cita que “Aprender e vivenciar os movimentos básicos da ginástica (ex: saltos, rolamentos, parada de mãos roda).”, no Estado do Maranhão, “Fundamentos da ginástica artística, rítmica e acrobática”, e no Distrito Federal,

como “Atividades ginásticas: Equilíbrio geral – um pé, dois pés, de forma dinâmica e estática”.

Percebe-se então, um contexto da ginástica artística alicerçada no “fazer”, não havendo uma preocupação com as dimensões conceituais e atitudinais.

Conforme Venâncio; Carreiro (2005) a ginástica como um conteúdo histórico das práticas corporais, não pode ter como referência somente as vivências, ao contrário, suas práticas devem ser contextualizadas, ressignificadas e transformadas na escola.

Tradicionalmente os conteúdos da ginástica são voltados ao rendimento, o que a afasta suas possibilidades de inclusão de todos os alunos, por ser, considerada difícil com movimentos perigosos e arriscados.

A ginástica acrobática, modalidade que tem como base as acrobacias e equilíbrios acrobáticos, como as pirâmides humanas, foi citada em cinco estados (ES, GO, MA, PE e RS), porém, no Estado do Rio Grande do Sul, ficamos em dúvida quanto ao objetivo de suas proposições na medida em que citam, “Conhecer as acrobacias básicas individuais”. Quais seriam essas acrobacias? Relacionadas às quais práticas corporais?

Na categoria da ginástica competitiva não foi citada pelas propostas curriculares, tanto a ginástica aeróbica como a ginástica de trampolins, que são evidentemente menos conhecidas do que a artística e rítmica. No entanto, causa estranheza que, ao menos, fossem citadas como parte do programa olímpico, no caso da ginástica de trampolim, ou da ginástica aeróbica, em relação às suas transformações, da ginástica de academia para o esporte.

O que se quer dizer é que se as duas modalidades não são tratadas na perspectiva procedimental, elas deveriam ser citadas como um conhecimento que envolve as transformações e contextualizações da ginástica na sociedade atual.

A ginástica para a demonstração

A ginástica para a demonstração são práticas corporais sem caráter competitivo, que utilizam os fundamentos de todas as ginásticas, seus objetivos são voltados para o lazer e não para competições esportivas.

Esse tipo de ginástica foi citado em três Estados (MA, PR e SP), e em nenhum deles apontou-se quais perspectivas esta ginástica deve ser trabalhada, ou indicada. No Estado de Goiás, por exemplo, foi indicado que se deve abordar “Tipos de ginástica: natural, rítmica, acrobática, artística, geral, circense e outras.”

Ayoub (2003) apresenta uma visão da ginástica geral como uma prática que promove a integração entre os elementos primordiais da ginástica e as diversas manifestações gímnicas construídas historicamente pelo homem.

Causa certo estranhamento o baixo número de citações da ginástica de demonstração/geral, já que esse tema vem sendo discutido no país, desde a década de 1980, inclusive com títulos de livros: “Ginástica Geral” de Fernando Augusto Brochado (1988); “Ginástica Geral e Educação Física Escolar” de Eliana Ayoub (2003); “Ginástica Geral: experiências e reflexões” org. Elizabeth Paoliello (2008); “Ginástica para Todos” de José Carlos Eustáquio dos Santos (2009); como temas de dissertações e teses: “Ginástica Geral na escola: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino” de Cláudia Mara Bertolini (2005); “Formação Humana e Ginástica Geral na Educação Física” de Luiz Alberto Gutierrez (2008); produções oriundas do “Fórum Internacional de Ginástica Geral”, realizado desde 2001, na cidade de Campinas, e mesmo como linhas de pesquisa de Programas de Pós-Graduação.

Os dados verificados na análise das propostas curriculares reforçam as dificuldades da área de apontar novos caminhos para a Educação Física na escola como componente curricular e em particular da ginástica na perspectiva da cultura corporal de movimento. Os dados dessa pesquisa lembram uma das considerações realizadas por Sampaio (2010). A autora afirma que parece mais simples avançar nas concepções do que quebrar a tradição de listagens de conteúdos organizadas sob a lógica das disciplinas, assim parece haver um descompasso entre as declarações gerais e seu detalhamento nas orientações pedagógicas.

4.1.3 As dimensões dos conteúdos da ginástica nas propostas curriculares

Entendemos a Educação Física escolar como um espaço de vivência da cultura corporal de movimento e com isso, por um tratamento da ginástica a partir das três dimensões dos conteúdos.

Embora não estivessem explícitas nas propostas curriculares, as três dimensões dos conteúdos com esses termos especificamente; o saber sobre a cultura corporal (dimensão conceitual), a formação de valores (dimensão atitudinal) e ao saber fazer (dimensão procedimental), foi possível identificar se as propostas tratam de conhecimento da ginástica na perspectiva do “fazer”, do “saber” ou do “ser”, conforme os dados do quadro 6:

Quadro 12: As dimensões dos conteúdos da ginástica nas propostas curriculares.

Estado	Dimensão conceitual	Dimensão procedimental	Dimensão atitudinal
AC	----	X	----
AL	----	X	----
DF	----	X	----
ES	X	X	----
GO	X	X	X
MA	----	X	----
MG	X	X	----
MT	----	----	----
MS	----	X	----
PE	X	X	----
PR	X	X	----
RJ	X	X	X
RO	X	X	----
RS	X	X	----
SE	----	X	----
SP	X	X	----
	9	15	2

No quadro e nas análises conduzidas nesse estudo não foi considerado o Estado do Mato Grosso, que aparece sem indicações das dimensões, pois sua proposta curricular apenas cita a presença da ginástica, mas não detalha os seus conhecimentos.

Os resultados mostraram que a dimensão procedimental ainda é a mais recorrente na Educação Física, aparecendo na totalidade das propostas analisadas. A dimensão conceitual apareceu em segundo plano, em nove estados (ES, GO, MG,

PE, PR, RJ, RO, RS, e SP), e por último a dimensão atitudinal, citada em duas propostas (GO e RJ).

Os resultados obtidos nesse estudo corroboram com aqueles obtidos por Almeida (2005). A autora ressalta que as atitudes são as menos detalhadas, mas os procedimentos são expostos de modo pormenorizado, explicitando as habilidades, sustentando a direção de formar as competências.

Os PCN (BRASIL, 1998) apontam que os conteúdos são os meios pelo qual o aluno se apropria da cultura corporal de movimento e com isto relaciona seus conhecimentos com a realidade, ressignificando suas práticas e promovendo uma transformação de seus saberes.

Darido (2003) evidenciou a falta de tradição da Educação Física no encaminhamento dos conteúdos numa dimensão conceitual e atitudinal e a na predominância do procedimental ao observar as aulas de professores do Ensino Fundamental e Médio. No seu estudo ficou evidente a dificuldade dos professores no tratamento equilibrado das dimensões dos conteúdos.

Barros (2003) indica que apesar da predominância dos conteúdos procedimentais nas aulas de Educação Física, muitos estudos na área têm apresentado a necessidade de inclusão dos conteúdos conceituais para que o papel pedagógico da Educação Física contribua para a Educação numa perspectiva para a holística.

Os documentos oficiais servem como indicadores da prática docente e estes apontaram para uma Educação Física ainda pautada no “saber fazer”, o que surpreende após anos de discussão e reflexão sobre o papel da Educação Física na escola.

4.2 Produção do vídeo didático sobre o conteúdo da ginástica.

Conforme suas etapas de produção, obtivemos os seguintes resultados:

4.2.1 Pré-produção

Na etapa de pré-produção foi realizado o Argumento em ANEXO 2 e o Roteiro em ANEXO 3.

As informações foram selecionadas com base nas leituras realizadas e também a partir da experiência da pesquisadora, com auxílio da orientadora e do profissional especializado em vídeo

4.2.2 Produção

As imagens foram coletadas: na UNESP, em Rio Claro; na EMEF Carlos Pasquale, em São Paulo; no Parque Municipal Renato Maia, em Guarulhos; na Academia Vitória, em Guarulhos; Fisiopilates, em São Paulo, e em sites de domínio público que apresentaram licenças de uso (Creative Commons).

Todos os participantes que foram gravados concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ANEXO 4 e a Autorização do Uso de Imagens e Depoimentos, em ANEXO 5.

A narração foi realizada pela professora, com experiência na produção de programas educativos para a Educação a Distância. Foi utilizado um estúdio próprio para essa finalidade.

4.2.3 Edição e Finalização

O vídeo foi realizado por um profissional especializado que junto com a pesquisadora, selecionaram e discutiram as cenas e tomadas utilizadas no vídeo, assim como a sobreposição da narração.

Após a qualificação desse estudo houve a necessidade de refazer a edição e a finalização de modo a contemplar uma nova proposta de classificação do vídeo.

Sua versão final tem a duração de 10min e 56 seg.

O vídeo encontra-se em ANEXO 6²⁹, como também a disposição pela internet, no link:

www.youtube.com/watch?=2MvmrjS5OiQ&context=C3e4111eADEOE

Ou acesse a página: www.youtube.com. Coloque na barra de pesquisa: letpef vídeos. Procure o vídeo: vidgin10.

Esse estudo foi desenvolvido com o consentimento dos indivíduos envolvidos e para tanto os participantes foram esclarecidos sobre os riscos e o direito de

²⁹ Mídia em formato de CD/DVD.

desistir a qualquer momento. Além disso, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da UNICEP, São Carlos, nº do protocolo 01/2012.

4.3 Avaliação junto a professores da rede pública dos usos do vídeo: a técnica do Grupo Focal

Após a finalização do vídeo didático o apresentamos a seis professores da rede pública de ensino, com o objetivo de avaliar as suas possibilidades de uso no Ensino Fundamental, utilizando a técnica de Grupo Focal.

A partir da análise das falas transcritas, em ANEXO 7, dos professores, foi possível classificar os resultados em duas categorias. As categorias evidenciadas foram as seguintes: O conteúdo da ginástica no vídeo; Os usos do vídeo didático sobre a ginástica.

Para a descrição dos resultados, cada professor foi referenciado por um número de 1 a 6, escolhido aleatoriamente.

4.3.1 O conteúdo da ginástica no vídeo

Esta categoria abordou as falas e as reflexões correspondentes à questão do conteúdo da ginástica e suas implicações para o ensino.

A presença da ginástica na escola

Aspectos dessa temática estiveram bastantes presentes nas falas dos professores no decorrer do encontro do Grupo Focal, uma vez que eles realizaram inúmeros questionamentos sobre o conteúdo da ginástica em si, assim como o aprofundamento de algumas modalidades.

A ginástica é tratada nos PCN (BRASIL, 1998) como um conteúdo da cultura corporal de movimento, e a partir das intencionalidades das suas práticas (competitiva, recreativa e convívio social), deve ser vivenciado, compreendidas e transformadas pelo aluno durante os anos escolares.

O primeiro resultado apresentado pelos professores foi a presença da ginástica no planejamento das suas aulas. É o que observamos nas suas falas:

Professora 1: “No meu planejamento sempre faz”.

Professora 5: “No meu faz. Ginástica, eu estou trabalhando com a 3ª série, [...], tem que ser trabalhado”

Professor 2: “Neste ano constou pela primeira vez, [...]”.

Professora 4: “No meu caso entra no meu planejamento, porque como dou aula no Estado (São Paulo)”.

Professora 6: “[...] faz parte, mas não é sempre que você cumpre”.

Essa pontuação vai de encontro ao que afirmam os PCN (BRASIL, 1998) do Ensino Fundamental, da importância de tratar da ginástica como um dos conteúdos da cultura corporal de movimento, devendo auxiliar o aluno a usufruir de seus benefícios, conforme as suas intencionalidades.

Percebe-se pelos objetivos da ginástica na escola, levantados na revisão teórica, que se trata de um conhecimento legítimo da cultura corporal de movimento e que deve estar nas práticas e ações das aulas de Educação Física. O mesmo resultado foi obtido na análise das propostas curriculares que foram unânimes em apontar a ginástica como um dos conteúdos a serem tratados na escola.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998) os alunos precisam ter uma visão de que a ginástica, como também as outras práticas corporais, não são restritas a algumas pessoas, como atletas ou a pessoas com boas condições socioeconômicas que conseguem frequentar academias ou clubes.

É importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas para além dos esportes tradicionais (futebol, vôlei e basquete). Darido; Rangel (2005) aponta que tal procedimento facilita a adesão dos alunos, na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação com alguma prática corporal. E ir mais além, implementando esses conteúdos nas perspectivas procedimental, conceitual e atitudinal dos conteúdos de modo geral, e em particular da ginástica.

Se somente os esportes tradicionais, principalmente os realizados na quadra, forem tratados na escola, como um conteúdo único, haverá uma limitação dos objetivos da Educação Física escolar. Tanto os PCN (BRASIL, 1998), como Betti (1999) e Darido (2005), expõem o princípio da diversidade, ou seja, a construção dos processos de ensino e aprendizagem visando ampliar as relações entre os alunos e os saberes da cultura corporal de movimento.

Classificação da ginástica

Os resultados indicaram que os professores concordam com a classificação da ginástica proposta pelo vídeo, e entendem que ela facilita o tratamento da ginástica na escola. Os professores assim se pronunciaram:

Professora 1: “O objetivo está claro, para a gente foi bem ilustrado e tira algumas dúvidas até para o professor de Educação Física, [...]. Fica mais fácil de explicar cada um, diferente de você falar somente no todo”.

Professor 3: “O leque se abriu na questão da ginástica, [...] e agora se vê que tem outras possibilidades que também podem ser utilizadas, [...], fica mais organizado, [...], fica tudo mais estruturado”.

Professor 2: “[...] o vídeo mostrou que existem vários segmentos da ginástica que podem ser trabalhados, quanto à saúde, recreação, até mesmo competição. Eu acho que sistematiza, [...], esse modo de dividir, sistematizar é muito mais fácil, muito mais tranquilo, para você promover a aprendizagem e até para os alunos verem que tem uma continuidade”.

Estudo realizado por González (2006), voltado para o esporte, aponta que uma proposta de classificação permite identificar as características comuns, os objetivos e a lógica interna das práticas envolvidas e favorece o processo ensino-aprendizagem.

A possibilidade de tratar a ginástica na escola a partir de uma classificação foi considerada como uma novidade pelos professores. Os professores desse estudo tinham muitas dúvidas quanto aos objetivos das práticas da ginástica, e que ficou mais claro enxergá-la da forma apresentada no vídeo: saúde, competição e demonstração. É o que aponta a professora 1 ao realizar o seguinte comentário:

Professora 1: “Para nós, professor de Educação Física, também esclarece muito (vídeo), porque também tenho muitas dúvidas (sobre a ginástica), eu mesmo fico em dúvida se é condicionamento físico, se é rendimento [...]”.

Essas dúvidas apresentadas pelos professores são problemáticas para o desenvolvimento da área considerando, por exemplo, que já se passaram quase quinze anos da publicação dos PCN (BRASIL, 1998), que abordam essas questões.

De acordo com o documento, a ginástica é um conjunto de técnicas corporais, utilizadas de maneira diferenciadas entre os indivíduos com intencionalidades diferentes. Pode ser realizada como relaxamento, aquecimento, manutenção ou recuperação da saúde, porém, seu praticante deve estar consciente do objetivo que se alcança com cada prática, e, principalmente “saber” sobre essa prática e realizar escolhas coerentes e adequadas para a sua vida. Dessa forma, os professores precisam estar preparados para exercer o papel de mediador entre “saber” e o “fazer”.

Sistematização da ginástica

Durante o encontro, os professores apontaram que sentem necessidade de uma organização mais sistemática dos conhecimentos da ginástica. Conforme Freire; Scaglia (2003) a falta de clareza dos conhecimentos que devem ser transmitidos aos alunos é um problema para a Educação Física. A Educação Física escolar não apresenta uma organização bem definida de seus conteúdos, e essa falta parece preocupar os professores participantes desse estudo.

Uma solução para esse problema seria a criação de um programa mínimo como sugere Kunz (1994) e assim resolver a confusão interna da disciplina. Bracht (2010) corrobora com essa afirmação quando aponta que a proposta curricular do Estado do Rio Grande do Sul, não só sistematiza o conhecimento acumulado pela Educação Física ao longo da história, como também possibilita a inovação e orientação das práticas corporais.

Esta é uma questão que favoreceria muito não só a ginástica, como também os outros conteúdos da cultura corporal de movimento.

Todos os professores participantes dessa pesquisa estão vinculados a duas redes públicas de ensino: a rede municipal da Cidade de São Paulo e a rede estadual do Estado de São Paulo. Sendo que dois professores atuam na rede municipal; um professor na rede estadual e três professores nas duas redes, tanto municipal como estadual.

Nesse estudo dois professores indicaram a proposta curricular do Estado de São Paulo como orientadora das suas práticas pedagógicas, nas suas palavras:

Professora 1: “As apostilas do Estado (São Paulo) são riquíssimas em embasamento teórico, é um material muito bom, [...] Eu me vejo, tendo que trabalhar com os temas, como: judô, boxe, caratê [...]”.

Professora 4: “Você recebe (as apostilas), entrega para os alunos, assim você já sabe o que tem que trabalhar, naquele módulo com ginástica, aí você monta suas estratégias, [...], eu trabalhei com a 5ª série isso, acho que tive um feedback positivo” .

A partir da proposta curricular do Estado de São Paulo, os professores 1 e 4 afirmaram que se instalou a necessidade de pesquisar e se atualizar acerca dos conteúdos, para terem maior segurança durante as aulas. Por estes exemplos, fica claro que a indicação da ginástica em um programa mínimo, ou por meio de uma proposta sistematizada com a organização dos temas de forma coerente, pode estimular o professor a desenvolver novas prática corporais de modo contextualizado.

Contudo a construção de uma proposta curricular requer uma concentração de esforços do poder público, da comunidade científica e da escola. Impolcetto et al. (2007) apontam em seus estudos que a sistematização dos conteúdos da Educação Física não é uma tarefa fácil nem mesmo para os professores do Ensino Superior e que se faz necessário uma ampliação e aprofundamento do tema para que assim se chegue a um consenso quanto aos conteúdos da Educação Física escolar.

Bracht (2010) alerta que, simplesmente, apontar algumas práticas corporais construídas historicamente pelo homem, não configura, o conteúdo nas aulas de Educação Física. Concordamos com o autor, no entanto, de acordo com os professores desse estudo, a proposta curricular do Estado de São Paulo organizada de uma forma mais detalhada os direcionou a pesquisar, programar e estimular novas práticas corporais.

A ginástica como meio

Apesar da confirmação da presença da ginástica no planejamento dos professores e das vantagens de utilizar uma classificação, foram identificadas algumas limitações dessas práticas no contexto pedagógico. Muitos autores têm detectado essas limitações em suas pesquisas como; Darido (2003); Almeida (2005); Rinaldi; Souza (2003).

Percebeu-se nas respostas dos professores dessa pesquisa os usos da ginástica como meio para a aprendizagem de outras atividades, empregando-as no sentido de aquecimento. Nas palavras dos professores:

Professora 5: “Assim, (ginástica) alguns exercícios de alongamento para poder fazer algum tipo de atividade [...]”.

Professora 6: “Porque eu acho uma necessidade (ginástica). É o todo, é o corpo, até no preparo de outra atividade você deve fazê-la. Acho que ela está inserida indiretamente em tudo o que venha fazer” .

Tal situação também foi verificada em Darido (2003). A autora ao observar as aulas de professores do Ensino Fundamental e Médio, verificou que os conteúdos apresentados estavam voltados para uma prática da ginástica muito limitada, sendo empregadas apenas nos momentos iniciais da aula, como forma de preparação do organismo para outras atividades.

Estudos das autoras Rinaldi; Souza (2003) relacionam esta concepção de ginástica com a vivência dos próprios professores na Educação Física escolar, pois, em boa parte dos discursos dos acadêmicos que tiveram este conteúdo na escola, este aparece como aquecimento e relaxamento na aula, ou seja, o conteúdo da aula geralmente era algum esporte coletivo e a ginástica servia como ferramenta.

O que se percebe é uma ginástica utilizada como coadjuvante de outras atividades o que restringe suas possibilidades de ampliação do conhecimento.

Assim, concluímos que para os professores participantes dessa pesquisa, o conteúdo da ginástica parece não ter um papel significativo nas práticas pedagógicas, deixada para segundo plano, embora seja reconhecida como parte do planejamento da Educação Física.

Impedimentos para a ginástica na escola

Durante esse estudo percebeu-se alguns aspectos que dificultariam a presença da ginástica nas aulas, como primeiro obstáculo, nas palavras dos professores, seriam as questões relacionadas aos materiais específicos para a realização das práticas. Em dois momentos nas suas palavras:

Professora 4: “[...] justamente não é tão conhecida (ginástica de trampolim) devido ao material, não é um material de fácil acesso, a escola não dispõe desse material, então quer dizer: não tem. Para você ter um colchão ou tatame para uma atividade já é difícil” .

Professora 4: “Como adaptar uma aula de trampolim dentro da escola?”

Estudos de Almeida (2005) realizados sobre os saberes da ginástica na escola pública apontam que a padronização dos espaços e materiais conforme uma visão esportivizada, são desencadeadores da não inclusão da ginástica nas aulas. Porém, a autora conclui que o conhecimento conceitual dos professores é o que realmente irá colocar a ginástica ou não no cenário escolar.

Essa conclusão vai ao encontro do estudo de Schiavon; Nista-Piccolo (2007) ao evidenciar que uma das maiores dificuldades, declarada por professores em sua pesquisa, estão relacionadas à impossibilidade de adquirir material adequado à aplicação da ginástica na escola. Porém, o que realmente irá colocar a ginástica nas aulas é a capacidade dos professores criarem alternativas pedagógicas para a aplicação do conteúdo, para isso necessitam de conhecimentos específicos.

A ginástica na escola não deveria depender exclusivamente dos materiais oficiais ou lugares aparelhados e sim da capacidade do professor de criar situações reais de ensino para a discussão e reflexão de seus conteúdos.

Outra limitação encontrada nos resultados foi à desvalorização da ginástica perante outros conteúdos da cultura corporal de movimento, sobretudo o esporte. Observamos nesse estudo a presença da ginástica na aula dependente das questões atmosféricas, na impossibilidade da utilização de espaços tradicionais da Educação Física, como apontado na fala da professora 6:

Professora 6: “Segunda feira estava um tempo chuvoso, nós já não temos local para trabalhar (quadra), o que tinha pensado em fazer não daria aí eu fiquei sem saber o que fazer. Eu lembrei em dar uma ginástica, um alongamento para a 1ª série, nossa é um desafio para eles, principalmente, trabalhar a flexibilidade, em termos de alongamento, [...] foi maravilhoso, como eles gostaram [...]”.

O resultado apresentado pela professora 6 indica a presença da ginástica na aula, porém, de forma não sistematizada, apenas em dias de chuva. O que coincide

com os argumentos levantados por Betti (1991) de que a escolha dos conteúdos e estratégias utilizadas pelo professor, muitas vezes, são determinadas pelas condições climáticas, estrutura física e clientela. Ou seja, a aula é uma caixinha de surpresa, e a ginástica um improviso.

Percebeu-se também durante o estudo certo preconceito quanto à ginástica nas aulas. Em alguns momentos o relato dos professores demonstrou uma rejeição do conteúdo por parte dos alunos, foi o que observou-se na seguinte fala do professor 4:

Professor 4: “Se você perguntar sobre ginástica, você ouve dos meninos: “Ah! Não! Ginástica, não! Ginástica é para “menina”. “Professor não faz isso não, eu sou homem” .

Professora 6: “Quando se fala para uma criança: “Vamos fazer ginástica”“? Ela “já vai se lembrar de ter que estar ali, naquele negócio maçante e cansativo”.

Professora 5: “No meu faz (a ginástica com parte do planejamento) [...]. Não falando: “Olha hoje nós vamos fazer ginástica”, não assim, e sim colocando como uma brincadeira”.

Ayoub (2003) indica que a ginástica disciplinadora não cabe mais na escola, os alunos não gostam e a ginástica que conhecem apresentada na mídia é algo impossível para eles. Os resultados desse estudo revelam que o professor tem dificuldades em modificar esse panorama.

Dessa forma os professores deixam de tratar de importantes temas como, por exemplo, as questões de gênero nas práticas da cultura corporal de movimento, sua contextualização histórica, porque houve transformações nas práticas da ginástica na escola, etc.

O nível de conhecimento dos professores sobre a ginástica

Os resultados das falas dos professores apontaram, de certo modo, pouco conhecimento sobre a classificação proposta de ginástica do vídeo. Mais do que isso, os professores mostraram-se surpresos quanto à amplitude das possibilidades da ginástica. Muitos questionamentos foram levantados sobre os tipos de ginástica apresentados, suas origens, características e peculiaridades.

Essa surpresa ficou evidente nos comentários dos professores 3, 5 e 6, quando exclamaram sobre a diversidade da ginástica apresentada no vídeo. Nas suas palavras:

Professor 3: “[...] eu na verdade não sabia que tinha tantas modalidades da ginástica assim, [...]”.

Professora 5: “Não se pensa na laboral, não se pensa muito no yoga, nas outras formas [...]”.

Professora 6: “A ginástica de acrobacias e demonstração eu pensava que era uma só, [...]. Eu não sabia que a de trampolim era classificada como competição”.

De acordo com o estudo de Rinaldi; Souza (2003) a maioria dos acadêmicos, do primeiro ano de licenciatura da Universidade de Maringá e Universidade Estadual de Campinas não vivenciaram o conteúdo da ginástica nas aulas de Educação Física escolar, e a perspectiva presente nos discursos dos acadêmicos é a promoção da saúde e do esporte.

Essa pesquisa apontou que os professores ainda tem uma perspectiva bastante esportivizada da ginástica, mesmo entre aqueles que se formaram mais recentemente. Sobre problemas na formação profissional os professores assim se posicionaram:

Professora 6: “Na época mesmo em que eu fiz a faculdade ficou restrita a ginástica daquela forma, a ginástica competitiva: artística e rítmica. Era só isso, estava limitado nisso [...]”.

Professora 5: “[...] quando se fala da ginástica, normalmente vem na cabeça: academia competição [...]”.

Professora 4: “[...] em relação à ginástica para a promoção da saúde [...] fiz um link com os esportes [...]”.

O estudo de Rangel-Betti; Betti (1996) sobre as perspectivas da formação profissional apontou que prevaleceu nos currículos de Educação Física uma formação tradicional-esportiva, consolidada no aprender fazer, na valorização do desempenho, na demonstração e execução. Em seguida, com início na década 1980 e na década de 1990, a formação sofreu influências do pensamento científico

que se estabelece por meio de um currículo de orientação técnico-científica, baseado no ensinar a ensinar e nas disciplinas básicas da Educação Física.

A partir da década de 1980 tem início discussões sobre a formação de um profissional mais reflexivo, ou seja, um profissional que realize uma reflexão a partir das próprias ações. Esse pensamento foi alavancado pelas necessidades de compreender o fracasso escolar, a formação de professores e trazer a importância da Educação para as mãos dos professores da Educação Básica (RANGEL-BETTI; BETTI, 1996).

Os resultados desse estudo apontaram que ainda prevalece o panorama indicado por Rangel-Betti; Betti (1996); uma formação nas perspectivas tradicional-esportiva e em menor escala de orientação técnico-científica. O movimento de buscar um profissional mais reflexivo parece que não foi incorporado pelo Ensino Superior privado, no caso dessa pesquisa, onde todos os professores foram formados.

A influência do contexto de trabalho e tradição esportivista ainda são bastante visíveis, como foi possível identificar na fala da professora 6:

Professora 6: “[...] aí você montava aquela série com arco, as coreografias com fitas e bolas. Mas faz muito tempo e depois caiu no esquecimento, comodismo, [...], depois eu me envolvi com os jogos”.

Essa problemática não se encerra somente na formação inicial, ela se prolonga para a formação continuada, é o que aponta a professora 1 durante o encontro:

Professora 1: “Mesmo porque a gente se forma em uma época, e hoje existem novas considerações, você faz uma Pós-Graduação daqui a pouco já muda [...]”.

Os resultados dessa pesquisa levantaram algumas dificuldades do professor em manter o conhecimento atualizado, primeiro pelas próprias condições de trabalho, geralmente atuando em mais de uma escola, com uma extensa jornada diária que não possibilita espaços para estudos, seguida pela qualidade e oferta dos cursos de pós-graduação, além do custo elevado. A maioria das redes de ensino

pública não oferece condições para o professor continuar a estudar, e as que oferecem possibilidades de cursos, não são para todos, há seleção para os participantes.

Os dados dessa pesquisa apontam que a formação profissional não vem dando conta dos desafios da área, pois a concepção de ginástica bem como o conhecimento dos professores ainda apresentam lacunas.

A ginástica e a dimensão dos conteúdos

O professor deve ensinar o conhecimento além do saber fazer, incluindo o conhecer e o ser. Assim, ampliam-se as chances de uma formação mais ampla do aluno (BRASIL/PCN, 1998).

Os professores dessa pesquisa ao serem questionados sobre exemplos de como tratam o conteúdo da ginástica durante as aulas, indicaram maior ênfase na dimensão procedimental do que na conceitual. Essa perspectiva pode ser observada nos seguintes comentários:

Professora 5: “[...] depois vou direcionando a atividade de como se deve fazer, como manipular”.

Professor 3: “Fiz um trabalho parecido com o do professor, com a ginástica ensinando os movimentos mais simples, rolamento, parada de mãos, estrelinha”.

O mesmo foi verificado no estudo realizado por Rosário (2003) em que os professores de Educação Física, em geral, implementam os conteúdos sob o ponto de vista procedimental e em menor escala, conceitual. Os professores entendem que os alunos devem saber fazer, mesmo que basicamente. Os valores, normas e atitudes, ficam ausentes, ou surgem por meio do currículo oculto, normalmente em situações de indisciplina que ocorrem durante a aula.

Os conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais, são de suma importância na seleção e organização dos conteúdos da Educação Física escolar. É a partir dessa compreensão que o aluno poderá estabelecer vínculos e relações entre “o fazer, o saber e o ser” (IMPOLCETTO et al., 2007).

Barros (2006) indica que muitos estudos na área têm apresentado a necessidade da inclusão da dimensão conceitual dos conteúdos nas aulas de Educação Física. Porém, apesar de se ter passado mais de uma década da

publicação dos PCN (BRASIL, 1998) essa perspectiva no tratamento das práticas corporais não foi incorporada na prática docente e nem nos documentos oficiais, conforme dados desse estudo.

A ginástica na mídia

Outro aspecto presente nas falas dos professores diz respeito do impacto das mídias nos conteúdos escolares e em particular da ginástica. Senão vejamos:

Professora 1: “Você assistiu os Jogos Pan-americanos?”, “Assisti” “Você lembra-se de tal competição?”

Professor 2: “[...] eles (alunos) não conhecem outras práticas de ginástica além daquela da mídia [...]. Muitas vezes os professores acabam se prendendo na ginástica de competição, aquela que passa na televisão”.

De acordo com Rinaldi; Souza (2003) essa compreensão aponta que os cursos de Educação Física não disponibilizam possibilidades de reflexão e conhecimento das diversas práticas da ginástica, e seus conteúdos acabam sendo estabelecidos pela mídia, que impossibilita aos professores e alunos ampliarem seus conhecimentos e romperem com a cultura de massa.

Segundo Betti (2006) as mídias estimulam novos sentidos no âmbito da cultura corporal de movimento, o problema está no foco dessas mídias que quase sempre apresentam um conteúdo único, o esporte como espetáculo.

Segundo Rinaldi; Souza (2003) a formação acadêmica é que deve quebrar esse círculo vicioso e direcionar a construção dos saberes de forma consolidada com a realidade. Assim, somente será possível buscar a legitimidade do conteúdo da ginástica na Educação Física escolar, a partir de uma nova epistemologia para a formação profissional.

4.3.2 Os usos do vídeo didático

Nessa categoria foram abordados os resultados e discussões que tratam da tecnologia audiovisual, mais precisamente do vídeo didático no ambiente escolar.

Os alunos e as tecnologias

Partindo da premissa de que os alunos nasceram em mundo digital, muitos autores têm estudado esse fenômeno e as suas implicações para a Educação escolar, entre eles; Ferrés (1996), Betti (2003) e Moran (2002). O aluno atualmente domina os diversos recursos tecnológicos disponíveis na sociedade e a intenção pedagógica é empregar essas tecnologias também nas aulas de Educação Física. Com relação a esse tema os resultados apresentados pelos professores dessa pesquisa referem-se à presença da tecnologia na realidade do aluno. A professora 1 relatou um exemplo interessante:

Professora 1: “Eu ouvi do aluno: “Eu li tal e tal livro”, eu perguntava onde (conseguiram) e eles respondiam: na internet, no site tal, eu falei não é mai fácil pegar aqui na biblioteca (da escola), eles dizem que não. [...]”. Eles manipulam de um modo diferente, você tem outros recursos, pode aumentar a letra, aproximar a imagem do livro que está ali, fazer um link, [...]”.

É bastante difícil atualmente pensar em um mundo sem os seus aparatos tecnológicos, assim os alunos acabam tendo contato com a tecnologia muito antes de entrarem na escola. É o que apontam os comentários dos professores 2 e 6:

Professor 2: “[...] é uma geração que está nesse mundo [...]”.

Professor 6: “[...] porque nós estamos na era da tecnologia, não tem como fugir”.

Os impactos causados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm alcançado os vários setores da sociedade. Sebriam (2009) relaciona as exigências do mundo atual com a necessidade de formar acadêmica e profissionalmente para as novas tecnologias e os seus avanços científicos.

As autoras Bianchi; Hatje (2007) pontuam o uso das tecnologias como irreversível e que se torna fundamental no processo educacional moderno.

Os professores participantes dessa pesquisa concordaram que a tecnologia é bem aceita pelos alunos, como observou-se na fala da professora 5:

Professor 5: “Isto (tecnologia audiovisual) eles adoram”.

Pires (2010) revela que a relação do jovem com as novas tecnologias é uma relação de cumplicidade cognitiva e expressiva, pois nos sons, na velocidade, nas imagens e fragmentações é que os jovens encontram o seu ritmo e o seu idioma. Assim, as crianças e jovens que freqüentam as escolas atualmente estão conectadas com um mundo interativo, em alta velocidade.

Os resultados desse estudo apontam, a necessidade do professor adaptar esses recursos aos novos panoramas da atualidade, utilizando essa tecnologia no ensino, como observou-se na fala da professora 6:

Professor 6: “Temos que adaptar, [...] (tecnologia) eu acho que é uma coisa que hoje em dia, tem mais que usar mesmo”.

Infelizmente para a Educação Física escolar, as TIC ainda não foram totalmente incorporadas nas suas práticas. Estudo realizado por Sebriam (2009) indica que as produções científicas na área são, na maioria das vezes, voltadas para o esporte e a atividade física, como: programas e softwares para a melhora das capacidades físicas, manuais técnicos audiovisuais para ensinar habilidades motoras, planilhas de avaliação e comparação do treinamento.

Essa conclusão corrobora com os resultados obtidos por Azevedo et al. (2007). Analisando a produção científica do GTT - Educação Física, Comunicação e Mídia³⁰, os resultados revelaram um significativo aumento das temáticas midiáticas relacionadas ao esporte, a TV e as TIC e as análises das produções midiáticas (cinema). No entanto, pouco se tem produzido, de acordo com os autores, sobre a perspectiva das TIC voltadas para o tratamento dos conteúdos da cultura corporal de movimento.

³⁰ XV CONBRACE/2007

No portal de domínio público³¹ do Ministério da Educação (MEC) há um acervo de vídeos, aulas, textos e experimentos online, de apoio para o professor, porém não há registros de produções direcionadas ao desenvolvimento do conteúdo da ginástica na escola ou de qualquer outro conteúdo da Educação Física.

Os benefícios dos usos das tecnologias e o professor

Apesar da escassez de iniciativas no Brasil, em relação ao desenvolvimento de ações e produções de tecnologias voltadas para o ensino, os professores durante a discussão dessa pesquisa apontaram justificativas importantes quanto ao uso da tecnologia nas aulas, vejamos:

Professor 2: “[...] (a tecnologia) amplia o que você não tem tanto conhecimento”.

Professor 3: “[...] fica mais fácil a compreensão (dos conteúdos) com a tecnologia”.

A utilização de recursos tecnológicos significa ter em mãos ferramentas para aproximação entre professores e alunos no acesso ao conhecimento, neste sentido, as TIC disponíveis para esta tarefa contribuem como material a disposição do docente para sua prática pedagógica. (DEMO, 2009).

A utilização da tecnologia pode ser um recurso que possibilita a criação de ambientes diferenciados para a discussão nas aulas, com isso permite uma predisposição maior para a reflexão, pois aproxima o problema da realidade.

Essa nova perspectiva de ensino-aprendizagem, a partir da interação da tecnologia nas práticas pedagógicas e na forma de aproveitar o potencial do aluno foi identificada nesse estudo, por exemplo, na fala da professora 1:

Professora 1: “[...] é interessante isto (tecnologia), e a gente tem que explorar essa nova forma de aprender”.

³¹ www.mec.gov.br. Bancos de dados de domínio público. Acesso em 21/10/2011.

Ao relacionar a Educação Física e tecnologia Sebriam (2009) ressalta que os professores devem introduzir esses novos conceitos de aprendizagem, e assim, atender as necessidades dos alunos, para além de uma perspectiva técnica.

Contudo, de acordo com Demo (2009) o professor é “imigrante”, não é “nativo”, das tecnologias, principalmente em se tratando das TIC, que são recursos cada vez mais acentuados pela velocidade e interatividade das informações.

Percebeu-se nas falas dos professores dessa pesquisa que eles se sentem pressionados por esse cenário, ao colocarem que a tecnologia está presente na realidade do aluno e que é preciso buscar novas maneiras de aprender a lidar com isso, como mostra o comentário da professora 1:

Professora 1: “[...] para gente é uma aprendizagem, aprender a baixar um vídeo, um arquivo, que para eles, talvez seja mais fácil, [...]”.

Esse resultado coincide com as entrevistas realizadas por Bandeira (2010) com professores que perceberam a necessidade de se aproximar desse conhecimento dos alunos e ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem com as TIC, porém o percurso foi retomado de uma posição de aprendiz. Ou seja, o professor tem a necessidade de aprender sobre as TIC, quais as suas implicações, como são as suas dinâmicas, porém o aluno já tem esse conhecimento.

É uma dura realidade, aceitar um desafio virtual de algo desconhecido. O professor se sente despreparado para lidar com um aluno que sabe mais do que ele. Demo (2009) desconsidera a possibilidade da extinção do professor. De acordo com autor ele precisa se remodelar para uma nova forma de ensino-aprendizagem. Nesse sentido é oportuno destacar o professor como articulador das novas tecnologias, novos saberes, novas experiências, novos tempos, novos espaços, que contribuam para a formação do aluno.

Para que isto ocorra é preciso que a Educação de modo geral e a Educação Física em particular, reveja seus objetivos, suas metas e sua didática, a começar pelos cursos de formação, que ainda apresentam modelos tradicionais de ensino.

As dificuldades do uso do vídeo didático

Os resultados mostraram que a utilização da tecnologia na escola apresentam inúmeras dificuldades para a sua efetiva implementação. Os professores dessa

pesquisa elencaram três problemas principais: a questão do espaço, os equipamentos e os materiais curriculares destinados para este fim na escola.

Ao serem questionados, sobre as dificuldades no uso do vídeo didático, os professores pronunciaram como o primeiro obstáculo a questão do espaço físico, como mostra o exemplo da professora 5:

Professora 5: “Tem a dificuldade do local para poder apresentar, reservar sala, horário”.

Geralmente, os recursos tecnológicos não estão acoplados ao espaço da aula, e sim em lugares específicos para o uso de multimídias, como: salas para projeção, anfiteatros, data show, entre outras possibilidades. Não é incomum encontrar escolas em que existe uma única sala para ser utilizada por todos os professores de todas as disciplinas. O que ocorre é que o professor, muitas vezes, não consegue agendar o uso de acordo com suas necessidades.

A mesma professora 5, apontou um exemplo prático, de como teve que improvisar, para utilizar um vídeo durante a sua aula:

Professora 5: “[...] eu passava no meu notebook mesmo, porque era muito trabalhoso, burocrático (usar a sala de vídeo), às vezes você programa para uma aula e não dá exatamente naquela aula [...]”.

A problemática do local foi bastante citada na fala dos professores, inclusive, a professora 1 apontou que tem contato com escolas que não disponibilizam qualquer possibilidade de uso do vídeo, e quando tem, muitas vezes seus equipamentos não são compatíveis para a sua utilização, como observa-se no seu comentário:

Professora 1: “Infelizmente têm escolas que não disponibilizam ainda esse recurso audiovisual para nós (professores), uma sala de vídeo, ou tem a televisão e o DVD não funciona, é o que eu vivencio em muitas escolas, é complicado”.

De modo geral, no encontro do Grupo Focal, os outros professores concordaram com a fala da professora 1 sobre as dificuldades na utilização do

espaço físico para uso do vídeo, embora reconheçam que em algumas escolas o acesso seja um pouco mais fácil, que existem salas de vídeo, informática e móveis volantes com TV e DVD.

O MEC tem percebido a necessidade de apoiar a rede pública com novas tecnologias, e articular mais ações na busca por soluções que promovam uma Educação com mais próxima das necessidades desse novo milênio. Percebe-se tal preocupação com a criação do ProInfo (BRASIL, 2007) que dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional, seu objetivo principal é atuar como agente de inovação dos processos de ensino-aprendizagem fomentando a incorporação das TIC e da Educação à Distância, aos métodos didático-pedagógicos das escolas públicas de Educação Básica.

Nas estimativas do Proinfo realizada em 2007, a expectativa era de oferecer laboratórios de informática para mais de 80 mil escolas e capacitar mais de 160 mil professores para atuarem nessas salas.

Além disso, o MEC, com a preocupação de ampliar o uso das tecnologias, também lançou um Guia de Tecnologias Educacionais (BRASIL, 2009). Esse guia apresenta uma síntese dos diversos programas produzidos por empresas públicas e/ou privadas. E com isso pretende-se contribuir com os gestores educacionais na escolha de quais tecnologias se adaptam melhor as suas realidades.

Em alguns casos, a falta de uma preparação adequada dos professores na utilização da tecnologia faz com que aconteça o que Pretto (1996) aponta, quando a escola tem os recursos, costuma trancá-los a sete chaves em salas especiais, sendo quase impossível a sua ágil utilização. Ou ainda, deixam seus equipamentos desligados, por falta de profissionais especializados no uso da tecnologia.

Conforme Ferrés (1996) a integração da tecnologia no ensino-aprendizagem, ocorrerá quando a sala de aula dispuser de todos os equipamentos para essa interação, ou seja, quando não houver a necessidade dos alunos se deslocarem de um lugar para outro, e que a utilização dos recursos se dê ali mesmo, no momento da aula e não em um dia previamente agendado.

Enquanto isto não ocorre, o autor sugere o uso de sistemas intermediários, como: um móvel com rodinhas que leve a televisão, o DVD, e outros aparelhos para a sala de aula.

De acordo com Ferrés (1996) essa problemática, da adequação e aquisição dos recursos tecnológicos a escola deve-se basear em três critérios, com os

seguintes enfoques: técnico, didático e financeiro. Ou seja, optar por recursos técnicos adequados aos objetivos e finalidades, a aquisição de recursos didáticos com qualidade e as relações de caráter financeiro na avaliação do custo/benefício dos equipamentos tecnológicos oferecidos no mercado.

Os recursos técnicos devem ser analisados e adquiridos na perspectiva daqueles que dispõem de mais ferramentas, com tecnologias mais avançadas, assim não se tornará obsoleto tão rapidamente. Porém, é preciso observar a adequação de cada equipamento ao local e objetivo de seus usos, por exemplo, aparelhos com menos ferramentas podem ser usados para tarefas mais simples, como a exibição de um filme. Já os que apresentam maior número de ferramentas, podem ser utilizados em tarefas mais complexas, como a de congelar uma imagem, rever uma cena em câmera lenta, elaborar um blog entre outros.

A aquisição dos recursos didáticos de acordo com Ferrés (1995) como: vídeos, softwares, programas, plataformas virtuais entre outros, que podem ser utilizados pelo professor no tratamento pedagógico do conteúdo, devem se basear na qualidade da sua produção e voltados para as finalidades desejadas.

Percebemos nas falas dos professores desse estudo que a aquisição desses materiais com enfoque didático não são fáceis de localizar, ou seja, praticamente não existe à disposição, é o próprio professor que elabora o seu próprio acervo e precisa disponibilizar de um tempo para isso, a professora 1 exemplifica como faz para obter materiais para as aulas:

Professora 1: “Muitas vezes nós vamos buscar alguma informação para os alunos, a gente faz o que, a primeira coisa é buscar na internet, em um livro, porque você procura uma figura, uma imagem [...]”.

Como observado no levantamento teórico deste estudo, existem poucos materiais curriculares significativos na área. Estudo de Rodrigues (2009) mostra que praticamente a Educação Física não produziu livros didáticos, menos ainda recursos audiovisuais. Dessa maneira, o professor fica sem um suporte adequado na escolha de seus materiais, dificultando aprendizagens pautadas nos usos das tecnologias, embora se reconheça que o professor pode buscar essas fontes individualmente.

E por último, a questão da aquisição de recursos audiovisuais da perspectiva financeira. Atualmente o mercado dispõe de diversas empresas no setor tecnológico,

o que gera uma grande concorrência de mercado que possibilita a aquisição de equipamentos com melhores condições de custo/benefício.

No entanto, o campo da Educação e da Educação Física escolar, de acordo com Bianchi; Hatje (2007) ainda apresentam inúmeras resistências ao uso das tecnologias, o que se dá, principalmente, pela falta de uma formação profissional adequada que capacite o professor a utilizar e desenvolver, criticamente, um estilo próprio de atuar com as TICs.

Por que usar o vídeo didático de ginástica?

De acordo com Betti (2003) a incorporação dos recursos audiovisuais, ao ensino da Educação Física na perspectiva da vivência/conhecimento/reflexão, traria muitas vantagens ao processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, facilitaria a compreensão dos conteúdos da cultura corporal de movimento, pois sintetiza os conteúdos em um curto espaço de tempo, por meio de uma linguagem mais atraente para o aluno.

Os professores dessa pesquisa indicaram que o vídeo didático sobre a ginástica apresentado durante o encontro do Grupo Focal, trouxe muitas informações sendo o vídeo foi bem objetivo, como se observa nos comentários dos professores 3 e 6:

Professor 3: “[...] a linguagem está bem clara, de fácil compreensão, a imagem está muito boa”.

Professora 6: “As imagens são muito boas, na verdade focou diretamente tudo de um determinado assunto, muito legal essa combinação de falar do que se trata e está mostrando, não é aquela coisa vaga, como será que é a ginástica tal [...]”.

De acordo com Ferrés (1996) o vídeo didático deve ir além de uma simples forma de entretenimento, deve ser um diferencial na compreensão das informações. Foram obtidos os seguintes resultados durante a pesquisa que apontam porque usar o vídeo no tratamento do conteúdo da ginástica, nas falas dos professores 6 e 4:

Professora 6: “Uma forma de enriquecer o conhecimento deles (alunos), não ficar limitado digamos àquela visão que eles têm (da ginástica)”.

Professora 4: “Fazer com que eles (alunos) pensassem sobre a ginástica [...]”.

Vargas; Rocha; Freire (2007) acreditam que o vídeo didático pode proporcionar o desenvolvimento do pensamento crítico, a promoção da expressão e da comunicação, o favorecimento de uma visão interdisciplinar, a integração de diferentes capacidades e inteligências, bem como a valorização do trabalho em grupo.

O recurso audiovisual vai muito além de um simples recurso tecnológico, é uma forma de expressão diferenciada pela sua própria especificidade, mais dinâmica e concreta com possibilidades de aproximar-se mais da realidade e acentuar a emoção e sensibilidade. Dessa forma o uso do vídeo didático articula e combina diferentes linguagens como a música, sons, imagens, narrações e efeitos especiais (FERRÉS, 1998).

Durante a discussão dessa pesquisa, os professores 1 e 2 indicaram que essa forma diferenciada de comunicação, por meio dos recursos audiovisuais, está impregnada na cultura atual, e sua linguagem é mais atraente para o aluno, nas suas falas:

Professor 2: “Em relação ao recurso audiovisual em si, a gente tem que pensar que é uma geração que está nesse mundo, hoje em dia, até mesmo na minha geração ninguém quer saber mais de rádio e coisas escritas, é muito mais audiovisual, é vídeo na internet, você ouve a música, mas quer ver o vídeo clipe, é a televisão, é tudo audiovisual, é muito predominante está questão do audiovisual nos tempos atuais”.

Professora 1: “[...] então o fato de ter imagens ligadas à explicação é muito interessante [...]”.

Pereira (2008) indica que a escola deve aproveitar-se dessa relação íntima e intensa que jovens e adultos têm com a produção audiovisual e incorporá-la em suas práticas. Essa forma diferenciada de comunicação faz com que o uso do vídeo chame a atenção do aluno para os assuntos do planejamento pedagógico.

Na opinião dos professores dessa pesquisa o uso do vídeo didático amplia o conhecimento da cultura corporal de movimento do aluno e permite que se tenha uma reflexão das práticas da ginástica e que estas podem ser transformadas a partir

das suas intencionalidades. A fala do professor 3 corrobora com essa afirmação quando comenta:

Professor 3: “Por questões culturais também, essa ginástica (da televisão) pode ser mudada, da forma de ser praticada, depende do local que a pessoa está [...]”.

De acordo com Pretto (1996) a linguagem audiovisual está associada ao poderoso e importante meio de comunicação moderno que é a televisão. Essa associação entre o vídeo e a televisão deve ser aproveitada pelo professor no intuito de estabelecer pontes, entre os conteúdos procedimental, conceitual e atitudinal da ginástica com as práticas corporais divulgadas nas mídias em geral.

A professora 5 apontou um exemplo de que o vídeo didático motivaria uma reflexão do universo da ginástica e com isto ampliaria o conhecimento do aluno. Nas suas palavras:

Professor 5: “Até mesmo para eles terem uma visão crítica. Não ficar engolindo as coisas que vão passando, que a gente vê no Pan (Jogos Pan-americanos), a ginástica não é somente aquilo [...]”.

Essa possibilidade de reflexão a partir do uso do vídeo didático vem de encontro ao que colocam os autores Ferrés (1996) e Betti (2009) que o vídeo pode ser um desencadeador de situações de debate, o que coloca o aluno e o professor em uma situação ativa no processo de ensino-aprendizagem. O vídeo estimula as relações com o conteúdo, pois multiplica as opiniões dos alunos sobre a mesma realidade.

Pretto (1996) reforça que trabalhar nessa perspectiva é considerar a linguagem audiovisual como uma linguagem da sociedade do próximo milênio.

Como usar o vídeo didático de ginástica

A forma de utilização de um vídeo didático é tão importante quanto o próprio vídeo, devendo sempre estar articulada com a proposta educativa.

Pereira (2008) coloca que o potencial do vídeo ainda é pouco explorado na escola. Em geral, sua apresentação não é pensada como uma metodologia, mas sim como entretenimento ou em alguns casos mero repetidor da aula tradicional.

O vídeo possibilita uma integração com as TIC de modo geral, como a utilização de computadores, softwares e domínios virtuais para a sua produção e veiculação. Uma vez bem preparado, um vídeo didático pode ser reutilizado tanto pelo professor que o desenvolveu quanto por outros professores e alunos, assim como por qualquer pessoa que tenha interesse no assunto, caso, ele seja disponibilizado na internet.

Durante essa pesquisa os professores participantes apresentaram várias possibilidades de se usar o vídeo durante as aulas. Os resultados apontam que cada professor participante tem uma sugestão diferente. A professora 6 coloca a sua proposta de uso do vídeo:

Professora 6: “Eu vejo como uma apresentação de tudo aquilo que ela (a ginástica) me oferece”.

Na compreensão de Moran (1995) o vídeo como: **vídeo sensibilização** é utilizado na perspectiva de sensibilizar o aluno para um novo conteúdo. O professor quando apresenta uma aula expositiva depende de si mesmo, do seu conhecimento sobre o assunto e da sua capacidade verbalizar as informações. Em compensação, o professor que emprega em aula um programa de vídeo depende da capacidade que o programa tem de estimular a participação.

O vídeo didático apresentado nesse encontro, nas falas dos professores pode estimular uma aproximação da realidade dos alunos com as práticas da ginástica, tal fato foi observado nos resultados quando a professora 1 cita exemplos. Em suas palavras:

Professora 1: “Buscar (com o vídeo) quantos deles até participam (das práticas da ginástica), [...], algumas repartições promovem isto, alguns alunos têm esse contato, [...]”.

O professor ao apresentar um vídeo como vídeo sensibilização pretende predispor o aluno a aquisição de um novo conhecimento, mas também pode tentar

se aproximar do conhecimento prévio do aluno, ao levantar questionamentos que possam diagnosticar o que eles sabem sobre o assunto. Como mostra o comentário do professor 3:

Professor 3: “Para saber mais, mostrava uma determinada parte do vídeo e perguntava: “Qual é esta ginástica?”; “Essa aí eu não conheço professor”. Você (professor) vai registrando, o aluno responde: “Ah! “Essa aí eu já ouvi falar, é tal ginástica...””.

No caso desse estudo o vídeo didático permite que o professor o utilize como um vídeo de sensibilização, para despertar no aluno a curiosidade sobre as práticas da ginástica. Tal fato possibilita que se estabeleçam relações com a sua realidade.

Os professores nesse estudo também apontaram o uso do vídeo acompanhando o desenvolvimento do conteúdo da ginástica nas aulas, que utilizariam as informações durante o processo de ensino, na fala da professora 1, observou-se um exemplo:

Professora 1: “Eu gostaria de mostrar, ele (vídeo) por partes, não mostraria tudo, ia colocando passo a passo, para eles (alunos) verem a diferença, como se fosse o meu planejamento do ano inteiro”.

Moran (1995) classifica essa possibilidade como: o **vídeo como conteúdo de ensino**, este tem a função de trazer informações sobre um tema específico e orientar as interpretações, além de permitir diversas abordagens multidisciplinares ou interdisciplinares.

Nesse caso, o vídeo sobre a ginástica seria o conteúdo que a professora trataria nas suas aulas, e a partir dele desencadearia outras ações como vivências, discussões, roda de conversa entre outros relacionados à ginástica.

E ainda, o vídeo apresentado nessa pesquisa, na fala do professor 3 possibilitaria trazer para a reflexão temas interdisciplinares como também a discussão dos temas transversais a partir da ginástica, nas suas palavras:

Professor 3: “Ele trata (o vídeo) a questão da mídia, da saúde, cultural (pluralidade cultural), onde está tal ginástica, porque, qual a influência, em qual país é mais praticada [...]”.

Outra possibilidade de uso do vídeo sobre o conteúdo da ginástica, apresentado seria o de proporcionar a apresentação de um cenário de fácil entendimento, do universo da ginástica, os resultados da fala do professor 3 ilustra esse ponto:

Professor 2: “[...] faria questionamentos sobre o que eles conhecem sobre a ginástica e colocava o vídeo”.

Moran (1995) aponta essa perspectiva como: o **vídeo como ilustração**, as cenas ajudam a compor o imaginário sobre o conteúdo, auxilia o professor a discorrer sobre algo distante da realidade dos alunos. No caso deste vídeo foi apresentada a origem e história da ginástica, a proposta de classificação, os locais das suas práticas, seus objetivos e intencionalidades, muitas vezes desconhecidas pelos alunos.

Ainda de acordo com Moran (1995) o vídeo didático pode ser utilizado de outras formas também; vídeo simulação, vídeo produção, vídeo avaliação e vídeo como suporte para outras mídias. Porém, nesse estudo os professores participantes não apontaram essas outras possibilidades de usos do vídeo.

Percebeu-se durante este estudo, que os professores adotam métodos diferentes quanto ao uso do vídeo durante o processo ensino-aprendizagem. No entanto, Pereira (2008) ressalta que a simples presença do recurso audiovisual não garante o ensino do conteúdo.

É preciso ter uma preparação do professor para uma educação com as tecnologias, Betti (2003) discute em seu estudo que o professor deve desenvolver a capacidade crítica de interpretação das mensagens veiculadas nos vídeos, e isso se dá ao passo que se tenha conhecimento do processo de construção da linguagem audiovisual.

Estudo realizado por Betti (2009) indica que os professores perceberam o impacto das TIC sobre os alunos, e reconhecem que o uso da tecnologia audiovisual

é atrativo, porém é necessário que o conteúdo esteja sempre relacionado ao planejamento, e contribua para a compreensão dos conteúdos da Educação Física.

Cabe ao professor articular o conteúdo do vídeo com ações pedagógicas que coloquem o aluno em contato com a cultura corporal de movimento, nas perspectivas procedimental, conceitual e atitudinal.

Os resultados desse estudo indicaram que após a exibição do vídeo é preciso instaurar um processo de discussão, debate, reflexão articuladas com as vivências, senão os objetivos do vídeo ficam fragmentados e perdem a sua capacidade de informação, além de se tornar uma prática mal vista pelos alunos como “tapa-buraco” ou “enrolação”.

Os professores têm condições de dominar os recursos audiovisuais, com capacidade de estimular o debate, a reflexão, a vivência, e bem como, elaborar sugestões para o uso do vídeo e buscar contextualizá-las com a realidade de suas práticas. A fala do professor 3 indica exemplos de ações que poderiam ser realizadas após o uso do vídeo com os alunos. Nas suas palavras:

Professora 5: “[...] a prática, as atividades, para eles estarem vivenciando aquela ginástica ali que foi vista, [...], uma pesquisa, fazer uma roda de conversa, debater, discutir [...]”.

Outro resultado obtido nessa pesquisa foi relacionado a falta de momentos para discutir e refletir as ações do cotidiano. A professora 1 comenta esse assunto quando finaliza a sua fala no encontro:

Professora 1: “Eu acho que devíamos ter mais momentos assim, para tirar dúvidas, trocar experiências, às vezes, a gente não executa uma atividade por receio, por falta de incentivo, mas alguém tem uma idéia, fala que é possível, essa troca de informações”.

Essa colocação da professora 1 corrobora com o estudo apresentado por Bielschowsky; Prata (2010) intitulado o “Portal Educacional do Professor no Brasil”, mantido pelo MEC. Os resultados apontam que os relatos de professores em suas pesquisas indicam uma necessidade constante em estarem envolvidos com capacitações e cursos, porque assim se sentem mais orientados nas suas práticas,

como também possibilita uma relação de trocas de experiências, principalmente em se tratando das tecnologias.

Quando utilizar o vídeo didático de ginástica

A moderadora do Grupo Focal ao levantar o questionamento se o vídeo apresentado sobre a ginástica poderia ser utilizado com os alunos, os professores de maneira geral responderam que sim, seria viável a sua utilização em sala de aula.

Porém, como já discutido na análise sobre o conteúdo da ginástica no vídeo, os professores demonstraram um grande interesse perante a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre as práticas apresentadas e a classificação da ginástica. Percebeu-se nas falas das professoras 5 e 6, uma indicação de que o vídeo produzido nessa pesquisa também poderia vir a ser um referencial teórico para o professor. Nas suas palavras:

Professora 6: “[...] para o professor poderia ser maior (tempo) [...]”.

Professora 5: “[...] achei que tem bastante informação para a gente (professor de Educação Física) se aprofundar um pouquinho mais”.

O tempo de duração do vídeo (10min e 53seg) foi considerado ideal para a utilização em sala de aula com os alunos, sendo que os professores dessa pesquisa concordaram com a colocação realizada pelos professores 2 e 3, em suas falas:

Professor 2: “Em relação ao tempo, eu achei adequado pensando em uma aula de 45min, achei que em pouco tempo ele (o vídeo) mostrou muita coisa”.

Professor 3: “É um dos pontos positivos que eu ia colocar, o fato do vídeo não ser longo”.

De maneira geral, o vídeo produzido durante este estudo sobre o conteúdo da ginástica pode ser utilizado durante todo o Ensino Fundamental. Inicialmente os resultados apontaram uma relação dos professores dessa pesquisa com as salas que estavam atuando no momento do estudo. Assim:

Professor 2: “Eu usaria mais no 7º e 8º ano (salas que o professor atua). Pensei no final do ciclo II porque tem muitas práticas que eles têm vivência fora da escola”.

Professora 1: “Este ano estou com a 4ª série (5º ano) e 6ª série (7º ano), eu usaria nas duas, acho que seria de fácil assimilação e os professores poderiam estar usando até antes [...]”.

Porém, no decorrer da discussão sobre quando utilizar o vídeo, os professores concordaram que essa questão estaria muito relacionada com o conhecimento prévio dos alunos sobre a ginástica. O professores 3 e 4 realizaram os seguintes comentários quanto a esse ponto:

Professor 3: “Olha este vídeo em minha opinião, ele poderia ser aplicado, para várias séries do Ensino Fundamental, determinados trechos do vídeo você pode mostrar para um ano do ensino, outros trechos para outras séries mais avançadas que você queira ampliar o conhecimento, algumas partes do vídeo para algumas séries anteriores, que não tem esse conhecimento”.

Professor 4: “O vídeo é muito rico, tem muitas informações que não fica restrito há um ano, 6ª ou 7ª, mostra o geral, vai (depende) muito das estratégias do professor”.

Essa conclusão dos professores 3 e 4 nos leva a uma questão já discutida anteriormente neste estudo, que se refere a uma falta de sistematização dos conteúdos da cultura corporal de movimento. Ou seja, não há uma organização bem definida dos saberes da ginástica ao longo do Ensino Fundamental, então o professor pode se deparar com uma sala que tenha muito ou nenhum conhecimento sobre a ginástica. Com isso o que percebemos é que o vídeo pode ser utilizado como uma perspectiva de ampliar, como também, de aperfeiçoar o conhecimento da ginástica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo o primeiro objetivo foi a produção de um vídeo didático que tivesse como foco central a ginástica no Ensino Fundamental, com base na revisão de literatura e na análise dos documentos oficiais (propostas curriculares). No segundo momento, avaliou-se as possibilidades dos usos dessa tecnologia audiovisual, junto a seis professores atuantes no Ensino Fundamental da rede pública.

A análise documental das propostas curriculares apontou a presença da ginástica em todas elas, evidenciando a sua importância para a Educação Física escolar. Identificou-se a ginástica para saúde (aeróbica e localizada), a ginástica para a competição esportiva (rítmica, artística e acrobática) e em menor número a ginástica para demonstração (ginástica geral/ginástica para todos). Mesmo assim, a análise das propostas não apontou todos os tipos da ginástica, restringindo-as às mais tradicionais, como a artística e rítmica, deixando de fora manifestações importantes da cultura corporal.

Outro resultado incidente foi que as propostas adotam em suas concepções, idéias renovadoras em relação à Educação Física escolar apontando a importância do acesso dos alunos à cultura corporal de movimento, intencionalidades preconizadas em vários autores da área a partir da década de 1990. Porém ao elencar seus conteúdos, o que ensinar, ainda apresenta uma visão restrita à dimensão procedimental, apontando em bem menor escala as dimensões conceituais e atitudinais. Esforços devem ser envidados no sentido de articular a concepção de cultura corporal de movimento a escolha e seleção dos conteúdos.

Os diversos tipos de ginástica na atualidade podem ter a sua compreensão facilitada com a utilização de uma classificação. Isto porque, possibilita uma visão mais abrangente das várias formas e tipos de ginástica, e amplia o conhecimento das práticas corporais das sociedades, conseqüentemente da cultura corporal de movimento.

A identificação das categorias da classificação utilizada para o vídeo de ginástica pode facilitar o seu entendimento e assim auxiliar no tratamento didático-pedagógico adequado para a formação básica do aluno.

Na produção do vídeo didático enfrentou-se algumas dificuldades, na sua elaboração como a falta de referenciais teóricos suficientes que pudessem subsidiar

o encaminhamento da estruturação do vídeo didático. Assim, utilizou-se de estudos realizados em outras áreas do conhecimento como a Física, a Química e a Educação, para o referencial teórico.

Outra dificuldade foi relacionada à questão técnica da produção que exigiu a presença de um profissional especializado, para garantir uma qualidade maior do material.

O estudo e a discussão do vídeo didático no campo da Educação Física escolar ainda é bastante restrito, o que indicou a necessidade de mais pesquisas no aprofundamento dessas questões.

No segundo momento dessa pesquisa foi realizada uma avaliação do vídeo didático junto a seis professores da rede pública, com a técnica Grupo Focal. Identificou-se nos resultados dois tópicos mais relevantes para a análise: o conteúdo da ginástica no vídeo e os usos do vídeo didático de ginástica.

Os resultados apontaram que os professores reconhecem a ginástica como um conteúdo legítimo da Educação Física que deve estar presente no planejamento das suas aulas. Porém, causou preocupação quando identificou-se algumas limitações quanto a presença da ginástica nas aulas devido a falta de materiais adequados à prática; a utilização da ginástica como meio para a realização de outras atividades; a falta de conhecimentos específicos dos saberes da ginástica; a visão tradicional da área com ênfase na dimensão procedimental na perspectiva esportiva e saúde.

Na verdade, não se quer com esse estudo culpabilizar os professores de Educação Física por essas deficiências identificadas, para que realmente se tenha a implementação de práticas corporais que priorizem o princípio da diversidade, as dimensões dos conteúdos, os usos da tecnologia em sala de aula, há a necessidade de políticas públicas que qualifiquem a formação inicial e incentivem a formação continuada. Além disso, também a implantação de uma série de medidas que apoiem melhorias nas condições de trabalho docente, como por exemplo: sala de aula lotada, acúmulo de jornadas, falta de materiais curriculares, espaços físicos inadequados, baixos salários entre outros.

Em relação aos usos do vídeo didático de ginástica, apontou-se dificuldades na perspectiva de potencializar esse recurso como: a falta de espaços para os usos do vídeo, equipamentos inadequados e a falta de materiais curriculares de qualidade disponíveis nesse formato. Apesar dessas dificuldades, esse recurso audiovisual

mostrou-se com um grande potencial para auxiliar no ensino, principalmente por se tratar de uma linguagem próxima do aluno. Além de se colocar também como um referencial teórico para o próprio professor, como um instrumento de aquisição do conhecimento da ginástica.

Os professores apontaram as TIC como uma realidade na vida do aluno, porém reconhece que necessitam aprender a utilizar essas linguagens a articular as suas potencialidades com os conteúdos da Educação Física. Identificou-se diversas vantagens nos usos do vídeo didático; o material sintetiza o conteúdo em um curto espaço de tempo; apresenta uma linguagem que aproxima o conteúdo à realidade; a tecnologia audiovisual é mais atrativa para o aluno e propicia situações de debate e reflexão. Embora os professores não sejam “nativos” dessas linguagens, é possível empreender novas aprendizagens, nos resultados citou-se várias formas de usos do vídeo didático nas aulas, como; vídeo ilustração, vídeo como conteúdo de ensino e vídeo sensibilização.

O vídeo didático sobre a ginástica foi considerado pelos professores como uma possibilidade concreta de ressignificar as suas práticas, exemplo disso, foi que após a apresentação do vídeo, os professores indicaram intenções de proporcionar novas ações pedagógicas para ampliar o conhecimento do aluno sobre a classificação da ginástica.

Esse recurso pode colaborar com a condução das aulas, já que possibilitou aos professores uma maior compreensão do universo da ginástica, ampliando a visão das intencionalidades das suas práticas. Chamou a atenção também à motivação dos professores, quanto à utilização do vídeo nas suas aulas.

A presente pesquisa teve como foco a produção de um vídeo didático de ginástica na Educação Física escolar. E assim indicar o vídeo como uma possibilidade de tratamento pedagógico da ginástica na escola, e lançar novos olhares na utilização de recursos audiovisuais.

Desenvolveu-se o trabalho em dois momentos distintos, a concepção e produção do vídeo didático com referencial na análise das propostas curriculares e revisão de literatura, e avaliação dos usos que o professor faz do vídeo didático, com a técnica do Grupo Focal.

Para cada uma dessas fases, novas pesquisas merecem ser aprofundadas. Quanto à produção de vídeos didáticos na Educação Física é imprescindível

investigar e vislumbrar princípios que ancorem a integração das TIC com os conteúdos da cultura corporal de movimento.

A ginástica atualmente apresenta um vasto campo de atuação, com uma diversidade muito grande na sua forma de expressão, comunicação e transformação, pois sua origem vem por meio dos saberes de várias culturas. E como parte da cultura corporal de movimento deve estar na Educação Física escolar permitindo que os alunos possam: ampliar, discutir, interagir, transformar e ressignificar seus conhecimentos.

A utilização da tecnologia audiovisual como parte de uma educação integrada com as TIC, estará realmente ocorrendo quando houver uma readequação do espaço físico da aula, a disponibilidade de materiais diversificados e a perspectiva de uma formação inicial e continuada de qualidade, para que o professor possa efetivamente se atualizar e aperfeiçoar seu próprio conhecimento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE (Estado). Secretaria da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental. Caderno 1** – Educação Física. Rio Branco, 2010.

ALAGOAS (2010). Secretaria da Educação. **Referencial Curricular da Educação Básica: Ensino Fundamental para as Escolas Públicas de Alagoas**. Alagoas, 2010.

ALMEIDA, R. S. **A ginástica na escola e na formação de professores**. 2005 213f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – Salvador, 2005

ARROIO, A.; GIORDAN, M. O vídeo educativo: Aspectos da organização do ensino. **Química Nova na Escola**, n. 24, p. 8-11, Nov. 2006.

ASCHIDAMINI, I. M. **Competências na promoção em saúde em família: uma perspectiva de docentes e acadêmicos de enfermagem**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

_____ ; SAUPE, R. Grupo Focal – Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**. (Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR), Curitiba, v.9, n.1, p.9-14, janeiro/junho, 2004.

AZEVEDO, V. A.; BETTI, M.; COSTA, A. G.; PIRES, G. L. A Produção do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia/CBCE – Período 1997-2005: estudo de uma centena de textos. In: **XV Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife: CBCE, 2007. CD-ROM.

AZEVEDO, F. **Da educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. Obras Completas vol. I. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.

AYOUB, E. **A Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. Campinas: UNICAMP, 2003.

BANDEIRA, Z. Qualificação aproxima professor das novas tecnologias. **Revista TV Escola**. Tecnologias da Educação. MEC, Curitiba, dezembro, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2009.

BATISTA, S. R.; BETTI, M. A televisão e o ensino da Educação Física na Escola. **Revista Brasileira da Ciência e do Esporte**. Campinas, v.26, n.2, p. 135-148, jan. 2005.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: Mas é só isso professor? **Motriz**, v.1, n.1, p. 25-31, junho, 1999.

_____. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Mídias: aliadas ou inimigas da Educação Física escolar? **Motriz**, v.7, n. 2, p. 125-129, jul.-dez 2001.

_____. “Imagens em ação”: Uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em programas de Educação Física do ensino fundamental e médio. **Movimento**. Rio Grande do Sul: UFRGS, v.12, n.2, p. 95-120, 2003.

_____. Imagens em avaliação: uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em aulas de Educação física. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. CONBRACE, Salvador, p. 1-12, 2009.

_____; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de Diretrizes Curriculares. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v.I, n.1, p. 73-81, 2002.

BARROS, A. M. de. **Práticas Pedagógicas em Educação Física e o tratamento da Dimensão Conceitual dos Conteúdos**. 2006. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

BIANCHI, P.; HATJE, M. A formação profissional em educação física permeada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação no Centro de Educação Física e desportos da Universidade Federal de Santa Maria. In: **Revista Pensar a Prática**, Goiás, 2007.

BIELSCHOWSKY, C. E.; PRATA, C. L. Portal Educacional do Professor do Brasil. **Revista de Educacion**. n.352. mayo-agosto de 2010.

BORTOLETO, M. A. C. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica geral. In: PAOLIELLO, E. (org.) **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, Capítulo 8, p. 167-190, 2008

_____. A ginástica e as atividades circenses. In: GAIO, R. C.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. (org.). **A Ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010.

BRACHT, V. A Educação Física no Ensino Fundamental. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Decreto nº 6.300 de 12/12/2007. Programa Nacional de Tecnologias- ProInfo**. Brasília: MEC, 2007

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Guia das Tecnologias Educacionais**. Brasília: MEC, 2007.

_____. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996.

_____. Ministério de Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Brasília: MEC, 1998.

BRIKINA, A. T. **Gimnasia**. Tradução do russo: Regina Iglesias Fernández. Zaragoza/Espanha: Editora Acribia, 1991.

BROCHADO, F. A; BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos de ginástica artística e de trampolins**. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (org.) **A Educação física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Capítulo 5, p. 64-79. (Coleção Educação Física no Ensino Superior)

CABRAL, L. A. (trad.) **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos**. Tradução direta do grego moderno e notas. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

CARVALHO, A. F. e MORAES, M. S. A importância da tecnologia na sala de aula: a construção de um vídeo didático sobre o meio ambiente na cidade de Aracaju. **Anais do II Seminário Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade**. Sergipe, p.162-171, 2009.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Projeto de reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental**: uma proposta pedagógica para a educação física. *Revista da Educação Física/UEM* vol 8, nº 1, pp.11-19. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1997.

CESÁRIO, M.; PEREIRA, A. M. A ginástica no contexto escolar e não escolar: algumas reflexões. In: **III Congresso Paranaense de Educação Física Escolar: Docência em saberes e práticas**. Londrina: EDUEL, p. 1-12, 2007.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, v.16).

COLDEBELLA, A. O. C. **Práticas corporais alternativas: um caminho para a formação em Educação Física**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2002.

COSTA, M. G. **Ginástica Localizada**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000. 3ª ed.

COZENDEY, S. G.; PESSANHA, M. C. R. e SOUZA, M. O. U. Uma análise do uso de vídeos educativos mono-conceituais como uma ferramenta auxiliar da aprendizagem significativa de conceitos básicos de física em escolas públicas do norte do estado do Rio de Janeiro. **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. v.1, p. 403-410, 2007.

CUNHA, D. O; STEIGLEDER, F.; DORNELLES, A. S. N.; PADILHA, J. C. N. Trampolim acrobático um pouco de história e competição. [www.efdeportes.com/Revista Digital – Buenos Aires – Año 11 – nº 98 – Julio de 2006](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20A%C3%B1o%2011%20-%20n%C2%BA%2098%20-%20Julio%20de%202006). Acesso em 29 de abril de 2009.

DAMICO, J. Corpo a corpo com jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.2, p. 35-67, 2006.

DANIEL, J.F. Ginástica: atividade física e saúde. In: GAIO, R. C.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. (org.). **A Ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física escolar**. Niterói, v.2, n.1 (suplemento), p.05-25, 2001.

_____. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003

_____. Os conteúdos da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. (org.) **A Educação física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Capítulo 5, p. 64-79. (Coleção Educação Física no Ensino Superior)

_____.; IMPOLCETTO, F. M.; BARROSSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, n.2, p. 450-457, abr/jun, 2010.

DEBUS, M. **Manual para a excelência em la investigacion mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development, 1997.

DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria da Educação. **Currículo: Educação Básica: Ensino Fundamental – Séries Anos Finais**. Brasília, 2010.

EHRENFRIED, L. **Da educação do corpo ao equilíbrio do espírito**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo: Educação Básica. Ensino Fundamental – Série Anos Finais**. Espírito Santo, 2010.

FARO, C. L. C.; CAMPOS, E. A. de. A disciplina Ginástica Rítmica na formação inicial: das lembranças avaliadas às esperanças avalizadas. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. CONBRACE. Salvador, p. 1-12, 2009.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. Tradução: Juan Acuña Lorens. Porto Alegre. 2ª ed. Porto alegre, 1996.

_____. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com meios audiovisuais. In: SANCHO, J. M. (org.) **Para uma tecnologia educacional**. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, Capítulo 5, p. 127-182, 1998

FIGUEIREDO, J. F.; HUNGER, D. O conhecimento histórico das ginásticas sob óptica de programas acadêmicos e professores de Educação Física. **Boletim Brasileiro de Educação Física**. v.8, n.69, Brasília, 10 de julho de 2008. Disponível em www.boletimef.org.br, acesso em 12/07/2011.

FIGUEIREDO, F.; MONT'ALVÃO, C. **Ginástica Laboral e Ergonomia**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FIORIN, C. M. **A ginástica em Campinas: suas formas de expressão da década de 20 à década de 70**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2002. 173p.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAIO, R. C. **Ginástica Rítmica “Popular”**: uma proposta educacional. Jundiaí: Fontoura, 2007.

_____. Ginástica Rítmica na escola: ações e reflexões. In: GAIO, R. C.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. (org.). **A Ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010.

GALLARDO, J. S. P.; AZEVEDO, L. H. R. **Fundamentos básicos da ginástica acrobática competitiva**. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. A Educação Física escolar e a ginástica geral com sentido pedagógico. In: PAOLIELLO, E. (org.) **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, Capítulo 3, p. 79-96, 2008.

GARANHANI, M. C. Saberes da ginástica. In: In: GAIO, R. C.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. (org.). **A Ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências humanas**. Brasília: Líber Livro Editora Ltda, 2005

GIACOMANTONIO, M.. **O ensino através dos audiovisuais**. Tradução: Danilo Q. Morales e Riccarda Ungar Summus- EDUSP, 1981.

GÓIAS (Estado). Secretaria do Estado da Educação. **Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano**: currículo em debate. Matrizes Curriculares. Goiânia: Governo do Estado de Goiás, 2009.

GOMES, L. F. Vídeo didático: uma proposta de critérios para análise. **Revista Travessias**. 4ª ed., vol. 2, n. 3, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação dos esportes. In: REZER, Ricardo (org.) **O fenômeno esportivo**: ensaios crítico-reflexivos. Chapecó-SC: Argos, 2006.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; TOMAZZO, Aline Di; BONFÁ, Ana Cristina; BARROS, André; SÁ, Carolina Strausser de; BROUCO, G.; RODRIGUES, Heitor; TERRA, Janaina; IÓRIO, Laércio; VENÂNCIO, Luciana; ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; SOUZA JUNIOR, Osmar de; GASPARI, Telma Cristiane; BATTISTUZZI, Valéria Maciel; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física no Ensino Fundamental e Médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, p. 89-109, 2007.

KENSKI, V. M. o ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: VEIGA, I. P. A. (org.) **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LADEIRA, M. F. T. **Linguagens e suas possibilidades na Educação Física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro, 2007.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria General de La Gimnasia**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

LIBÂNEO, J. C. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? **Educativa**, Goiânia, v.9, n.1, p. 25-45, jan/jun, 2006.

LIMA, D. G. **Ginástica Laboral: Metodologia de Implantação de Programas com abordagem Ergonômica**, Jundiaí- SP, Ed. Fontoura, 2004.

LORENZETTO, L. A.; MATTHIESEN, S. Q. **Práticas corporais alternativas**. 1ªed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2008.

MALTA, P. **STEP training: aeróbico e localizado**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Unirio, ano 1, n.1, p. 1-10, 2002.

MARANHÃO (Estado). Secretaria da Educação. **Referencial Curricular: Educação Física – 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental**. Maranhão, 2009.

MATO GROSSO (Estado). Secretaria da Educação. **Orientações Curriculares para Educação Básica do Estado de Mato Grosso**. Mato Grosso, 2009.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino/MS – Ensino Fundamental**, 2007.

MATTHIESEN, S. Q. A Educação Física e as práticas corporais alternativas: a produção científica do curso de Graduação em Educação Física da UNESP – Rio Claro de 1987 a 1997. **Motriz**. Rio Claro, v.5, n.2, dezembro de 1999.

MATTOS, P. S. Fundamentos da ginástica aeróbica. In: NUNOMURA, M. e TSUKAMOTO, M. H. C. (org.) **Fundamentos das ginásticas**. Capítulo 4, Jundiaí/SP: Fontoura, 2009.

MILITÃO, A. G. **A influência da ginástica laboral para a saúde dos trabalhadores e sua relação com os profissionais que a orientam**. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de São Carlos. SP, 2001.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular CBC de Educação Física**. Belo Horizonte, 2009.

MORAN, J. M. Desafios da Televisão e do Vídeo à escola. Texto de apoio ao programa: **Salto para o futuro** da TV Escola, módulo TV na escola e os desafios de hoje, exibido em 25/06/2002.

_____. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo, ECA-ED. Moderna, p. 27-35, jan./abr. 1995.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. **Fundamentos das ginásticas**. 1ª ed. Jundiaí/SP: Fontoura, 2009.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições socioeconômicas: uma revisão de literatura. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, p.97-106, jan/jun, 1997.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Educação Física**. Paraná: Governo do Estado do Paraná, 2008.

PARRA, N.; PARRA, I. C. C. **Técnicas audiovisuais de educação**. São Paulo: Editora Edibell Ltda, 1985.

PAVLOVIC, B. **Ginástica Aeróbica: uma nova cultura física**. Trad. Vaudois Pereira da Silva e Demos Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.

PEREIRA, M. V. Da construção ao uso em sala de aula de um vídeo didático de física térmica. **Ciência em tela**. v.1, n.2, p. 1-9, 2008.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria da Educação. **Orientações Teórico- Metodológicas: Ensino Fundamental. Educação Física**. Pernambuco, 2008.

PIRES, E. G. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010.

PRESTES, J.; ASSUMPÇÃO, C. O. Ginástica em academias. In: In: GAIO, R. C.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. (org.). **A Ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010.

PRETTO, N. L. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico)

PUBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica artística**. Guarulhos/SP: Phorte Editora, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo até aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1983.

RANGEL-BETTI, I. C.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v.2,n.1, Junho, 1996.

RINALDI, I. B. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular**. 2005, 220f. Tese (Doutorado em Educação Física) Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2005.

_____.; SOUZA, E. P. M. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.24, n.3, p. 159-173, maio, 2003.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular: um novo formato. Educação Física**. Rio de Janeiro: Governo do Rio de Janeiro, 2010.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Lições do Rio Grande: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Artes e Educação Física. Referencial Curricular, v. 2. Porto Alegre, 2009.

RODRIGUES, H. A. **Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade do livro didático na escola**. 2009, 174p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/SP, 2009.

RONDÔNIA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Estado de Rondônia Educação Física**. Porto Alegre, 1998.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva de professores experientes. **Motriz**. Rio Claro, v.11, n.3, p. 167-178, 2003.

SAMPAIO, M. M. F. Propostas Curriculares de Estados e Municípios Brasileiros para o Ensino Fundamental e Médio. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. . **Proposta Curricular de Educação Física**. São Paulo: SEE, 2008.

SARTORI, A. F.; RAMOS, E. M. F. e BENETTI, B. Oficina de produção de vídeo como material didático e algumas reflexões sobre possibilidades de produção e comunicação para atividades de ensino. **XII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**. Águas de Lindóia, p. 1-6, 2010.

SAUR, E. **Ginástica rítmica escolar**: característica fundamental, movimentos, uso de aparelhos e planos de aula, exercícios e jogos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.

SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. A ginástica vai à escola. **Movimento**. Rio Grande do Sul: UFRGS, v.13, n.3, p.131-150, 2007.

SEBRAE. Número de academias dobra em três anos no Brasil. **Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios**. Data: 9 de março de 2011. Disponível em <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0EMI216823-17180,00.html>. Acesso em 08/09/2011.

SEBRIAM, D. C. S. **Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino da Educação Física**. 2009, 184f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Mídias para a Educação). Universidade Técnica de Lisboa, Portugal. Universidade Nacional de Educação à distância, Espanha, março de 2009.

SERGIPE (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Educação Física**. Aracaju: Departamento de Educação Física, 2007.

SOFFNER, R. K.; CHAVES, E. O. C. Tecnologia e a educação como desenvolvimento humano. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v.6, n.2, p. 77-84, jun. 2005.

SOUSA, A.; BESSA, F. P. O vídeo: sua integração no ensino-aprendizagem. **Tecnologias do Vídeo**. Universidade do Minho, p. 1-27, 2008.

SOARES, C. L., et.al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Educação Física: raízes européias e Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1994.

_____. **Imagens da educação do corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUZA, E. P. M. **A busca do autoconhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência.** 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1992.

_____. **Ginástica geral:** uma área do conhecimento da Educação Física. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação física, Unicamp, Campinas, 1997.

SUBTIL, M. J. Dos audiovisuais à multimídia: análise histórica das diferentes dimensões de uso dos audiovisuais na escola. In: BELLONI, M. L. (org.) **A formação na sociedade do espetáculo.** São Paulo: Editora Loyola, p. 47- 53, 2002.

VARGAS, A.; ROCHA, H. V.; FREIRE, F. M. P. Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional. **Novas Tecnologias da Educação.** CINTED-UFRGS, v.5, n.2, dezembro 2007.

VENÂNCIO L.; CARREIRO E. A. Ginástica. In: DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. (orgs.). **Educação Física na escola:** Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Capítulo 13, p. 227-243. (Coleção Educação Física no Ensino Superior)

7. ANEXOS

7.1 ANEXO 1

Quadro analítico das propostas curriculares estaduais.

Est.	O conteúdo existe na proposta	Categoria	Ano	O que é tratado deste conteúdo (dimensões)
AL	Sim	Educação Física	6º ao 9º	Conhecer as formas de execução dos exercícios em aparelhos fixos e manuais: barra, plinto, cavalo, corda, bola, arco, etc. GA e GR.
SE	Sim	Ginástica	6º	1.Elementos históricos da Educação Física 1.1. Pré-História 1.2. Grécia 1.3. Roma 2.Ginástica Olímpica 1.1. Solo 1.1.1.Estrela, rodante, rolamentos, paradas (combinação de elementos) 1.2.Utilização dos aparelhos: Plinto (saltos), Trampolim (impulsão), Barra (balanços), Trave (equilíbrios, rolamentos, estrela)
			7º	1. Elementos Históricos da Educação Física 1.1. Idade Média 1.2. Idade Moderna e Contemporânea 2. Elementos básicos da ginástica rítmica: aparelhos (corda, arco, bola e fita); coreografia
			8º	1.Elementos Básicos da Ginástica Artística 2.Elementos Básicos da Ginástica Rítmica 3.Ginástica Geral (GG)
			9º	1.Capacidades Físicas 2.Ginástica Aeróbica e Localizada
MA	Sim	Ginástica	6º	Fundamentos da Ginástica Rítmica, Artística e Acrobática Importância da ginástica na vida das pessoas, benefícios e riscos Ginástica e gênero Ginástica Geral
			7º/8º/9º	Formas técnicas da Ginástica Artística, ginástica Rítmica e Ginástica Acrobática Ginástica e modismo Ginástica e mídia Ginástica Geral
PE	Sim	Eixo Temático: Ginástica	6º	Ginástica Rítmica Frequência cardíaca Relação ao trabalho educativo, saúde e lazer
			7º	Organizar o conhecimento histórico Ginástica Artística, Ginástica Rítmica e Ginástica Acrobática – origens, contextualização Fundamentos das diferentes ginásticas em outros esportes
			8º	Método sueco, francês e calistênico Organização de festivais

			9º	Tratamento histórico, o desenvolvimento das práticas ginásticas Ginástica Aeróbica sem aparelhos Registros
SP	Sim	Esporte Ginástica	6º	No conteúdo Esporte 3º bimestre: GA ou GR - gestos técnicos – regras – história
			7º	Ginástica Geral - Fundamentos e gestos -Processo histórico dos métodos ginásticos clássicos até as práticas contemporâneas No conteúdo Esporte 3º bimestre: GA ou GR - gestos técnicos – regras – história
			8º	-Práticas contemporâneas (ginástica de academia): ginástica aeróbica, ginástica localizada etc. -Princípios orientadores - Técnicas e exercícios -Padrões de beleza corporal, ginástica e saúde
MG	Sim	Eixo Temático: Ginásticas Temas: Ginástica Geral Ginástica de solo Movimentos acrobáticos Eixo Temático XI: Práticas corporais da cultura oriental caratê, muay thai, kung fu, aikido, tae kwon do, tai chi chuan, ioga dentre outras	6º ao 9º	Tópicos: -Origem e história da Ginástica -Características das Ginásticas -Ginástica promotora de saúde, lazer e qualidade de vida -Alimentação e Atividade Física Habilidades: -Conhecer as características de cada modalidade de ginástica, os elementos de cada modalidade, - Conhecer os benefícios do exercício físico para a saúde, para o lazer. -Relacionar o exercício físico com o crescimento, postura, dor, fadiga durante a prática da ginástica. -Relacionar a atividade física e a alimentação -Prevenção de obesidade
RJ	Sim	Ginástica	6º	Competências e Habilidades: -Diferenciar e participar de diferentes modalidades ginásticas -Desenvolver capacidades motoras, habilidades de manipulação e habilidades perceptivas. -Compreender os benefícios das atividades físicas para a saúde. -Desenvolver a consciência corporal através do alongamento
			7º	Competências e habilidades: -Desenvolver habilidades de manipulação, habilidades perceptivas e habilidades intelectuais -Conhecer a ginástica suave ou antiginástica -Desenvolver a consciência corporal através do alongamento
			8º/9º	Atividades de percepção corporal – ginástica suave e antiginástica

RO	Sim		8º	<p>Núcleos e conhecimentos requeridos: O movimento e a saúde</p> <p>Eixo temático: Práticas sociais</p> <p>-Reconhecimento da ginástica laboral para a saúde do trabalhador com vivências e ações motoras</p> <p>Núcleos e conhecimentos requeridos: Atividades rítmicas e expressivas</p> <p>Eixo temático: Estética das linguagens</p> <p>-Conhecimento e vivências da ginástica aeróbica em grupo (aeróbica, step, circuitos, aero ritmos, dentre outras)</p> <p>Núcleos e conhecimentos requeridos: O movimento nas manifestações lúdicas e esportivas</p> <p>Eixo temático: Estética das linguagens</p> <p>-Conhecimento e vivências da ginástica em grupo localizada (aula de glúteo, GAP, super local, dentre outras)</p>
			9º	<p>Núcleos e conhecimentos requeridos: Atividades rítmicas e expressivas</p> <p>Eixo temático: Estética das linguagens</p> <p>-Ampliação de vivências em ginástica coletiva (step, eróbica com movimentos de lutas, ritmos, aero axé, dentre outras)</p>
GO	Sim	<p>Conteúdos:</p> <p>-Ginástica de ginástica</p> <p>-Tipos de ginástica</p> <p>Eixos Temáticos:</p> <p>-Ginástica e suas manifestações culturais</p>	6º	<p>Expectativas de aprendizagem:</p> <p>-Tipos de ginástica: natural, rítmica, acrobática, artística, circense, geral e outras</p> <p>-Manuseio de aparelhos da ginástica rítmica</p> <p>-Origem e transformações históricas das ginásticas introduzidas no Brasil e suas manifestações em academias, ruas, praças, lazer e nas competições.</p>
			7º	<p>Expectativas de aprendizagem:</p> <p>-Tipos de ginástica: natural, rítmica, acrobática, artística, circense, geral e outras</p> <p>-Manuseio de aparelhos da ginástica rítmica</p> <p>-Origem e transformações históricas das ginásticas introduzidas no Brasil e suas manifestações em academias, ruas, praças, lazer e nas competições</p>
			8º	<p>Expectativas de aprendizagem:</p> <p>-Tipos de ginástica: natural, rítmica, acrobática, artística, circense, geral e outras</p> <p>-Manuseio de aparelhos da ginástica rítmica</p> <p>-Origem e transformações históricas das ginásticas introduzidas no Brasil e suas manifestações em academias, ruas, praças, lazer e nas competições</p>
			9º	<p>Expectativas de aprendizagem:</p> <p>-Tipos de ginástica: natural, rítmica, acrobática, artística, circense, geral e outras</p> <p>-Manuseio de aparelhos da ginástica rítmica</p> <p>-Origem e transformações históricas das ginásticas introduzidas no Brasil e suas</p>

				manifestações em academias, ruas, praças, lazer e nas competições
MS	Sim	Eixo Temático: Conhecimento sobre o corpo	6º ao 9º	- Ginástica artística, rítmica, aeróbica, natural e localizada
PR	Sim	Conteúdos básicos: -G. Rítmica -G. Circense -G. Geral	6º	Abordagem teórico-metodológica: -Origem e processo histórico da ginástica e suas diferentes manifestações -Movimentos básicos da ginástica: saltos, rolamento, parada de mãos, roda. -Estimular a ampliação da consciência corporal -Pesquisar a Cultura do Circo
			7º	Abordagem teórico-metodológica: -Aspectos históricos e culturais da ginástica rítmica e geral -Posturas e elementos ginásticos - Cultura Circense
			8º	Abordagem teórico-metodológica: -Recorte histórico delimitando tempos e espaços -Postura e elementos ginásticos -Origem da ginástica com enfoque nas modalidades -Elementos da ginástica rítmica -Movimentos acrobáticos
			9º	Abordagem teórico-metodológica: -Origem e trajetória da ginástica até a Educação Física -Ginástica e cultura de rua (circo, malabares e acrobacias) -Modismo X ginástica -Técnicas específicas das ginásticas desportivas -Doping
RS	Sim	Ginástica	6º/7º	Acrobacias: elementos acrobáticos individuais; acrobacias elementares grupais e malabares elementares. História das práticas corporais acrobáticas (“saltimbancos”) e suas transformações; Contextualização dos jogos populares e/ou tradicionais que privilegiam o uso de acrobacias; História dos sistemas ginásticos; esportivização das acrobacias Exercícios Físicos: realizar o aquecimento de forma adequada antes do início das práticas corporais; diferenciar as capacidades físicas, exercícios físicos de: resistência aeróbia/anaeróbia, velocidade, força, força muscular localizada e flexibilidade
			8º/9º	Acrobacias: anoacrobacias básicas individuais; acrobacias básicas grupais; práticas corporais acrobáticas presentes na contemporaneidade; práticas de movimentos acrobáticos em espaços urbanos, individual e em grupo. Práticas corporais acrobáticas do mundo;

				origem, códigos, inserção social em contemporaneidade, organização, condições socioeconômica e estrutura física das práticas corporais acrobáticas Exercícios Físicos: Tipos diferentes de exercícios físicos para o desenvolvimento das capacidades físicas, frequência cardíaca (mínima, máxima e em repouso), fadiga, sessão de treinamento intervalado e recuperação.
AC	Sim	Objetivo Capacidades	6º	Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas, ginásticas, e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para o desenvolvimento pessoal.
MT	Sim		6º ao 9º	Somente cita no texto a ginástica como parte da cultura corporal de movimento.
DF	Sim	Áreas do conhecimento: Linguagens - Letramento e Diversidade Ludicidade, corporeidade, sensibilidade, criticidade, interação	6º	Atividades ginásticas 1. Equilíbrio geral: Um pé, dois pés, de forma dinâmica e estática 2. Circuitos individuais e coletivos: - Com rolamentos - Diversificados (obstáculos variados)
ES	Sim	Eixo temático: Corpo-linguagem/ Corpo-expressão	6º ao 9º	Noções básicas dos diversos tipos de ginástica: escolar, rítmica, acrobática, artística, etc. Habilidades motoras fundamentais das ginásticas Benefícios da prática das ginásticas Riscos e cuidados na prática das ginásticas

7.2 ANEXO 2

ARGUMENTO

A ginástica é uma das práticas possíveis dentro do universo da cultura corporal. O tratamento pedagógico da ginástica na escola deve possibilitar a ampliação dos conhecimentos relacionados ao porque fazer ginástica, ao como fazer e usar esses conhecimentos ao longo da vida de forma mais consciente, crítica e autônoma.

A ginástica na sociedade apresenta diferentes formas, o que pode dificultar a sua compreensão diante de tamanha diversidade.

O vídeo irá apresentar uma proposta de classificação com o objetivo de facilitar o entendimento das diferentes interfaces da ginástica.

Acreditamos que a apresentação de uma classificação facilitaria o processo de ensino-aprendizagem, pois ao conhecer, vivenciar e contemplar os principais elementos característicos das ginásticas amplia-se a possibilidade da compreensão das suas práticas.

O vídeo pretende captar imagens em diversos locais, o objetivo é buscar a maior diversidade possível de imagens que exponham algum tipo de ginástica.

7.3 ANEXO 3

Roteiro do vídeo – revisado em outubro de 2011

Tema	Imagem	Texto
Cena 1 Introdução	Narrador	Olá pessoal! A ginástica é uma das práticas possíveis dentro do universo da cultura corporal. O tratamento pedagógico da ginástica na escola deve possibilitar a ampliação dos conhecimentos relacionados ao porque fazer ginástica, ao como fazer e usar esses conhecimentos ao longo da vida de foram mais conscientes, críticas e autônomas
Cena 2 Breve histórico	Narrador Fotos de pinturas rupestres Fotos da Antiguidade (gladiadores, imagens gregas, romanas que mostrem a visão do corpo) Imagens da Idade Média – cavaleiros com espadas Imagens dos métodos ginásticos europeus	As atividades físicas acompanham o homem desde os mais remotos tempos, na Pré-história o homem utilizava os movimentos de correr, saltar, arremessar, trepar, lançar e etc. como meio de sobrevivência, eram atividades do cotidiano que exigiam grande esforço físico. Na Antiguidade, a prática de exercícios físicos era considerada de extrema importância para a educação geral do indivíduo como também na preparação física de soldados para a guerra Durante a Idade Média as práticas corporais que remetessem a Antiguidade foram praticamente abolidas Por volta de 1800, já na Idade Moderna, surge em diferentes regiões da Europa, formas distintas de encarar os exercícios físicos, os chamados métodos ginásticos europeus . Os mais conhecidos tiveram origem na Alemanha, França e Suécia. Passou-se então a sistematizar e padronizar os exercícios físicos, neste contexto nascem os diferentes métodos e técnicas de se realizar a ginástica
Cena 3 Justificativa do tema escolhido	Narrador Plano de fundo passar vários tipos de ginástica	A ginástica na sociedade apresenta diferentes formas de serem praticadas, o que pode dificultar a sua identificação e seleção... diante de tamanha diversidade. Neste vídeo vamos apresentar uma proposta de classificação da ginástica. O objetivo é facilitar o processo de entendimento das diferentes facetas da ginástica.
Cena 4 Classificação da ginástica	Narrador Editar o plano de fundo	Para iniciar, faço então uma pergunta: Por que utilizar uma classificação da ginástica? Acreditamos que a classificação facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois ao conhecer, vivenciar e contemplar os principais elementos característicos das ginásticas, amplia-se a possibilidade de diferenciar tanto as ginásticas entre si, quanto das outras manifestações da cultura corporal. Com base em alguns autores, utilizaremos uma classificação que se divide em três categorias: 1ª categoria – Ginástica para a saúde 2ª categoria – Ginástica para competição 3ª categoria – Ginástica para demonstração
Cena 5	Imagens nos lugares da sua	1ª categoria – Ginástica para a saúde Nesta categoria estão reunidas as práticas que tem

Ginástica para a saúde Condicionamento físico	prática: academias, parques, e outros	como objetivo promover a saúde. Divididas em quatro grupos: Primeiro grupo - Ginástica de condicionamento físico Seu objetivo é a aquisição, melhora ou aprimoramento das condições físicas e estéticas. Geralmente realizadas em academias, também podem ser praticadas em parques, praças e clubes. São exemplos : a ginástica aeróbica caracterizada por movimentos rítmicos e intensos com elevado gasto calórico, que geram perda de gordura corporal. E a ginástica localizada composta por exercícios que pretendem melhorar a força e a resistência dos principais grupos musculares, sem que haja um grande aumento na massa muscular.
Cena 6 Alternativa	Imagens de pessoas e grupos em locais diversos Fotos antigas Imagens e vídeos de sites de domínio público	<u>Segundo grupo - Ginástica alternativa</u> São práticas que pretendem aumentar o autoconhecimento e a consciência corporal. Denominada alternativa em decorrência do movimento hippie e de contracultura das décadas de 1960 e 1970, expressa uma forma alternativa de viver, distanciando-se dos objetivos disciplinadores e repressivos das práticas corporais tradicionais da época. Geralmente utiliza princípios e práticas provenientes de outras culturas, como a: Yoga que tem origem na Índia Antiga e incluem práticas de meditação, respiração, equilíbrio e alongamento, E A Eutonía que teve origem na Alemanha no início do século XX consiste em vivenciar em repouso ou em movimento práticas que permitam ampliar a concentração e a percepção das sensações do corpo.
Cena 7 Laboral	Imagens de pessoas e grupos em locais diversos Fotos antigas Imagens e vídeos de sites de domínio público	Terceiro grupo - A ginástica laboral Compreende um conjunto de práticas físicas elaboradas a partir da atividade profissional exercida durante o expediente, que visa compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho e ativar as que não são requeridas, relaxando-as e/ou tonificando-as. Os exercícios são basicamente compostos por alongamento e relaxamento, em momentos de pausa. Os movimentos são planejados de acordo com as funções praticadas por cada profissional.
Cena 8 Terapêutica	Imagens de pessoas e grupos em locais diversos Fotos antigas Imagens e vídeos de sites de domínio público	<u>Quarto grupo - A ginástica terapêutica</u> Utilizada quando se pretende recuperar o corpo de doenças congênitas ou causadas por acidentes, seu objetivo é a melhora da condição física. Muito utilizada pelos fisioterapeutas, geralmente são realizadas individualmente em sessões determinadas previamente que podem ser por um tempo determinado ou contínuo ao longo da vida. Exemplo de ginástica terapêutica: o método Pilates, sua prática engloba exercícios que buscam o equilíbrio do sistema muscular e melhora da postura.
Cena 9 Ginástica para competição	Imagens de pessoas nos locais de competição	2ª categoria - A ginástica para competição Seu objetivo é desenvolver uma performance voltada para a competição. A FIG – Federação Internacional de Ginástica – é responsável por cinco categorias de ginásticas

		<p>competitivas no mundo.</p> <p>Ginástica Artística - Praticada por homens e mulheres em diferentes aparelhos oficiais. Os femininos são: a trave de equilíbrio, as paralelas assimétricas, a mesa sobre a qual se realizam saltos e o solo que recebe acompanhamento musical. Os aparelhos masculinos são: o cavalo com alças, as paralelas simétricas, a mesa para saltos, a barra fixa, as argolas e solo sem acompanhamento musical.</p> <p>Ginástica Rítmica – Realizada somente por mulheres, as provas são realizadas de duas formas: individual e em conjunto (com cinco ginastas). São utilizados cinco tipos de aparelhos manuais: maçãs, corda, arco, fita e bola.</p> <p>Ginástica Acrobática - É um dos poucos esportes, no qual homens e mulheres podem competir juntos, no caso da dupla mista. Os ginastas realizam uma coreografia em um tablado de 12x12m², com exercícios de equilíbrios, acrobacias e saltos.</p> <p>Ginástica Aeróbica Esportiva – Praticada por homens e mulheres, essa modalidade é o resultado competitivo da influência das ginásticas de condicionamento físico. Os ginastas realizam uma coreografia com ritmos intensos intercalando saltos, saltitos, exercícios de força e flexibilidade.</p> <p>Ginástica de Trampolins – Praticada por homens e mulheres, o Trampolim Acrobático é um aparelho retangular, com molas de aço e lona elástica. Sua competição consiste na realização de uma sequência de 10 saltos ininterruptos e terminar em cima do trampolim.</p>
Cena 10 Ginástica para demonstração	Imagens de pessoas e grupos em locais diversos Fotos antigas Imagens e vídeos de sites de domínio público	<p>3ª categoria – Ginástica para demonstração</p> <p>Atualmente denominada como ginástica para todos tem por objetivo: a integração social, contribuir para o bem estar físico e emocional e oferecer experiências estéticas de movimentos aos seus praticantes. Orientada especialmente para o lazer sem objetivos competitivos.</p> <p>Sua origem parte da Lingíada, evento realizado em 1939 em Estocolmo na Suécia. Na década de 1960 houve uma contestação dos países filiados junto a Federação Internacional de Ginástica com a finalidade de ampliar a prática da ginástica além das expressões competitivas.</p> <p>A “World Gymnaestrada” é o principal evento, no qual países do mundo inteiro se reúnem, a cada quatro anos, em uma cidade escolhida como sede e são realizadas apresentações em diversos espaços como estádios, quadras, teatros e ao ar livre.</p> <p>Os grupos participantes manifestam suas culturas por meio dessas apresentações, que não tem caráter competitivo, ou seja, o prazer na realização da atividade é o mais importante. É possível observar grupos de todas as idades nesse evento que chega a reunir mais de 30 mil participantes.</p>
Cena 11 Final	Narrador	Especificamente nesse vídeo buscou-se identificar e conceituar os vários tipos de ginástica e propor uma classificação das suas possibilidades.

7.4 ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Em acordo com a Resolução CNS 196/96

Convidamos o (a) Sr (a) a participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa “Ginástica na Escola e a utilização da tecnologia audiovisual (vídeo)”, a pesquisadora AMARILIS OLIVEIRA CARVALHO, responsável pelo projeto, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Suraya Cristina Darido, solicita a sua autorização para a coleta de dados (fotos, filmagens e depoimentos) para compor o vídeo, que será realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus de Rio Claro. O objetivo desta pesquisa é construir um vídeo que apresente uma classificação dos vários tipos de ginástica. A sua participação consistirá na coleta de dados (filmagens, fotos e depoimentos) em locais de atividades relacionadas à ginástica. A sua identificação pessoal será mantida em sigilo. Os riscos relacionados com a sua participação são mínimos, pois não haverá interferência da pesquisadora no andamento das atividades. Caso se sinta prejudicado de alguma forma, você terá total liberdade de solicitar mais esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como desistir de participar e retirar seu consentimento, a sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com pesquisador ou com a instituição.

Pesquisadora responsável: Amarílis Oliveira Carvalho, aluna de Pós-Graduação do Programa Desenvolvimento Humano e Tecnologia IB/DEF/UNESP/Campus de Rio Claro, Av.: 24A, 1515, Bela Vista, Rio Claro/SP CEP 13500-520, Telefone para contato (11) 8264-9181 email: amarílis.carvalho@gmail.com

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Suraya Cristina Darido IB/DEF/UNESP/Campus de Rio Claro, Av.: 24A, 1515, Bela Vista, Rio Claro/SP CEP 13500-520. Dados para contato: (11) 3526-4352 email: surayacd@rc.unesp.br

Pesquisador responsável: Amarílis Oliveira Carvalho

Visto do orientador: Suraya Cristina Darido

Eu, _____, RG _____, aceito participar da coleta de dados da pesquisa “Ginástica na Escola e a utilização da tecnologia audiovisualh (vídeo)”. Fui devidamente informado sobre os procedimentos da pesquisa e foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade, e que os dados de identificação pessoal serão tratados confidencialmente.

Rio Claro, _____ de _____ de 2011

Assinatura do participante

7.5 ANEXO 5

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **AMARILIS OLIVEIRA CARVALHO**, RG 15.914.891-1, Endereço: Rua Manoel Bernardo Medeiros, 136, Bom Clima, Guarulhos/SP CEP: 07197-030 Telefone para contato (11) 8264-9181, e a orientadora Profª Drª Suraya Cristina Darido, no desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “A Ginástica na Educação Física Escolar: elaboração e avaliação de um vídeo educacional” a realizar imagens (fotos e filmagens) que se façam necessárias e/ou colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos e imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, dissertações, apresentações e transparências), em favor das pesquisadoras acima especificadas, obedecendo ao que está previsto em Lei, como também aos direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003) e das pessoas com deficiências (Decreto nº 3.298/199), alterado pelo Decreto nº 5.296/2004).

Rio Claro, ____ de _____ de 2011.

Pesquisador responsável pelo projeto
Amarilis Oliveira Carvalho

Assinatura do participante

Visto do orientador: Suraya Cristina Darido

7.6 ANEXO 6

Mídia em DVD

Acesso na internet: www.youtube.com

Search: letpef vídeos

Vídeo: vidgin10